

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

ANA CLÁUDIA ALEXANDRE DA SILVA

**NA LINHA DO METRÔ: UM ESTUDO DOS SENTIDOS DO TRABALHO PARA AS
MULHERES QUE ATUAM COMO AMBULANTES NAS ESTAÇÕES DO METRÔ
DO RECIFE**

**RECIFE
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA CLÁUDIA ALEXANDRE DA SILVA

**NA LINHA DO METRÔ: UM ESTUDO DOS SENTIDOS DO TRABALHO PARA AS
MULHERES QUE ATUAM COMO AMBULANTES NAS ESTAÇÕES DO METRÔ
DO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro

**RECIFE
2008**

Silva, Ana Cláudia Alexandre da

Na linha do metrô : um estudo dos sentidos do trabalho para as mulheres que atuam como ambulantes nas estações do metrô do Recife / Ana Cláudia Alexandre da Silva. – Recife: O Autor, 2008.

132 folhas : il., fig., quadros

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia. Recife, 2008

Inclui: bibliografia e anexos.

1. Psicologia social. 2. Mulheres - Trabalho. 3. Trabalho feminino. 4. Trabalho informal. I. Título.

**159.9
150**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2008/44**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**NA LINHA DO METRÔ: um estudo dos sentidos
do trabalho para as mulheres que atuam
como ambulantes nas estações do metrô de Recife**

Comissão Examinadora



Profª Drª Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro
1º Examinador



Profª Drª Laura Susana Duque-Arazola
2º Examinador



Prof. Dr. Benedito Medrado-Dantas
3º Examinador

Recife, 26 de fevereiro de 2008

Dedico esta dissertação a todas as mulheres que trabalham como ambulantes no Metrô, ou que trabalharam, pois muitas foram expulsas da estação do Metrô do Barro. A estas mulheres, que de uma forma tão especial conseguiram me fazer lembrar que em meio a dificuldades, escassez e limitações também é possível brotar alegria, solidariedade, força, orgulho, como se foram flores que por milagre da natureza brotaram de um solo aparentemente infértil.

AGRADECIMENTOS

Como cristã, dou graças aos ensinamentos de Cristo, que nos momentos de dificuldades, através da fé, me deram equilíbrio e calma para lembrar de que seria capaz de superá-las.

A minha família: meu pai Elias Salvino, minha mãe Maria Alexandre, minha tia Ivone Alexandre e aos meus irmãos Salvino Alexandre e Marx Alexandre, por me ajudarem nas fases difíceis e por me compreenderem durante os momentos em que ficava mais isolada para estudar.

A todos os meus amigos e amigas pelo carinho, reconhecimento e apoio. Em especial as amigas, em ordem alfabética: Ana Cristina Alcoforado, Lindinalva Mendes, Rosário Rose, Vângela Costa, e ao amigo Djailton Cunha.

A todos os colegas e professores da FACHO, que despertaram em mim o desejo de adquirir mais conhecimento.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE, pelas experiências em sala de aula, que me fizeram buscar a superação, fundamental, para o meu crescimento como pesquisadora.

Aos colegas de turma do Mestrado em Psicologia e do Grupo de Estudos GPCOL, ambos da UFPE, pelas trocas de experiências tão importantes para a construção deste trabalho.

A todas as mulheres que participaram desta pesquisa, pela confiança em mim e por me deixarem, ao menos por algumas horas, fazer parte da história de vida de cada uma, bem como também passaram a fazer parte da minha.

A uma mulher em especial, a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, que nem por um momento sequer permitiu que eu me satisfizesse com um trabalho que não fosse o melhor que eu realmente pudesse produzir.

À FACEPE, pelo apoio financeiro essencial para a produção deste trabalho.

RESUMO

SILVA, Ana Cláudia Alexandre. Na Linha do Metrô: um estudo dos sentidos do trabalho para as mulheres que atuam como ambulantes nas estações do Metrô do Recife. Recife/PE, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Esta é uma dissertação na linha de pesquisa de Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas, que teve como objetivo central compreender e analisar os sentidos que as mulheres atribuem as atividades remuneradas que realizam como ambulantes. Para isso, procurou-se compreender os motivos que as levaram a ser ambulantes no Metrô; conhecer a importância que elas dão ao dinheiro que recebem como ambulantes e o valor deste para suas famílias; entender se cada uma delas considera as atividades que realizam na estação como seu trabalho; compreender o que elas vão fazer se chegarem a ser expulsas do Metrô; e identificar as suas expectativas profissionais futuras. Esta dissertação teve como referencial teórico a Psicologia Social de cunho Construcionista e o estudo das práticas discursivas e a produção de sentidos. Dois níveis de aproximação com o tema abordado foram utilizados como metodologia: a observação realizada na Estação do Metrô Joana Bezerra, na cidade do Recife, registrando as informações no diário de campo e as entrevistas realizadas com 10 mulheres que são ambulantes nessa mesma estação. Como resultado, observou-se que as mulheres do Metrô consideram o que fazem como trabalho. Para elas, ser ambulante é o seu trabalho, é o seu meio de sobrevivência. Essas trabalhadoras ficam no Metrô de segunda a sábado, umas de domingo a domingo, e obedecem a um horário de chegada e saída. Dessa forma, concluiu-se que apesar dessas ambulantes saberem da precariedade do trabalho que realizam, sem as garantias que um vínculo com carteira assinada oferece, elas lutam por seu espaço no Metrô, resistindo às dificuldades, como a concorrência, a falta de dinheiro para repor as mercadorias e a ameaça de serem expulsas da estação. Observou-se, também, mulheres que, mesmo considerando o que fazem como trabalho, sonham em ter um emprego “bonzinho, de carteira assinada”, outras que gostariam de ter um negócio próprio e muitas que nem sonham mais, apenas vão levando a vida e, portanto, não querem sair da estação, fazendo da atividade que desenvolve como ambulante no Metrô seu único meio de sobrevivência, seu único trabalho.

Palavras-chave: Trabalho Feminino. Trabalho Informal. Informalidade. Divisão Sexual do Trabalho.

ABSTRACT

This is a thesis in the line research of Psicossocial Processes, Power and Practical Collective, that had as objective central office to understand and to analyze the directions that the women attribute to the remunerated activities that carry through as ambulant. For this, it was looked to understand the reasons that had taken them to be ambulant in the Subway; to know the importance that they give to the money whom they receive as ambulant and the value of this for its families; to understand if each one of them considers the activities that carry through in the station as its work; to understand what they go to make to arrive themselves to be you banish from the Subway; and to identify its future professional expectations. This thesis had as referential theoretical the Social Psychology and the study of the discursive practices and the production of directions. Two levels of approach with the boarded subject had been used as methodology: the comment carried through in the Station of the Subway Joana Bezerra, in the city of Recife, registering the information in the daily one of field and the interviews carried through with 10 women who work as ambulant in this same station. As result, it was observed that the women of the Subway consider what they make as work. For they, to be ambulant is its work, is its half one of survival. These workers are in the subway from Monday to Saturday, ones from Sunday to Sunday, and obey a fond schedule of and exit. In such a way, one concluded that although these ambulant ones to know of the precariousness of the work that they carry through, without the guarantees that a bond with official register offers, they fight for its space in the Subway, resisting the difficulties, as the competition, the lack of money to retribute the merchandises and to the threat to be you banish from the station. They had been observed, also, women who, exactly considering what they make as work, dream in having a job "good job, with official register", others that would like to have a proper business and many that nor dream more, only go taking the life and, therefore, they do not want to leave the station, making of the activity that half develop as ambulant in the Subway its only one of survival, its only work.

Key-words: Feminine work. Informal work. Informality. Sexual division of the Work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Estação do Metrô Recife	51
Figura 2- Metrô em pleno funcionamento	51
Quadro 1- Dados pessoais das entrevistadas	60
Quadro 2- Dados profissionais das entrevistadas	61
Quadro 3- Convenções utilizadas.....	64
Quadro 4- Temas presentes nas falas das interlocutoras quanto à possibilidade de expulsão do Metrô	81
Quadro 5- Temas presentes nas falas das interlocutoras quanto às expectativas profissionais futuras.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1- O TRABALHO	16
1.1- A PESQUISA E A PSICOLOGIA SOCIAL DE CUNHO CONSTRUCIONISTA..	16
1.1.1- A Produção de Sentidos	19
1.2- TRABALHO: À PROCURA DE UM CONCEITO	22
1.2.1- O Debate sobre o Trabalho Formal, Informal e a Informalidade.....	24
1.2.2- As Mudanças no Mundo do Trabalho	27
1.2.2.1- Os trabalhadores por conta própria.....	31
CAPÍTULO 2- O LUGAR DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO	34
2.1- A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	34
2.2- A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO.....	36
2.3- O TRABALHO FEMININO E A INFORMALIDADE	38
CAPÍTULO 3- OS SENTIDOS QUE AS MULHERES ATRIBUEM AS ATIVIDADES REMUNERADAS QUE REALIZAM COMO AMBULANTES NA ESTAÇÃO DO METRÔ JOANA BEZERRA	42
3.1- A METODOLOGIA UTILIZADA.....	42
3.1.1- Os Procedimentos	43
3.1.2- As Interlocutoras.....	43
3.2- O COMÉRCIO DE RUA DO RECIFE.....	44
3.3- O AMBULANTE E O CAMELÔ	48
3.4- O METRÔ: O LOCAL ONDE AS NTERLOCUTORAS REALIZAM AS ATIVIDADES REMUNERADAS COMO AMBULANTES.....	51
3.5- AS MULHERES E OS SENTIDOS QUE ATRIBUEM AS ATIVIDADES REMUNERADAS QUE REALIZAM COMO AMBULANTES NO METRÔ.....	53

3.5.1- O Local Onde as Mulheres Realizam as Atividades Remuneradas como Ambulante e a Rotina Diária do Metrô	53
3.5.2 – As Interlocutoras: as Ambulantes do Metrô	60
3.5.3- As Mulheres e os Sentidos que Atribuem as Atividades Remuneradas que Realizam como Ambulantes no Metrô.....	62
3.5.4- O Encontro das Falas das Interlocutoras.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	88
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	91
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

Desde a época de graduação em psicologia que me interesse pela temática da mulher no mercado de trabalho. Até então pensava em pesquisar sobre as mulheres operárias ou executivas, em cargos de chefia. Contudo, com o caminhar de meu amadurecimento como psicóloga, como mulher e pesquisadora, comecei a me inquietar com outras perspectivas do trabalho feminino.

Como estudante, tanto do período de graduação como de pós-graduação, sempre freqüentei as estações do Metrô, e nesses momentos me chamava à atenção a quantidade de ambulantes que passam a semana toda vendendo produtos para as pessoas que utilizam esse meio de transporte. Eu pensava: como podem sobreviver e sustentar suas famílias vendendo pipocas e picolés?

Em meio a esse interesse me dei conta de que a maioria dos ambulantes que vendiam nas estações eram mulheres, inclusive algumas delas passavam o dia todo com seus filhos no Metrô. E foi dessa forma que me decidi pelo tema – estudar mulheres que trabalham na informalidade - desta pesquisa e pelo título: NA LINHA DO METRÔ - um estudo dos sentidos que as mulheres atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulantes nas estações do metrô do Recife.

Este é uma dissertação do Mestrado em Psicologia, na linha de pesquisa de Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas. Tem como objetivo compreender e analisar os sentidos que as mulheres atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulantes. Para isso, procurou-se compreender os motivos que as levaram a ser ambulantes no Metrô; conhecer a importância que elas dão ao dinheiro que recebem como ambulantes e o valor deste para suas famílias; entender se cada uma delas considera as atividades remuneradas que realizam na estação como seu trabalho; compreender o que elas vão fazer se chegarem a ser expulsas do Metrô; e identificar as suas expectativas profissionais futuras.

Esta dissertação teve como base o método de pesquisa qualitativa. Levaram-se em conta dois níveis de aproximação do tema abordado: a observação realizada na Estação do Metrô Joana Bezerra, na cidade de Recife, registrando as informações no diário de campo; e a realização de entrevistas com 10 mulheres que são ambulantes nesta estação.

Como resultado, observou-se que as mulheres do Metrô consideram as atividades remuneradas que realizam como trabalho. Para elas, ser ambulante é o seu meio de sobrevivência, seu único trabalho. Essas mulheres ficam no Metrô de segunda a sábado, umas de domingo a domingo e obedecem a um horário de chegada e saída. Durante as observações, testemunhou-se que há uma relação de companheirismo e solidariedade entre elas. Como boa parte dessas mulheres não mora nos arredores da estação, algumas alugam em grupo um espaço, como uma casa ou um quarto para guardarem suas mercadorias. Para tanto, dividem o aluguel. Quando uma das ambulantes precisa se ausentar do Metrô, as suas colegas ou tomam conta do banco vendendo a sua mercadoria, até ela voltar, ou cuidam do espaço onde fica o banco da companheira trabalhadora, para que ele não seja invadido. Ainda há as que também cuidam dos filhos das que estão ausentes, ou grávidas, ou muito ocupadas.

Boa parte das ambulantes do Metrô é separada ou mãe solteira. Outras são casadas, ou os maridos estão desempregados, ou estão doentes, ou presos, de modo que elas são as únicas responsáveis pelo sustento financeiro da casa e de sua família. Essas mulheres estão sob a ameaça de serem expulsas do Metrô. Se isto acontecer, todas elas não poderão mais continuar com seus bancos, barracas e carrocinhas na estação. Dessa forma, terão que procurar outro lugar para trabalhar como ambulante ou ficar no espaço externo, localizado fora das grades que delimitam a Estação do Metrô Joana Bezerra. As mulheres da Estação Barro, também na cidade do Recife, foram expulsas no início de dezembro de 2007. A maioria delas foi procurar outro local para continuar vendendo seus produtos.

Nessa perspectiva, se pode concluir que, apesar dessas ambulantes saberem da precariedade do trabalho que realizam, sem as garantias que um vínculo com carteira assinada oferece, elas consideram as atividades remuneradas que realizam no Metrô como seu trabalho. Resistem às dificuldades, como a concorrência, o fato de terem que sustentar sozinhas as suas famílias e a ameaça de serem expulsas da estação. Observou-se também que algumas ambulantes, mesmo considerando o que fazem como trabalho, sonham em ter um emprego “bonzinho, de carteira assinada”. Outras gostariam de ter um negócio próprio. Também há muitas que nem sonham mais, apenas vão levando a vida e, portanto, não querem sair da Estação, fazendo do trabalho de ambulante do Metrô seu único meio de sobrevivência, seu único trabalho.

O presente estudo apresenta-se organizado em três capítulos: no Capítulo I, denominado *o trabalho*, discute-se sobre o referencial teórico que norteou a pesquisa, a Psicologia Social de cunho Construcionista, e o estudo das práticas discursivas e produção de sentidos. Define-se o trabalho em nível conceitual, especificando-se qual o conceito de trabalho adotado. Discute-se a diferença entre trabalho formal, informal e a informalidade e, por fim, consideram-se as mudanças no mercado de trabalho, enfocando os trabalhadores por conta própria.

O Capítulo II, denominado *o lugar da mulher no mercado de trabalho*, enfatiza a discussão de gênero proposta pelas autoras, que teorizam sobre a divisão sexual do trabalho e a maneira como esta impacta diretamente na vida profissional da mulher, centrando-se, por fim, na realidade precária da informalidade do trabalho feminino.

O Capítulo III, denominado *os sentidos que as mulheres atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulantes na estação do Metrô Joana Bezerra*, apresenta a metodologia adotada para esta dissertação e analisa as falas das mulheres sobre as atividades remuneradas realizadas por elas como ambulantes do Metrô. Para tal, apresenta uma parte da história do comércio de Rua da Cidade do Recife; mostra a diferença entre os conceitos de ambulante e camelô; traz os dados sobre o Metrô do Recife; demonstra os aspectos presenciados durante o período de observação na Estação Joana Bezerra, o local onde as mulheres pesquisadas realizam suas atividades remuneradas como ambulantes, do tipo:

- A distribuição e localização das ambulantes estação do Metrô;
- As (os) ambulantes do Metrô;
- O funcionamento da logística destas ambulantes;
- Os produtos que são vendidos diariamente na Estação;
- As características que permeiam as relações interpessoais no ambiente da estação do Metrô;
- Os homens do Metrô e a relação com a pesquisadora.

Em seguida são apresentadas as interlocutoras. Para tanto foram construídos dois quadros com os dados obtidos sobre elas, tanto em nível pessoal quanto profissional:

- No primeiro são apresentados os dados pessoais, como idade, escolaridade, estado civil, quantidade de filhos, onde residem e a religião;
- O segundo traz informações que dizem respeito ao tempo que já trabalharam com carteira assinada, os trabalhos que desenvolveram antes de virem para o Metrô, a média de ganho mensal, tendo como parâmetro o salário mínimo, os produtos que comercializam e há quanto estão no Metrô.

Posteriormente, o capítulo traz um enfoque sobre as mulheres e os sentidos que atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulantes no metrô. Para tanto, foram escolhidas 5 mulheres¹ entre as 10 entrevistadas para enfatizar a análise. Estas foram escolhidas por apresentarem aspectos considerados importantes para a compreensão das atividades remuneradas destas ambulantes, entre eles:

- A primeira é a Gardênia, que começou a ir para o Metrô aos 9 anos e hoje está com 19, e ainda continua como ambulante;
- A segunda, Liatris, que estava desempregada e veio para o Metrô por intermédio de seus primos que já estavam na Estação há mais tempo;
- A terceira é a Tulipa, que foi para o Metrô por não querer mais trabalhar como doméstica em casa de família, pois considera este trabalho humilhante;
- A quarta é Palma, que antes de ficar no Metrô vendia água na rua, andando com o carrinho, e que já catou até garrafa e latinha para viver;
- E a última é a Margarida, que sempre foi ambulante e assim criou todos os seus 11 filhos.

Por fim, foi enfatizado o encontro das falas das interlocutoras. Para tanto, foram construídos dois quadros:

- O primeiro mostra o que as mulheres ambulantes vão fazer se chegarem a ser expulsas do Metrô;

¹ Os nomes das entrevistadas foram preservados, mantendo o caráter ético da pesquisa, que respeita o sigilo sobre as participantes, sendo substituídos por nomes fictícios.

- E o segundo apresenta as expectativas das ambulantes sobre o seu futuro profissional.

As considerações finais abordam o resumo sobre os sentidos que as mulheres atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulantes; a importância que elas dão ao dinheiro que recebem como ambulantes e o valor deste para suas famílias; se elas consideram as atividades remuneradas que realizam na Estação como seu trabalho; o que elas vão fazer se chegarem a ser expulsas do Metrô; e, as suas expectativas profissionais futuras.

Anexo são apresentados os quadros com os dados da Pesquisa Mensal de Emprego – PME sobre a Região Metropolitana do Recife nos anos de 1998 a 2007, o perfil de todas as mulheres participantes da pesquisa, o quadro com as entrevistas das interlocutoras, o termo de consentimento informado utilizado nesta dissertação, o roteiro utilizado para a observação e para as entrevistas e, finalmente, a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos.

CAPÍTULO 1

Tenho um Plano

Paula Taitelbaum

*Tenho um plano
Para cada dia da semana
Para disfarçar cada engano
Cada enguiço
Preguiça
Premissa
Percalço
Que por acaso
Me assalte
Te asfalte
Feito esmalte
Que fixa
Asfixia
Durante estes sete dias
Que se repetem por covardia.*

CAPÍTULO 1- O TRABALHO

Este capítulo apresenta o referencial teórico que norteia esta dissertação e especifica qual o conceito de trabalho adotado. Aborda, ainda, a diferença entre o trabalho formal, informal e a informalidade. Por fim, são consideradas as mudanças no mercado de trabalho, enfocando o universo dos trabalhadores que exercem sua atividade por conta própria.

1.1- A PESQUISA E A PSICOLOGIA SOCIAL DE CUNHO CONSTRUCIONISTA

Esta dissertação tem como referencial teórico a Psicologia Social de cunho Construcionista. Para RIBEIRO (2003)¹, a Psicologia Social deveria estar voltada para a prática, para o delineamento de ações que tenham um compromisso ético e político com as questões sociais. Para a autora, é uma posição que tem se afirmado contra a maneira de produzir conhecimento nas perspectivas filosóficas essencialistas por ter uma concepção representacionista do conhecimento, e por conceber uma realidade independente do acesso a ela.

Segundo RIBEIRO (2003)¹, há na Psicologia Social dois movimentos marcados por críticas ao modelo de ciência adotado pela psicologia. A idéia de movimento favorece a compreensão de que não há uma mudança ou transformação, pois os modelos nomeados como tradicionais permanecem em uso. Apesar das críticas que são direcionadas a eles, ainda estão presentes na Psicologia Social contemporânea.

O primeiro refere-se ao deslocamento do lugar de pesquisa, do laboratório para o ambiente natural, onde as coisas acontecem, motivo pelo qual foi denominado, inicialmente, de ecológico. Kurt Lewin foi o primeiro a utilizar o termo psicologia ecológica, em 1944, argumentando que o primeiro passo para compreender o comportamento dos indivíduos ou grupo é examinar as oportunidades e restrições do seu meio.

As críticas do movimento ecológico ao modelo tradicional de pesquisa, em psicologia, foram direcionadas ao fato de suas investigações serem realizadas em laboratório, o que impossibilita observar os efeitos de determinados fatores ambientais no comportamento. Essas críticas se justificam pela impossibilidade de

se reproduzirem as condições existentes no meio natural, considerando-se a frequência e duração dos eventos, além de sua intensidade e complexidade.

O segundo movimento, ainda de acordo com RIBEIRO (2003)¹, foi provocado pela insatisfação nas práticas da disciplina e na perspectiva individualista de suas teorias e métodos. Ficou conhecido como a crise da Psicologia Social. Ele ocorreu a partir dos anos sessenta, em consequência do resultado do movimento anterior. Constituiu-se a partir das críticas à perda da perspectiva cultural e social na compreensão dos fenômenos psicológicos, bem como à despolitização da disciplina.

É importante levar em conta que esses movimentos de insatisfação com o conhecimento produzido não se dão apenas na Psicologia, mas também nas outras ciências humanas. Entre as várias consequências desse movimento para as ciências sociais, de acordo com IÑIGUEZ (2004)², destaca-se a importância que passou a ser dada tanto ao conhecimento cotidiano e popular quanto ao científico, o que possibilita entender que as pessoas oferecem explicações sobre o que lhes acontece e sobre os processos sociais, que não são diferentes e nem menos importantes dos que os cientistas sociais oferecem. Outro aspecto abordado por IÑIGUEZ (2004)² é entender as práticas dos cientistas como práticas sociais. É esse um dos aspectos principais focalizados pelos estudos da sociologia do conhecimento científico.

No que diz respeito ao Construcionismo, de acordo com RIBEIRO (2003)¹, a sua perspectiva é ampla e diversificada, razão pela qual é importante especificar os princípios construcionistas privilegiados: levar em conta o contexto histórico e cultural em que o conhecimento é produzido; além de considerar que produção de conhecimento é um conjunto de práticas sociais que se traduzem em ações e influenciam a maneira de viver das pessoas.

Desta forma, a Psicologia Social de cunho construcionista tem a linguagem como foco de seus estudos. O conhecimento se produz através da linguagem em uso, que é vista como uma forma de ação, pois ao descrever e explicar o mundo constrói-se o mundo. Assim não há uma realidade externa que possa ser revelada e nem um conhecimento que não seja histórico e socialmente constituído.

Nessa perspectiva, para RIBEIRO (2003)¹, o conhecimento é considerado como uma das possibilidades e não como a maneira privilegiada de entender os problemas sociais, valorizando o conhecimento do senso comum. Assim, a proposta de ação é de uma ação conjunta, propiciada pelos espaços conversacionais e

realizada na interação social entre pessoas situadas em diferentes posições e com diversos tipos de conhecimento. A ação conjunta não significa que as relações sejam simétricas, ou que não envolvam relações de poder. Entretanto, o mais importante é considerar como se dão essas relações, inclusive a possibilidade de resistir a elas.

Segundo a autora, a pesquisa, nesta perspectiva, também é entendida como ação que se dá como qualquer outra prática social. Realiza-se como uma atividade cotidiana, onde a negociação de sentidos se produz entre diversas pessoas, presentes ou ausentes, num processo de interanimação dialógica. Desta forma, para RIBEIRO (2003)¹, o construcionismo constituiu um referencial que procura entender o mundo socialmente construído, o que repercute também na sua forma de produzir conhecimento. A primeira característica a ser levada em conta, como princípio construcionista, é considerar qualquer conhecimento como socialmente construído. Esse aspecto é claramente delineado por GERGEN (1985)³, um dos psicólogos sociais precursores dessa perspectiva. A ênfase é que o conhecimento se dá na prática social.

É importante considerar que o construcionismo não é homogêneo – existe uma diversidade de posicionamentos sob o título de Construcionismo Social –, como também não é o fenômeno exclusivo da Psicologia. Segundo SPINK (2003)⁴, há um expressivo desenvolvimento desta perspectiva nas ciências sociais e, inclusive, em setores das chamadas ciências naturais.

O que a perspectiva construcionista pretende criticar é a concepção de um conhecimento cristalizado e permanente e considera que “as teorias e explicações psicológicas ou sociológicas também são produtos de um tempo e de uma cultura determinada e não podem jamais ser vistas como descrições definitivas da natureza humana (IÑIGUEZ, 2004)². Ao falar em artefatos sociais e situá-los nas relações sociais, como resultado da cooperação entre as pessoas, opõe-se à universalização e também à:

“Visão representacionista do conhecimento, à qual tem como pressuposto a concepção de mente como espelho da natureza (Rorty, 1979/1994); e por outro lado adotar a concepção de que o conhecimento não é uma coisa que as pessoas possuem em sua cabeça, e sim algo que constroem juntas.” (SPINK E FREZZA, 2004, p. 27)⁵.

Na pesquisa construcionista, o conhecimento e a realidade estão intrinsecamente relacionados, e a única via de acesso é por meio dos discursos e práticas que os delimitam, ou seja, não há uma realidade externa que possa ser revelada e nem um conhecimento que não seja histórica e socialmente construído.

A perspectiva construcionista, para RIBEIRO (2003)¹, leva em conta a incerteza da ação. Só assim é possível realizar projetos de pesquisa e intervenção que tenham uma postura ética e política com relação às pessoas envolvidas nessa ação. Enquanto isso, uma perspectiva cartesiana se arma de uma série de pressupostos e planejamentos que impedem a realização de uma ação conjunta e, assim, os cientistas se revestem do poder de seus artefatos. Isto não quer dizer que mesmo numa perspectiva construcionista não se estabeleçam relações de poder entre pesquisador e pesquisado, pois estas são, em muitas pesquisas, relações assimétricas.

De acordo com RIBEIRO (2003)¹, um dos postulados construcionistas afirma que a transformação de um determinado conhecimento depende de um esforço conjunto de comunicação, negociação, argumentação, que são inerentes aos processos sociais, e que esse conhecimento tem implicações na vida das pessoas. Assim, a Psicologia Social, pautada por uma perspectiva construcionista, pode colaborar com a transformação social, produzindo conhecimentos conjuntos e apoiados pela dialogia, que questionem as verdades absolutas e que estejam comprometidos ética e politicamente, para que assim possam proporcionar outras aberturas às práticas sociais.

1.1.1- A Produção de Sentidos

Esta dissertação tem como foco o estudo dos sentidos que as mulheres atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulantes no Metrô do Recife. Para tanto, enfatizou-se o estudo das práticas discursivas e produção de sentidos, numa perspectiva construcionista. De acordo com SPINK e MEDRADO (2004)⁶, o estudo das práticas discursivas e produção de sentidos entende a linguagem como uma prática social, focaliza, assim, a linguagem em uso, o seu aspecto performático, ou seja, a maneira como as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações sociais cotidianas.

“o sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta.” (SPINK E MEDRADO, 2004, p.41)⁶

Os autores propõem que a produção de sentidos não seja uma atividade cognitiva intra-individual, mas sim uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso.

Para MENEGON (1998)⁷ e SPINK (2003)⁴, as reflexões sobre a produção de sentido como prática social têm como pressuposto que o sentido dado aos fenômenos que integram o cotidiano das pessoas expressa-se também nas ações e nos posicionamentos frente a si mesmas e ao mundo. A produção de sentido, por sua vez, constitui-se num processo que articula três tempos distintos: o tempo histórico (das formações discursivas de uma época remota), o tempo vivido (dos processos de socialização primária e secundária) e o tempo presente (das inter-relações). Nessa perspectiva, tenta-se entender as práticas discursivas que fazem parte do cotidiano, assim como os repertórios que constituem essas produções lingüísticas.

Para RIBEIRO (2003)¹, a linguagem como prática social se constitui dialogicamente na interação entre interlocutores, rejeitando as concepções essencialistas e estruturalistas. A oposição a essas duas formas de entender a linguagem é explicitada por BAKHTIN (1997)⁸ em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que as denomina respectivamente subjetivismo idealista e objetivismo abstrato.

De acordo com RIBEIRO (2003)¹, o diálogo entre interlocutores constitui o campo de estudo sobre a interação verbal entre sujeitos e sobre a intersubjetividade. Desta forma, há certos aspectos que devem ser considerados nessa concepção:

- 1- A interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem;
- 2- O sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos;
- 3- A intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os sujeitos produtores do texto.

Em se tratando do discurso, para POTTER (1990)⁹, o termo é usado para se referir as formas de textos e falas, sejam eles textos escritos, conversas naturais do cotidiano ou material de entrevistas. Para a Psicologia de cunho Construcionista todas as formas de interação social baseadas na linguagem são importantes. O discurso é tratado como um potente meio orientado pela ação e não um canal transparente de informação.

A análise de discurso não é uma técnica fixa e prescritiva, ou seja, não tem receitas a serem seguidas. POTTER (1990)⁹ ressalta a importância de que o pesquisador deve limitar-se a somente aquilo que está presente no discurso, não o extrapolando, ou seja, não “ler entre as linhas”, construindo o que não está ali, mas considerar exclusivamente o que está presente;

Entre os elementos constitutivos das práticas discursivas, à medida que se fundamentam na linguagem em uso, estão os enunciados, entendidos como o aspecto dinâmico dessas práticas: “o enunciado é o ponto de partida para a compreensão da dialogia” (SPINK & MEDRADO, 2004:46)⁶.

Segundo RIBEIRO (2003)¹, o enunciado não é a simples frase ou palavra pois esta, apesar de ter um significado lingüístico, não é suficiente para a compreensão dos sentidos, que só podem ser considerados no contexto da produção da fala. O enunciado, então, se caracteriza pela relação entre o falante e os outros participantes da situação de comunicação, pois isso só pode ser compreendido no contexto da enunciação. Para BAKTHIN (1997)⁸, a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente a estrutura da enunciação.

O enunciado está estreitamente vinculado à noção de voz, por conceber que um enunciado só pode ser produzido por uma voz, que não existe isolada, sempre responde a outras vozes.

As características dessas outras vozes é que vão determinar o estilo do enunciado, o que BAKTHIN (1997)⁸, denomina de gêneros de fala (*speech genres*). Entretanto, o aspecto a ser ressaltado é o direcionamento do enunciado para a ação, é o efeito do estilo utilizado, ou seja, a ação que o enunciado quer produzir.

É neste sentido que, para RIBEIRO (2003)¹, toda enunciação é considerada um ato de fala, ou seja, o que falamos ou escrevemos está direcionado para uma ação, queremos fazer algo com essas palavras. Essas considerações nos remetem ao aspecto performático da linguagem, apontando inicialmente, ao estudo das

práticas discursivas que podem focalizar tanto a ação que se realiza no ato de fala, como os conteúdos utilizados para realizar tal ação, que são os repertórios. Estes são os conjuntos de possibilidades demarcadas pelo contexto em que surgem essas práticas discursivas e que proporcionam o uso de determinados estilos e gêneros de fala.

Segundo SPINK e MEDRADO (2004)⁶, é importante entender que a polissemia característica da linguagem emerge nas práticas discursivas, no uso de diferentes repertórios, muitas vezes contraditórios, mas principalmente associados à ação que se quer realizar. Entretanto, isso não quer dizer que não haja tendência à hegemonia ou que os sentidos produzidos tenham igual poder de provocar mudanças.

1.2- TRABALHO: À PROCURA DE UM CONCEITO

Como forma de entender melhor os sentidos que as mulheres atribuem as atividades remuneradas que realizam como ambulantes do Metrô, procurou-se compreender o conceito, ou significado do trabalho. Nesta perspectiva, foi adotada para esta dissertação a definição do que vem a ser o trabalho proposto por ALBORNOZ (2002)¹⁰. Para esta autora.

O trabalho do homem aparece cada vez mais nítido quanto mais clara for a intenção e a direção do seu esforço. Trabalho neste sentido possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado, para a realização de objetivos; onde até mesmo o objetivo realizado, passa a ser chamado trabalho. Trabalho é o esforço e também o seu resultado: a construção enquanto processo e ação, e o edifício pronto. (ALBORNOZ, 2002, p.11-12)¹⁰.

Adotou-se esta definição de ALBORNOZ (2002)¹⁰, uma vez que se pensou o trabalho enquanto ativo, firmado, desejado, com clareza de intenção e direção, produtivo e que estrutura a vida das pessoas. Contudo, ao se pensar no trabalho numa sociedade capitalista, a lógica do sistema produtor de mercadorias, para ANTUNES (1999)¹¹, vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo destrutivo que tem gerado uma imensa precarização do trabalho e o aumento do número de desempregados.

Segundo autor, as mudanças na relação capital e trabalho impactam profundamente a sociedade. Esse processo, ao provocar o surgimento do desemprego estrutural e das mais variadas formas de precarização do trabalho, atinge o elemento fundamental que estrutura a vida das pessoas, qual seja, o próprio trabalho. Ainda segundo ANTUNES (1999)¹¹, a natureza das inovações tecnológicas e organizacionais, juntamente com o reduzido crescimento econômico – próprio de uma fase do capitalismo caracterizada pela mais absoluta hegemonia do capital financeiro e, por decorrência, de sua lógica de funcionamento – determina a existência de elevadas taxas de desemprego e a ampla disseminação de um processo de precarização do trabalho. No limite, está-se criando uma grande massa de indivíduos dispensáveis, não exploráveis pelo capital; indivíduos cuja força-de-trabalho não possui valor-de-troca no mercado, e cujo trabalho, de forma autônoma, não consegue nem mesmo se materializar em mercadorias vendáveis.

Para o autor, o desemprego estrutural se expressa na persistência das elevadas taxas, apesar de algum crescimento econômico, e na ampliação do tempo médio no qual os indivíduos ficam sem ocupação produtiva. Ele atinge os diversos grupos sociais/étnicos de forma diferenciada, sendo maior entre os jovens, as mulheres e os negros. Essa mesma discriminação ocorre com o fenômeno do subemprego; o trabalho em tempo parcial, temporário ou sub-remunerado, e sem a mínima garantia de direitos sociais, é exercido, principalmente, por esses mesmos segmentos sociais.

A precarização do trabalho também ocorre para os que conseguem ter ocupação, e se expressa na maior extensão e intensificação da jornada de trabalho, traduzida no aumento das horas-extras e no crescimento do estresse, e numa menor remuneração.

Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT)¹², ele (o trabalho) é a via fundamental para a separação da pobreza e da exclusão social. E, neste caso, não qualquer trabalho, mas, sim, o trabalho decente, entendido como uma ocupação produtiva, adequadamente remunerada, exercida em condições de liberdade, equidade, segurança e que seja capaz de garantir uma vida digna. Desta forma, segundo a OIT¹², a pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego e às desigualdades existentes na sociedade. O trabalho, ao lado do acesso aos serviços e equipamentos sociais básicos, tais como saúde, educação, moradia e saneamento básico, é a via fundamental para a superação da pobreza. O fato de ter

acesso a um trabalho, assim como as condições em que esse é exercido, são fatores determinantes das possibilidades que os indivíduos e os grupos sociais têm de evitar ou superar uma situação de pobreza e exclusão social. O desemprego, o emprego precário ou mal remunerado, instável, exercido muitas vezes em condições desumanas e degradantes, são elementos essenciais para explicar porque as pessoas vivenciam uma situação de pobreza. Ao contrário, ter um trabalho digno é a via fundamental para sair dessa situação.

Nesta perspectiva, ter um trabalho digno ou decente significa possuir um trabalho adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, livre de qualquer tipo de discriminação e capaz de garantir uma vida digna para todas as pessoas que vivem do seu trabalho e que necessitam de um trabalho para viver. As noções de equidade e a necessidade de eliminar todas as formas de discriminação no trabalho estão, portanto, no centro da definição da OIT¹¹ sobre trabalho decente.

No Brasil, segundo SABADINI (2002)¹³, o trabalho formal teve sua origem com o advento da industrialização, século XVIII e XIX, a partir do qual foram organizadas as atividades e suas respectivas remunerações. O contrato de trabalho foi instituído no século XX – e foi por intermédio dele que foram definidas as regras que permeiam a relação entre empregados e empregadores. Foi no Governo de Getúlio Vargas que surgiu a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Nela o trabalhador passou a ter direitos garantidos como: férias, 13º salário, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), aposentadoria, entre outros.

1.2.1- O Debate Sobre o Trabalho Formal, Informal e a Informalidade

De acordo com DEDECCA (2007)¹⁴, em 2006 mais de 87 milhões de pessoas com trabalho, no Brasil, tinham ocupações remuneradas. Dessas, uma importante parcela – 30,2 milhões, incluindo autônomos, empregados domésticos e pequenos negócios com baixo nível de organização – formavam o chamado setor informal.

Para DEDECCA (2007)¹⁴, quando se fala em setor informal da economia, muitas pessoas pensam logo nos trabalhadores autônomos situados nas faixas mais pobres (camelôs, vendedores ambulantes, prestadores de serviços, empregados

domésticos, artesãos e outros). Esse setor, porém, é mais amplo: inclui os pequenos “negócios”, registrados ou não, individuais, familiares ou com até cinco empregados, caracterizados por produção em pequena escala e baixo nível de organização. Além disso, fazem parte desse grupo profissionais de empresas, que trabalham sem vínculo empregatício. O setor informal engloba as “unidades de produção” de pequeno porte, que atuam à margem dos segmentos modernizados da economia.

De acordo com os estudos desse autor, a noção de setor informal foi formulada de início pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), a partir de um levantamento de campo realizado no Quênia, na África, no final dos anos 1960. Então, de modo bastante simples, ela considerava somente as atividades em pequenos estabelecimentos, ou baseadas no trabalho autônomo nas áreas urbanas, que tinham como objetivo a sobrevivência das pessoas diretamente envolvidas.

Os resultados desses levantamentos consolidaram a noção de setor informal urbano, cujas características fundamentais eram a estratégia de sobrevivência das pessoas envolvidas e os baixos níveis de produtividade. Nesta perspectiva, o propósito das atividades do setor informal era a sobrevivência daqueles que delas participavam, os quais, em sua maioria, tinham pouca perspectiva em termos de crescimento e desenvolvimento.

Era parte da noção de setor informal a aceitação de certas tendências da dinâmica capitalista do pós-guerra, dominada por médias e grandes empresas que se apropriavam crescentemente dos mercados existentes, destruindo os pequenos negócios. Estes, para sobreviver, precisavam buscar segmentos que as médias e grandes empresas ainda não pudessem explorar. A trajetória dos países latino-americanos chancelava essa visão, pois na época o processo de industrialização apresentava um avanço expressivo na região, com uma presença importante das empresas produtivas multinacionais. O que se sabia sobre os impactos da transformação econômica na estrutura produtiva permitia estabelecer que as atividades do setor informal tivessem um papel complementar no processo de consolidação e dominância das médias e grandes empresas nacionais e internacionais.

Para DEDECCA (2007)¹⁴, a crise do emprego – ou do trabalho formal - nos países desenvolvidos se traduziu, a partir do início dos anos de 1980, em redução da proteção social ao trabalho. Esse processo foi transferido para a América Latina através das instituições internacionais de desenvolvimento, iniciando-se uma

pressão para a redução da regulação pública sobre os contratos e as relações de trabalho em alguns países, entre eles, o Brasil. Tanto nas economias desenvolvidas quanto nas periféricas, a pressão, visando à regulação pública, apoiava-se em dois argumentos principais. O primeiro usava como justificativa o elevado desemprego existente, defendendo que normas mais flexíveis de contratação no trabalho (ou seja, menores garantias de direitos sociais) permitiriam superar o problema. O segundo era associado à suposta existência de um custo elevado – imposto pela regulação pública – para a contratação do trabalho, o que alimentava tanto o desemprego quanto a proliferação de contratos estabelecidos à margem das determinações legais.

Nos países latino-americanos, a crise econômica expulsou trabalhadores que estavam ocupados nas grandes empresas, criando um desemprego aberto, mais comum em países desenvolvidos. Ao mesmo tempo, a perda de capacidade de absorção de mão-de-obra pelas médias e grandes empresas fez do setor informal o espaço definitivo para a ocupação de parcelas crescentes da população. No Brasil, em 2005, o setor informal correspondia a pouco menos da metade da população ocupada em atividades não-agrícolas e remuneradas. Contudo, ampliaram-se as formas de trabalho sem proteção social, isto é, à margem da regulação pública existente sobre os contratos e as relações de trabalho. Esse movimento alimentou a noção de informalidade, que expressa a totalidade das situações ocupacionais sem proteção social. Tais ocupações não fazem parte, necessariamente, do universo de atividades em que se baseou a noção original de setor informal formulada no final dos anos 60. Ainda em 2005, praticamente a metade da população ocupada em atividades remuneradas estava na informalidade, ou seja, não contribuía para a previdência. O chamado setor informal, porém, divide-se entre contribuintes e não-contribuintes.

Para o autor, a noção de informalidade está relacionada ao não cumprimento das normas de proteção aos trabalhadores, basicamente, à ausência de contribuição para a previdência social e outros fundos que beneficiam a força de trabalho. A informalidade emerge, nos países desenvolvidos, de uma situação de desemprego com forte presença da mão-de-obra imigrante vinda das antigas colônias. O fim do crescimento das economias centrais reduz a demanda por mão-de-obra de baixa qualificação, quebrando um movimento de absorção de trabalhadores imigrantes em atividades de baixa remuneração. Antes ocupados na

franja do mercado de trabalho, os imigrantes tornaram-se desempregados, enquanto os trabalhadores nascidos no país passaram a competir pelos postos de trabalho de menor qualificação.

De acordo com DEDECCA (2007)¹⁴, de um total de 80,86 milhões de pessoas ocupadas em atividades agrícolas e não-agrícolas (com remuneração), 39,53 milhões estavam em situação de informalidade. Isso corresponde a 49% da população ocupada e com remuneração. Existiam ainda no país, em 2005, 6,28 milhões de pessoas que trabalhavam para consumo próprio, atuavam em construções para uso próprio e tinham outras ocupações não remuneradas. Os trabalhadores em ocupações remuneradas e que não contribuíam para a previdência, em 2005, distribuíam-se por todos os setores da economia brasileira.

É importante salientar que esta discussão proposta por DEDECCA (2007)¹⁴, para diferenciar a informalidade do setor informal, não foi encontrada em nenhuma outra obra. As considerações feitas por este autor são bastante didáticas, contudo, os outros autores pesquisados, cujos estudos têm como foco a relação de trabalho formal e informal, tomam o significado de informalidade e setor informal como sinônimos.

Esta dissertação trata do trabalho na informalidade, ou seja, relacionado ao não cumprimento das normas de proteção aos trabalhadores, basicamente a ausência de contribuição para a previdência social e outros fundos que beneficiam a força de trabalho.

1.2.2- As Mudanças no Mundo do Trabalho

Para ANTUNES (1999)¹¹, o capitalismo vem passando por um processo de transformação chamado de reestruturação produtiva. Ele pode ser sintetizado no ideal da “acumulação flexível”, isto é, o capital, em seu movimento de valorização, deve estar livre de empecilhos e restrições de quaisquer naturezas.

Segundo HARVEY (1993)¹⁵, essa flexibilidade deve ser alcançada em todas as esferas e dimensões da acumulação: flexibilidade espacial, com a derrubada das restrições de entrada e saída, de capitais e mercadorias, nos diversos países e regiões; flexibilidade temporal, com a criação de novos e impressionantes meios de comunicação e de produção de informações; flexibilidade produtiva, das máquinas,

equipamentos e da mão-de-obra; a flexibilidade no uso e na contratação e dispensa da mão-de-obra, com a total desregulamentação do mercado de trabalho, de acordo também com as variações da demanda; como também, flexibilidade da jornada de trabalho e da remuneração dos trabalhadores. Enfim, para o capital, total liberdade de movimento, contratação e exploração da força-de-trabalho.

Ainda segundo o autor, esta precarização do trabalho também ocorre para os que conseguem ter ocupação, e se expressa na maior extensão e intensificação da jornada de trabalho, traduzida no aumento das horas-extras e no crescimento do estresse, e numa menor remuneração.

Como consequência, algumas formas pretéritas de trabalho, próprias dos momentos iniciais da produção capitalista, retornam com força, como é o caso do “trabalho em domicílio” e do trabalho do menor. E isto ocorre tanto nos países atrasados quanto naqueles desenvolvidos, tanto em setores tradicionais como o têxtil e o de calçados, quanto nos ditos modernos, como a microeletrônica, por exemplo.

No Brasil, de acordo com os dados da PME, o crescimento do percentual de postos de trabalho precário e “não-protégidos” no total é, normalmente, associado às mudanças ocorridas na estrutura setorial do emprego no período. Essas transformações setoriais começaram a ter lugar já no início da década de 1990, com a abertura paulatina da economia, que ensejou um processo de enxugamento da estrutura produtiva, na indústria de transformação, com vistas a dotar de competitividade os produtos brasileiros nos mercados do exterior. Uma das práticas mais difundidas foi a dita “terceirização”, que contribuiu para o crescimento do setor de serviços.

Para FERREIRA e RAMOS (2005)¹⁶, a década de 1990 também foi marcada por grandes mudanças no funcionamento do mercado de trabalho, acarretadas por significativas transformações ocorridas no cenário econômico nacional. A combinação de diferentes políticas e contextos macroeconômicos afetou o comportamento de diversas variáveis do mercado de trabalho, implicando rupturas no padrão histórico de comportamento. Com a implementação do Plano Real, que, principalmente em sua primeira fase, gerou uma supervalorização da moeda, ajustes ainda mais profundos em termos da busca de um aumento de produtividade se fizeram necessários, ensejando o prosseguimento da relação setorial do emprego.

Para esses autores, as conseqüências dessas medidas, no que tange ao ajuste no mercado de trabalho brasileiro, geraram o aumento nas taxas de desemprego e de informalidade, associados à precarização das condições de vida e de trabalho. A reduzida capacidade de criação de novos investimentos e, portanto, de novos empregos nos anos de 1990, nos indica que a informalidade tem servido como um amortecedor contra o impacto da reestruturação. Há que se destacar também, o deslocamento do peso econômico da indústria para os setores de comércio e serviços que alterou a estrutura de produção brasileira e, conseqüentemente, a demanda por força de trabalho.

Desta forma, de acordo com FERREIRA e RAMOS (2005)¹⁶, o crescimento da informalidade metropolitana é associado, em boa medida, ao fato de que os anos de 1990 a 2000 testemunharam mudanças profundas na estrutura ocupacional metropolitana. Houve uma vasta gama de alterações, que, ao menos em uma primeira análise, podem ser sintetizadas pelo exame do comportamento de dois setores emblemáticos da economia: a indústria de transformação e o setor de serviços.

Ainda segundo os autores, por um lado, a indústria de transformação, que foi, sem dúvida, o segmento, mais afetado pelo processo de abertura e exposição da economia à concorrência internacional, além da migração para áreas não-metropolitanas, experimentou uma perda de importância relativa, com sua participação do nível de ocupação.

Diante deste contexto, parece lícito argumentar que o fato de a inserção informal e da informalidade no mercado de trabalho ter crescido de forma substantiva na década de 1990 – até atingir o quadro de 2002, quando o total de assalariados sem carteira assinada e trabalhadores por conta própria era superior em quase todos os meses do ano, de acordo com os dados da PME, ao de assalariados com carteira – esteja diretamente ligado à realocação setorial de trabalho. Nesse ínterim, a razão de ser para esse raciocínio deve-se às características dos postos de trabalho em cada um desses setores: enquanto a indústria contrata majoritariamente através do assalariamento com carteira assinada – em torno de 70% dos vínculos trabalhistas na indústria eram dessa natureza em 2002 – o oposto acontece com o segmento de serviços, onde o grau de informalidade era superior a 50% nesse mesmo ano.

Segundo os estudos de SABADINI (2002)¹³, ULYSSEA (2005)¹⁷ e FERREIRA e RAMOS (2005)¹⁶, para respaldar as evoluções do grau de informalidade na indústria e serviços faz-se necessário refletir sobre três observações dignas de destaque: o setor de serviços sempre foi, ao longo do período analisado, muito mais marcado pela informalidade do que a indústria de transformação; o grau de informalidade no segmento de serviços, além de mais elevado, manteve-se praticamente inalterado de 1991 a 2002, em níveis sempre superiores a 50%; a indústria de transformação, apesar de ter um grau de informalidade bem inferior ao do setor de serviços, experimentou elevações ao longo do período.

Para estes autores, a importância desses setores, da indústria e dos serviços, para o entendimento do fenômeno da informalidade não pode ser compreendida apenas na esfera de um efeito-composição associado à realocação setorial do emprego – o setor de serviços cresceu e a indústria encolheu. Na verdade, enquanto o crescimento do setor de serviços tem um efeito claro e simples de ser entendido, a questão do encolhimento da indústria é um pouco mais complexa, pois ocorreu em meio a um crescimento da informalidade do setor, o que contribui para minar a intuição básica da importância, muitas vezes atribuída à realocação setorial.

Apesar da diminuição em termos absolutos da ocupação, o número de postos de trabalho na informalidade na indústria aumentou entre 1991 e 2002. De modo que, em média, existe pelo menos um trabalhador na informalidade para cada trabalhador no setor formal. Apesar da heterogeneidade, o processo de informalidade pode ser representado empiricamente por duas categorias de trabalhadores predominantes: os assalariados sem registro e os trabalhadores por conta própria.

É importante ter clara a gravidade da situação, até porque algumas vezes a informalidade é defendida como “uma solução, e não um problema”. Vale destacar aqui que boa parte da informalidade – o assalariamento sem a carteira – pode ser na verdade, ilegalidade, visando ao não-pagamento de encargos. Adicionalmente, o trabalho autônomo – o outro componente do contingente de trabalhadores na informalidade – no mais das vezes sinônimo de trabalho precário, é uma estratégia de sobrevivência em circunstâncias em que o mercado de trabalho não consegue gerar empregos com um mínimo de qualidade em quantidade suficiente, e com

características adequadas aos seus atributos/dotações/habilidades. Nesses termos, é difícil aceitar a tese da informalidade como solução.

Merece especial atenção, nestes estudos, a observação do que acontece nas regiões metropolitanas, em especial no Recife. Quando se limita à análise da evolução da informalidade às Regiões Metropolitanas, usando os dados da PME – observando-se a posição na ocupação de 1998 a 2007, ver-se-á que em quase todos os meses destes anos, no Recife, o somatório da quantidade de trabalhadores sem carteira assinada e por conta própria é sempre superior ao quantitativo de trabalhadores com carteira assinada².

1.2.2.1- Os trabalhadores por conta própria

O aumento de pessoas desempenhando atividades por conta própria é estimulado pelo crescente processo de desregulamentação do mercado de trabalho que vem provocando uma redefinição nas regras de assalariamento reorientada para a flexibilidade da jornada de trabalho, da remuneração e da função desempenhada pelo trabalhador.

ULYSSEA (2005)¹⁷ cita como fatores que também estimulam o ingresso nas atividades na informalidade por conta própria o racionamento dos empregos assalariados, a ausência de políticas públicas compensatórias, a oportunidade de ganhos superiores aos dos empregados assalariados de média e baixa qualificação, a expansão das atividades de serviços e a estratégia de sobrevivência das pessoas que têm dificuldades de buscar um outro emprego e/ou ingressar no mercado de trabalho.

Esse processo acaba criando e recriando uma gama de formas de trabalho bastante heterogênea. Como já foi citado, o trabalho em domicílio e o trabalho temporário organizado através de empresas subcontratadas. O grupo ocupacional dos trabalhadores por conta própria está geralmente na produção ou na prestação de um serviço e são, ao mesmo tempo, patrões e empregados de si mesmo.

Para o autor, muitas vezes os trabalhadores autônomos, possuem familiares e/ou ajudantes-assalariados, pois necessitam de força de trabalho assalariada para

² Ver anexo A.

o funcionamento de sua atividade. A lógica de sua atuação no mercado prende-se à sobrevivência, à obtenção de um montante de renda que lhes permita o sustento de si e de sua família, não tendo como meta explícita a acumulação ou a obtenção de uma rentabilidade de mercado. Esse tipo de inserção reflete a escassez de postos de trabalho formais na economia e constitui, em determinadas situações, uma alternativa à miséria. Existem inúmeras sub-ocupações nas atividades dos trabalhadores por conta própria, dentre as quais podemos citar: os profissionais liberais que trabalham em firmas; proprietários de negócios no comércio, entre outros.

CAPÍTULO 2

Lição de Casa *Flora Figueiredo*

*Você tampa a panela, dobra o avental,
deixa a lágrima secar no arame do varal.
Fecha a agenda, adia o problema,
atrasa a encomenda,
guarda insucessos no fundo da gaveta.*

*A idéia é tirar a tarja preta
e pôr o dedo onde se tem medo.*

*Você vai perceber
que a gente é que faz o monstro crescer.
Em seguida superar o obstáculo,
pois pode-se estar perdendo
um espetáculo acontecendo do outro lado.*

*Atravessar o escuro
até conseguir tatear o muro,
que é o limite da claridade.*

*Se tiver capacidade para conquistá-la,
tente retê-la o mais que puder.*

*Há que ter habilidade, sem esquecer
que a luz é mulher.*

*Do inferno assim desmascarado, é hora de voltar.
Não importa se é caminho complicado, se a curva é reta,
ou se a reta entorta.*

*Você buscou seu brilho, voltou completa;
jogou a tranca fora, abriu a porta.*

CAPÍTULO 2- O LUGAR DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

2.1- A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Este capítulo aborda sobre o lugar da mulher no mercado de trabalho. Para tal, enfatizou-se a discussão de gênero proposta pelas autoras que teorizam sobre a divisão sexual do trabalho; tratou-se da mulher no mercado de trabalho; e, por fim, traz como foco o trabalho feminino e a informalidade.

De acordo com BRUSCHINI (2001)¹⁸, no final do século XIX, com a Revolução Industrial, o trabalho passou a ser dividido em duas esferas distintas: de um lado a unidade doméstica, de outro a unidade de produção.

A essa fragmentação correspondeu uma divisão sexual do trabalho, cabendo ao homem o trabalho produtivo extralugar, pelo qual passou a receber um salário, enquanto à mulher coube o trabalho reprodutivo, ou seja, a realização das tarefas relativas à reprodução da força de trabalho, sem remuneração.

Segundo KERGOART (2002)¹⁹, o trabalho é o desafio das relações sociais de sexo. Nesse sentido, ela não considera apenas o trabalho assalariado ou profissional, mas o trabalho enquanto produção de vivência – incluindo tanto o trabalho profissional, quanto o trabalho doméstico, o qual ela chamou de “modo de produção doméstica”, caracterizado pela total disponibilidade da mulher à família, seja em se tratando das tarefas de ordem prática (lavar, cozinhar, etc.), como também de cuidar afetivamente da família. É neste modelo que se processa o trabalho doméstico.

Sob esta linha de argumentação, a autora instiga a uma reflexão da divisão sexual do trabalho, que é reconhecida pela delimitação prioritária do homem ao trabalho produtivo e da mulher ao trabalho reprodutivo, acrescido do fato de que são destinadas aos homens as funções de maior valor social agregado. Desta forma, há uma separação dos trabalhos destinados aos homens e os destinados às mulheres.

Para KERGOART (2002)¹⁹, a divisão sexual do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio da separação – tem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e o princípio hierárquico – um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher.

Ainda segundo a autora, estes princípios organizadores se encontram em todas as sociedades estudadas, por outro lado, um aspecto fundamental é que constatamos uma grande variabilidade das modalidades da divisão sexual do trabalho, no espaço e no tempo. Mais uma vez, nesta perspectiva, as diferenças constatadas entre as práticas dos homens e das mulheres são devidas a construções sociais, e não relevam uma casualidade biológica.

Assim, da mesma forma que a da divisão social do trabalho estabelece a desigualdade, dividindo a sociedade em proprietários e não-proprietários dos meios de produção, a divisão sexual do trabalho distribui os gêneros para atividades desiguais, onde umas são mais valorizadas que as outras, entre o mundo da produção e o da reprodução. A permanência dessa fragmentação entre o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo tem como uma das causas fundamentais a ideologia, que oculta a diferenciação entre a biologia e a história, privilegiando o papel reprodutivo feminino, em detrimento da sua intervenção no mundo social.

Relacionando à ideologia ao trabalho doméstico na sociedade, BRUSCHINI (2001)¹⁸ faz a constatação de que a ideologia transformou a rígida divisão sexual do trabalho em uma divisão natural, própria à biologia de cada sexo. A mistificação do papel de esposa e mãe concretizou-se mais facilmente na medida em que casa e família passaram a significar a mesma coisa, apesar de na verdade não o serem. Enquanto a casa é uma unidade material de produção e consumo, a família é um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos e psicológicos. A contradição entre a vida doméstica e a vida em família pode, no caso das mulheres, legitimar a naturalidade do trabalho doméstico como se ele fosse um trabalho para a família e não um trabalho da casa e, portanto, um trabalho que já é social.

Quando HIRATA (2004)²⁰ diz que o trabalho doméstico está no cerne da opressão feminina, entende-se que isto diz respeito ao fato de ser uma responsabilidade individual, familiar, que não se pode abstrair, necessária aos seres humanos, aos trabalhadores, uma responsabilidade social oculta, que o sistema econômico não pode dispensar e que permanece ao nível do privado.

A alocação do trabalho doméstico, na esfera do privado, coloca a mulher numa dupla opressão: a de cidadã, como trabalhadora, e a de gênero feminino, como responsável pelo trabalho da casa, que a distancia da produção, da vida social e política. Segundo os estudos de HIRATA (2000)²¹, o trabalho doméstico pode ser fonte de prazer em sua realização, na opção de fazer seu próprio alimento ou da

família, na organização e arrumação da casa, no cuidar das crianças. Como pode também ser fonte de opressão. Nesse sentido, a penalização para as mulheres dependerá da classe social a que pertencem, do número de pessoas para auxiliá-las, dos aparelhos eletrodomésticos que dispõe para a execução das tarefas e, principalmente, do número de pessoas na família, e a faixa etária delas, como crianças e pessoas idosas. Portanto, o impacto deste trabalho tem uma interferência decisiva na vida pessoal e profissional das mulheres, afetando sua saúde, sobretudo pela configuração de uma dupla jornada de trabalho.

2.2- A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Do ponto de vista da demanda do mercado, segundo AQUINO, MENEZES e MARINHO (1995)²², a expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização configuraram, nos anos setenta, um momento de grande crescimento econômico, favorável à incorporação de novos trabalhadores, inclusive os do sexo feminino. Já nos anos oitenta, marcados pela recessão e desemprego, a concentração das trabalhadoras em guetos ocupacionais que se expandiram apesar das crises econômicas poderia explicar a persistência da atividade feminina. As análises sobre o comportamento do mercado de trabalho brasileiro nesse período revelaram a ocorrência de um intenso processo de terceirização da economia brasileira, que provocou a expansão de atividades econômicas nas quais as mulheres sempre encontraram maior espaço de inserção, o que evitou que elas fossem expulsas do mercado de trabalho devido às crises.

Contudo, é possível afirmar, que a participação das mulheres no mercado de trabalho, ao longo dos anos setenta e oitenta, foi marcada tanto pelo aumento significativo do número de trabalhadoras e pela diversificação de espaços ocupados, quanto pela não superação de inúmeros obstáculos, como o acesso a cargos de comando, o estreito leque de escolhas profissionais e as diferenças salariais entre os sexos.

Para os autores, o intenso processo de terceirização de serviços e de etapas do processo produtivo, através da subcontratação e do assalariamento sem carteira, pode atingir mais agudamente as trabalhadoras, na medida em que se iniciam sobre atividades tradicionalmente femininas, como as associadas à limpeza e à alimentação.

Para HIRATA (2002)²³, a atividade feminina tem sido marcada por um refluxo durante o período de maior cuidado e educação dos filhos. Entre as que permanecem empregadas, um alto percentual trabalha em "tempo parcial". Isso porque a incorporação crescente de novas atividades fora do lar não as tem necessariamente desobrigado das antigas funções. Sem equipamentos sociais que as liberem ou aliviem das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos, grande número de mulheres é levado a optar por jornadas parciais e até mesmo por interrupções freqüentes na vida profissional. Contudo, amplos contingentes de mulheres são pressionados a trabalhar em horário integral, por razões financeiras, nem por isso ficando isentas da dupla jornada de trabalho, a qual tem se generalizado nos setores populares.

Para a autora, a própria escolha e a manutenção do emprego, da extensão das jornadas e dos turnos de trabalho profissional incluem entre os critérios a possibilidade de conciliação com o cuidado da casa e dos filhos. Estudos realizados em várias partes do mundo, inclusive em nossa realidade, revelam que a proximidade entre a casa e o local de trabalho é um dos critérios fundamentais de escolha do emprego, mesmo em detrimento de outros como o salário e a satisfação profissional. Muitas mulheres optam, quando é possível, por jornadas parciais, mesmo com prejuízos salariais e de progressão funcional, para poderem se dedicar mais aos filhos pequenos.

Para KERGOAT (2002)¹⁹, em se tratando do Brasil, nos demais setores da produção, no serviço, no comércio e na indústria, algumas características gerais do trabalho feminino persistem. A noção de valor do trabalho baseada nas relações de gênero implica salários inferiores, qualquer que seja a configuração da divisão sexual do trabalho. A hierarquia de gênero manifesta-se na organização do trabalho, com acento nas formas coercitivas de gestão. As desigualdades expressam-se inclusive nos direitos diferenciados das trabalhadoras e dos trabalhadores, uma vez que as funções desempenhadas pelos homens e pelas mulheres são distintas, com exigências e riscos mais ou menos demonstráveis e mensuráveis.

Para HIRATA (2000)²¹, pode-se perceber, através desses elementos, a reprodução do cenário descrito anteriormente: permanência da divisão sexual do trabalho; as trabalhadoras que ocupam os postos taylorizados, repetitivos e "desqualificados"; a invisibilidade dos riscos e agravos que acometem essas trabalhadoras; os organismos de vigilância à saúde que raramente atuam nessas

empresas; o processo crônico de adoecimento que não chega normalmente a emergir; as relações de trabalho existentes que dificultam a estruturação de um coletivo capaz de resistir abertamente às pressões/condições de trabalho.

Ainda segundo a autora, a legislação, se é restritiva para caracterização de insalubridade/penosidade/periculosidade do conjunto dos ambientes de trabalho, é ainda mais limitada para apontar a inadequação das condições de trabalho das mulheres, não havendo, entre outros, padrões que limitem a repetitividade e a cadência elevada, que caracterizam em geral as suas atividades. Assim, justificam-se adicionais salariais e outras vantagens (como, por exemplo, pausas) para trabalhadores que são vinculados aos departamentos cuja mão-de-obra é majoritariamente masculina, à medida que os riscos presentes nesses ambientes são mais facilmente comprováveis. Acrescentam-se os efeitos não muito claros sobre a saúde do trabalho em domicílio e de outros tipos de trabalho na informalidade e precários, que são exercidos por um grande número de mulheres.

2.3- O TRABALHO FEMININO E A INFORMALIDADE

A situação dos trabalhadores no mercado de trabalho brasileiro, independente do sexo, é bastante desfavorável. Entretanto, para as mulheres esse quadro é ainda mais adverso. A população feminina ocupada caracteriza-se por atuar, ainda, em atividades próximas daquelas desenvolvidas no âmbito doméstico. A mulher ocupada trabalha fundamentalmente em serviços domésticos remunerados, nos serviços de educação, saúde, alimentação e nas indústrias têxtil e de vestuário, tendo, além disso, expressiva inserção no setor do comércio.

Para FERREIRA e RAMOS (2005)¹⁶, as mulheres convivem com as maiores taxas de desemprego, e cerca de 50% da população feminina que está ocupada exercem atividades precárias e vulneráveis. Seu rendimento médio real corresponde a 65,9% dos rendimentos auferidos pelos homens, a despeito de sua idade, qualificação ou escolaridade.

Há uma concentração da atividade feminina nos segmentos menos organizados da economia, com maior recorrência de contratos informais e de menor presença sindical. Estas mulheres vivem nas grandes metrópoles brasileiras, nos grotões do Brasil rural e vivem, sobretudo, pelo interior das regiões Nordeste e

Norte. A presença da pobreza é uma realidade brasileira, mas o que se questiona é o tamanho que estes números expressam. Para os autores, com o aumento da informalidade do trabalho – que está relacionada ao não cumprimento das normas de proteção aos trabalhadores, basicamente, à ausência de contribuição para a previdência social e outros fundos que beneficiam a força de trabalho – cresce também sua precariedade, aqui calculada a partir do número de pessoas que trabalham mais de 40 horas por semana e ganham menos de um salário mínimo.

Para CRUZ e SOUZA (2005)²⁴, além dos salários mais baixos e difícil ascensão aos postos reservados aos homens, as trabalhadoras dos países pobres recebem até seis vezes menos do que suas colegas dos países ricos, embora executem o mesmo trabalho para uma mesma empresa. Por exemplo, há digitadoras na Malásia que trabalham para empresas que ficam na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França ou qualquer outro país, que fazem o serviço de digitação e enviam o trabalho para a empresa que as contratou pelo computador. Elas ganham salários bem mais baixos que as digitadoras que trabalham nesses países.

Disso decorre, freqüentemente, segundo HIRATA (2000)²⁰, uma maior precarização do trabalho das mulheres, recorrentemente em regime de trabalho em tempo parcial, marcado por maior informalidade, redução salarial, e também pela falta de perspectiva promocional na carreira, restrições na política de formação profissional.

Para KERGOAT (2002)¹⁹, enquanto permanecer a divisão sexual do trabalho e a responsabilização das mulheres pelo cuidado da casa, dos filhos e marido, as soluções individuais ganham uma dimensão social e se baseiam em uma nova faceta da desigualdade.

Para CRUZ e SOUZA (2005)²⁴, houve um crescimento da participação de mulheres no mercado de trabalho, tanto nas áreas formais quanto na informalidade da vida econômica, assim como no setor de serviços. Contudo, essa participação traduz-se principalmente em empregos particularmente vulneráveis, caracterizados pela precariedade (informalidade, emprego de meio período) e pela instabilidade (trabalho sazonal, temporário e intermitente), denotando que o processo de inovação tecnológica e organizacional implementado em nível de produção fabril não ocorre de modo idêntico “no masculino e no feminino”.

Com um perfil de qualificação precário, as trabalhadoras desempregadas para sobreviverem utilizam diversas estratégias de enfrentamento que abrangem: a

mendicância, assalariamento sem carteira assinada, trabalho como autônomas que operam em condições precárias. Elas dirigem-se para o emprego doméstico, para as atividades de cuidados com crianças e idosos. Encontram dificuldades, como: falta de referência profissional, experiência de trabalho nos serviços e boa escolaridade. A frágil formação ainda atrela as mulheres às tarefas domésticas mais tradicionais. Apesar de um maior envolvimento das mulheres nas atividades profissionais, a divisão do trabalho doméstico, a desvalorização do trabalho reprodutivo estruturam valores e relações sociais que não aderem às normas do mercado.

A população feminina ocupada caracteriza-se pela sua menor inserção na indústria de transformação e praticamente nenhuma na construção civil. As mulheres ainda atuam em atividades predominantemente próximas daquelas desenvolvidas no âmbito doméstico. De acordo com o DIEESE²⁵, a mulher ocupada, no Recife, trabalha fundamentalmente em serviços domésticos remunerados (19,5%), em educação (11,8%), em saúde (7,7%), em serviços de alimentação (6,8%) e nas indústrias têxtil e de vestuário (2,4%). Além disso, tem expressiva inserção nas atividades do comércio (21,4%).

Parcela significativa da mão-de-obra, na Região Metropolitana do Recife, tem uma inserção precária no mercado de trabalho, seja como assalariada sem carteira de trabalho assinada, seja na auto-ocupação. Essas formas são consideradas mais vulneráveis, à medida que a essas trabalhadoras fica impossibilitado o acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários.

CAPÍTULO 3

Profissão: mulher

Ana C. Pozza

*Do lar?!
Só se for dinheiro
Recheando a minha carteira!
Eu sou mulher!
Mulher por inteiro.
Mulher inteira.
Prefiro ser
Louca,
Des-va-i-ra-da
A ser
Isaura,
Mulher escravizada!*

CAPÍTULO 3- OS SENTIDOS QUE AS MULHERES ATRIBUEM ÀS ATIVIDADES REMUNERADAS QUE REALIZAM COMO AMBULANTES NAS ESTAÇÕES DO METRÔ DO RECIFE

Neste capítulo foram analisadas as falas das mulheres sobre os sentidos que atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulantes nas estações do metrô do Recife, contemplando a metodologia utilizada na dissertação, o relato de uma parte da história do comércio de Rua da Cidade do Recife, os aspectos registrados durante o período de observação na estação do Metrô Joana Bezerra, o local de trabalho das mulheres pesquisadas, e, por fim, discute-se sobre as mulheres e os sentidos que atribuem ao trabalho que realizam como ambulantes do Metrô.

3.1- A METODOLOGIA UTILIZADA

A metodologia utilizada levou em conta dois níveis de aproximação do tema abordado:

- 1- Observação realizada na Estação do Metrô Joana Bezerra, na cidade do Recife.
- 2- Entrevistas com 10 mulheres que são ambulantes nessa Estação.

Buscando a coerência para responder a pergunta que direcionou esta pesquisa – quais os sentidos que as mulheres atribuem às atividades que realizam como ambulantes no Metrô do Recife? – amparou-se a epistemologia construcionista como aporte da proposta metodológica, ancorando-se aí a escolha do método qualitativo de pesquisa, que teve como objetivo compreender e analisar os sentidos que as mulheres atribuem as atividades remuneradas que realizam como ambulantes.

Segundo RIBEIRO (2003)¹, uma pesquisa qualitativa tem como propósito desenvolver a compreensão de um fenômeno dado. Assim, a pergunta deve ser feita de maneira tal que possibilite uma exploração livre e flexível do fenômeno e deve ter como suposição que ninguém fez ainda tal pergunta de pesquisa, pelo menos não da mesma forma. Isso leva o pesquisador a buscar respostas que ainda não foram

respondidas. A pergunta que se inicia vai aos poucos se estreitando e aproximando-se de um foco, no processo da pesquisa.

De acordo com SPINK (2003)⁴, no construcionismo não se estabelece a primazia nem do objeto e nem do sujeito, dando aos dois o status de construções histórico-sociais. Assim, realidade não existe independentemente do nosso modo de acessá-la. É importante ressaltar que a autora cita outras posturas epistemológicas, muitas delas alinhadas, mas a escolha do método, quantitativo ou qualitativo, não isenta o pesquisador de pensar sobre questões como rigor, validação e implicações éticas.

3.1.1- Os Procedimentos

As observações foram realizadas nas estações Barro e Joana Bezerra do Metrô da capital, de forma sistemática, a partir do 2º semestre de 2007. É importante salientar que não se realizou uma investigação etnográfica. A etnografia é comum às investigações antropológicas, e se refere a um método de investigação que permite a apreensão dos significados culturais do grupo social analisado. Essa informação se torna pertinente, uma vez que não foram seguidos fielmente os passos de uma etnografia, nos moldes antropológicos. Apesar de ter em comum o registro do diário de campo, a observação e as entrevistas, nem todos os grupos sociais do lugar foram contatados e, além disso, não se trabalhou na estação. O que movia a observação nesta pesquisa era o interesse para conhecer mais de perto, dentro do possível, as situações cotidianas.

3.1.2- As Interlocutoras

Foram realizadas, no total, 19 entrevistas com as mulheres que realizam atividades remuneradas como ambulantes nas Estações do Metrô Barro e Joana Bezerra. Estas estações foram escolhidas pelo fato de serem as mais movimentadas, que fazem integração com várias linhas de ônibus, nas quais o passageiro não efetua mais nenhum pagamento para utilizá-lo, por isso o termo integração. Isto possivelmente explica o grande fluxo de pessoas que freqüentam estas estações diariamente e, conseqüentemente, atraem ambulantes, homens e mulheres, para venderem os mais diferenciados produtos nestes locais.

Contudo, optou-se por considerar para esta pesquisa apenas 10 entrevistas, realizadas na Estação Joana Bezerra, bem como apenas os dados obtidos na observação desta estação, por dois motivos: primeiro por ter a maior concentração de ambulantes, inclusive do sexo feminino, de modo que concentrar as idas para esta estação possibilitava uma melhor observação e registro de informações no diário de campo. Segundo, pelo fato de a Estação Barro ter expulsado os ambulantes de dentro das grades do Metrô. Os que continuaram neste local tiveram que ficar por trás das grades, área externa da estação.

A entrevista como prática discursiva deve ser entendida como ação e interação, de acordo com PINHEIRO (2004)²⁶. Para esta autora, esta interação se dá em um contexto e numa relação negociada. Na conversa, o locutor se posiciona e posiciona o outro, de modo que estas posições são constantemente negociadas.

Inspiradas em MENEGON (1998)⁷, procurou-se, também, apontar certos aspectos que, mesmo estando presentes nas conversas, não se constituíram no foco deste estudo, mas fazem parte do contexto dialógico e, portanto, do processo de produção de sentido. Isto se refere à funcionalidade do uso de repertórios num dado contexto, à produção de novos repertórios, à argumentação que pode estar presente nas conversas e determinar o posicionamento das participantes frente ao tema e, finalmente, às versões contraditórias dadas com o mesmo repertório.

3.2- O COMÉRCIO DE RUA DO RECIFE

*Recife, cruel cidade, águia sangrenta, leão...
Ingrata para os da terra
Boa para os que não são.
Amiga dos que maltratam,
Inimiga dos que não.
Este é o teu retrato feito
Com tintas do teu verão
E desmaiadas lembranças
Do tempo em que também eras
Noiva da Revolução. (Carlos Pena Filho – Guia prático da Cidade do Recife).*

Considerou-se importante, para melhor contextualizar esta pesquisa, compreender a história do comércio de Rua do Recife.

A primeira idéia que surge quando se adentra na história do comércio do Recife é que pesquisar sobre o desenvolvimento do comércio é pesquisar sobre o desenvolvimento da cidade em si. É encantador perceber como o crescimento do comércio de rua acompanha o desenvolvimento da capital de Pernambuco.

De acordo com os estudos de MOURA (1992)²⁷, a partir da metade do século XIX, os mascates vindos do Oriente de Portugal e de algumas regiões da Europa se estabeleceram no Recife e promoveram grande incremento no comércio ambulante. Soma-se a este fato, a entrada de negros recém-alforriados e homens pobres livres, que também colaboraram para a movimentação deste comércio.

Os ambulantes abasteciam a população com uma grande variedade de produtos, como alimentos básicos e livros, entre outros. As mercadorias eram comercializadas em pontos fixos nas esquinas, praças, portas de lojas e igrejas, uma vez que nestes locais estes ambulantes já possuíam freguesia certa. Outros perambulavam pelas ruas centrais com suas mercadorias levadas em cestas ou tabuleiros carregados sobre a cabeça. Em meio a este contexto, FREYRE (1996)²⁸ nos chama a atenção para o fato de que as mulheres ficavam trancadas em casa por imposição da família, na maioria dos casos tendo o pai como o detentor do poder de decidir sobre a liberdade das mesmas de saírem para a rua. Apenas cabia aos homens o mundo fora de casa. Faziam parte deste cenário do mundo da rua as pretas quituteiras, que vendiam bolos e doces; os vendedores que ofereciam frutas, legumes, verduras, peixes, ostras, camarão, galinha, vassoura, espanador, colher de pau, balaios, miudezas em geral e uma infinidade de outros produtos. Há um belo trecho de FREYRE (1992)²⁹, que exemplifica bem este cenário do comércio de rua:

... Nas cabeças entravam samburás de camarões, garajaús de galinhas... os corredores se animavam. As barracas de molhados, peixes, carne verde, legumes tinham larga freguesia em roda. E as de fazendas e miudezas iam recebendo arrumação de caixeiros com a preguiça de quem saiu da cama cutucado pelo dever de ganhar a vida... de aventais sangrentos os açougueiros retalhavam as peças num ruído áspero de serrotes; chocavam-se metalicamente as balanças: cheiravam à maresia as cavalas de dorso brilhante, as ciobas vermelhas, os curumins prometendo gordura, as lagostas de patas em movimento, os siris espumando, a miuçalha de carapebas e de agulhas(...) Cheiro misturadíssimo de maresia, sangue, frutas, verduras, capoeira, suor humano. E um vozeirio sem fim, incoerente, complicado, cipoal de perguntas, respostas, saudações, comentários, desdêns, admirações, pragas, zangas, até palavradas... (FREYRE, 1992, p.242)²⁹.

Mas apesar de todo o crescimento deste comércio informal, o mundo da rua era marcado, também, pelo uso da força. Neste as potencialidades se referem ao

movimento da violência, da desordem, do perigo e do risco. Um mundo contrário ao da casa, que seria identificado e marcado pela tranquilidade hospitaleira, propício ao desenvolvimento das relações interpessoais e da individualidade. Assim, o mundo da rua seria o universo das regras impessoais, do valor econômico, político, aquele que aciona o mercado, o dinheiro e o comércio, expõe o poder em sua forma física e dura de maneira arbitrária. E assim, o mundo da rua acaba se modificando. Com as transformações ocorridas nos meios de transportes, nas comunicações e na especialização do comércio e dos serviços, foram rareando das ruas da cidade tipos como a boleira, a mulher do mungunzá, os vendedores de peixes fritos, acarajé, e de frutas, entre outros.

Nesta nova realidade, os antigos mascates e vendedores ambulantes destoavam no moderno cenário urbano. Estes se tornaram indesejáveis, inconvenientes, malqueridos e marginalizados. Os ambulantes viam da Região metropolitana do Recife, de outros estados e da área rural. Mas este fato, somado ao alcance dos status de metrópole no qual Recife se encontrava, passou a gerar inquietações nas classes dirigentes e, ao mesmo tempo, um medo de um colapso na vida urbana. Surgiu, então, a imagem do caos e a visão das pessoas pertencentes às classes pobres como perigosos e desestruturadores da vida em sociedade.

De acordo com MOURA (1992)²⁷, uma parte da sociedade passou a considerar a necessidade de disciplinar as camadas populares para manter a ordem social e pública. No início do século XX, em 1914, o comércio varejista da Praça do Recife, através da associação comercial, empreendeu verdadeira campanha contra os ambulantes. Organizaram um abaixo-assinado com a participação de 87 lojistas. Neste documento estes participantes descreviam os ambulantes como “um perigo contingente”, como inimigos sorrateiros e temerosos corroendo o comércio honesto e legítimo. O problema central do protesto era a concorrência que os ambulantes estabeleciam com os varejistas. MOURA (1992)²⁷ ressalta que em épocas de crise, as tensões aumentavam entre o comércio formal e informal. Os lojistas realizavam verdadeiras encruzilhadas contra a atividade dos ambulantes, os denominados como responsáveis pelos males que atingiam o Recife. Eles eram ainda acusados por não pagarem os impostos, de serem contrabandistas, embusteiros, imorais que não têm laços de família, nem amor à cidade e exigiram que o poder público determinassem que os ambulantes deveriam pagar impostos de forma a se equipararem aos comerciantes formais, regularmente estabelecidos.

Contudo, ao contrário do que desejavam os lojistas, as atividades dos ambulantes se desenvolviam à margem do setor formal da economia, sem vínculos e obrigações fixas, onde se burlava o pagamento de taxas e impostos, vendendo as mercadorias a preços mais baixos. Os ambulantes faziam uso de estratégias de vendas, com as quais chegavam a alcançar compradores nas calçadas, ruas, locais de trabalho e domicílios. Desta forma, o comércio de rua informal cresceu durante o século XX, alcançando espaços cada vez maiores na economia local, mesmo em épocas de crises, incorporando-se às tradições e paisagens da cidade.

MOURA (1992)²⁷ ainda enfatiza que para resgatar historicamente o comércio do centro do Recife deve-se considerar também a condição portuária da cidade, que inclusive, demarca a sua própria origem. Esta sua característica portuária demarcou todo o seu crescimento urbano até chegar ao ponto de se tornar um centro regional. De acordo com este estudo, até o final da década de 30 do século XX, o Recife era uma das grandes menções enquanto referencial do capital financeiro e comercial da Região Nordeste por sua condição de centro exportador e importador. Com o processo de industrialização as cidades passaram a seguir uma tendência de metropolização. E é neste contexto que começaram a surgir novas estratégias de sobrevivência para uma parte da população. Assim, o comércio ambulante surge como uma saída para as pessoas desempregadas da cidade.

Foi a partir dos anos 1970 que os conflitos entre os ambulantes e os lojistas se intensificam, constituindo um sério problema para a gestão municipal. Na década de 1980, a Região Metropolitana do Recife sofre o impacto da crise econômica instalada no país, com repercussões significativas sobre o mercado de trabalho e as condições de sobrevivência da população urbana. Em 1986, o evidente empobrecimento do Recife, e de toda a região metropolitana, resultou no retorno às relações de emprego e no aumento considerável da população desempregada e, conseqüentemente, no aumento da população que iria trabalhar como ambulante ou camelô na cidade.

3.3- O AMBULANTE E O CAMELÔ

Ao iniciar esta pesquisa, uma das primeiras dúvidas que surgiu foi: qual a diferença, se é que há, entre o ambulante e o camelô? Tanto o ambulante como o camelô se encontram envolvidos no comércio de rua. Segundo MOURA (1992)²⁷, a prefeitura do Recife faz uma distinção entre os dois: os ambulantes seriam portadores de licença para exercer suas atividades, pois seriam cadastrados; os camelôs não possuem licença. Contudo, o autor, verificou que esta distinção não parece ter importância. Além do mais, a maioria das pessoas não tem conhecimento do critério utilizado para esta distinção. De tal modo, que não se deve dar enfoque a estas diferenças nas discussões sobre as práticas que envolvam os comerciantes de rua do Recife. O comércio de rua aqui é entendido como o exercido no espaço público: ruas, praças, e calçadas, que não atende às normas estabelecidas para o comércio oficial/formal, tais como pagamento de impostos, tributos, porte de licenças, etc. Trata-se de uma forma de comércio também conhecida como comércio ambulante. E as pessoas que fazem uso deste tipo de comércio podem ser denominadas ambulantes ou camelôs.

As dificuldades em caracterizar os comerciantes de rua decorrem, em parte, da própria inconsistência conceitual, do tipo de atividade em que esses agentes se encontram inseridos, muito embora se reconheça que esta atividade é, dentre as atividades informais, uma das que mais reúne os critérios usados para definir o informal – denominação usada para designar o complexo de atividades que, pelo reduzido montante de recursos financeiros aplicados, pela predominância das relações de trabalho não assalariado, pelos baixos níveis de desenvolvimento das forças produtivas e, ainda, pelo pequeno volume da produção ou comercialização realizada, não se coaduna com os parâmetros identificados na produção nas atividades para fins de remuneração de uma forma geral.

O comércio de rua é, portanto, dos ramos que compõem a atividade informal, um dos que mais reúne as características que marcam este tipo de atividade, principalmente no que se refere ao reduzido montante de recursos financeiros aplicados, à predominância de relações de trabalho não assalariado e ao não cumprimento das exigências estabelecidas para o funcionamento das atividades ditas formais: licenças, pagamento de impostos, taxas, tributos, etc. Para muitos, trata-se de uma atividade ilegal, sobretudo devido à concorrência “desleal” para com

os comerciantes estabelecidos conforme as formalidades exigidas por lei. Deve-se considerar, porém, que, internamente, existe uma heterogeneidade muito grande que também contribui para dificultar a caracterização dos agentes envolvidos, e que abrange: o montante de recursos financeiros empregados, a procedência e diversificação dos produtos comercializados e as relações de trabalho existentes, incluindo igualmente os níveis de articulação com a chamada economia organizada e as motivações que levam estes agentes a ingressar e permanecer nesta atividade.

Assim, os ambulantes e camelôs possuem um negócio informal – de acordo com os aspectos apontados acima – e trabalham na informalidade, uma vez que ela está relacionada ao não cumprimento das normas de proteção aos trabalhadores, basicamente, a ausência de contribuição para a previdência social e outros fundos que beneficiam a força de trabalho.

Para MOURA (1992)²⁷, no que diz respeito aos motivos que podem explicar a expansão do comércio de rua nas décadas recentes, principalmente entre 1960, estes se confundem com aqueles tidos como responsáveis pelo crescimento do conjunto como um todo. De modo geral, eles estão relacionados com o processo de desenvolvimento adotado nos chamados periféricos, dentre os quais se inclui o Brasil e, não obstante este ponto de partida comum, evoluem em direções às vezes bem diferenciadas. Há os que explicam a expansão das atividades informais pela incapacidade do mercado de trabalho de absorver toda a mão-de-obra disponível, sobretudo devido à adoção de um modelo de industrialização apoiado no uso de tecnologias avançadas oriundas dos países desenvolvidos, e que não se coadunam com a abundância e com o nível de qualificação da mão-de-obra disponível nas regiões subdesenvolvidas. Desta forma, a parte da mão-de-obra remanescente, que não consegue ser absorvida pelas empresas organizadas, vê-se, assim, impelida a criar os seus próprios meios de sobrevivência.

MOURA (1992)²⁷ chama a atenção para o fato de que em um contexto de recessão e desemprego, o comércio de rua passa a ser, a um só tempo, problema e solução. O debate em torno desta questão revela-se, portanto, abrangente e complexo, tornando difusos os enfoques que devem ser tomados como parâmetros quando da elaboração de políticas públicas. É preciso conhecer, por exemplo, as motivações que levam camelôs e ambulantes a se engajarem neste tipo de comércio, antes de se adotarem medidas que os atinjam uniformemente, em bloco. Por outro lado, torna-se imprescindível o disciplinamento do comércio de rua no

tocante à organização espacial da cidade, à natureza dos produtos comercializados, às questões de natureza tributária, etc.

À procura de informações sobre como funciona o disciplinamento do comércio de rua, visitou-se o Sindicato dos Ambulantes do Recife, que atende aos sindicalizados das cidades do Recife, Olinda e Jaboatão. Este existe há 68 anos e foi fundado com o objetivo maior de defender os direitos dos ambulantes. Inicialmente, a instituição tinha departamento médico, odontológico e jurídico para atender aos associados. Disponibilizava advogados para prestarem serviços aos ambulantes, como por exemplo, em caso de apreensão de mercadorias, perda do espaço de rua do trabalho, etc.

Contudo, como o Sindicato sobrevive do pagamento das mensalidades dos ambulantes e passou a existir uma grande inadimplência destas, a maioria dos serviços que eram prestados foi extinta, por falta de verba. Hoje, ele ainda, fornece declaração de renda para os associados. Esta é a única forma dos associados terem uma comprovação de renda formal, para poderem fazer compras a prazo, realizar financiamentos, abrir conta em bancos, etc. O Sindicato ainda presta informações de como proceder para os ambulantes se licenciarem na rua, receberem autorização dos órgãos das Prefeituras para poderem trabalhar. E, por fim, tem uma parceria com o SENAC, para oferecer cursos de cabeleireiro, corte e costura, maquiagem, manicura, depilação e auxiliar de cozinha para as pessoas da região que estiverem interessadas.

De uma forma geral, o Sindicato dos Ambulantes do Recife possui cerca de 10.000 associados. Desses, aproximadamente 100 pagam sua associação mensalmente. Não há um acompanhamento do cadastro dos sindicalizados, mas há uma estimativa informal de que cerca de 50% dos associados sejam mulheres. Não existem registros históricos sobre o Sindicato. Ele hoje é formado por uma funcionária, que é a secretária, e onze diretores, cuja maioria é ambulante.

3.4- O METRÔ: O LOCAL ONDE AS INTERLOCUTORAS REALIZAM AS ATIVIDADES REMUNERADAS COMO AMBULANTES



Figura 1- Estação do Metrô Recife

*... E a cidade se apresenta centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e Metrôs
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs.
A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce...
(A Cidade – Chico Science).*

Para melhor compreensão do local onde as interlocutoras realizam as atividades remuneradas como ambulantes, apresentam-se neste momento as características do Metrô da Cidade do Recife. Ao tomar a decisão de implantar o Metrô³ do Recife, o Governo Federal, através do Ministério dos Transportes criou, em setembro de 1982, o consórcio METROREC, constituído pela Rede Ferroviária Federal S/A e pela Empresa Brasileira de Transportes Urbanos, hoje extinta. Esse consórcio deu início à construção do Metrô, em janeiro de 1983. Em fevereiro de 1984, foi criada a Companhia Brasileira de Trens Urbanos – CBTU, integrada, em janeiro de 1985, a Superintendência de Trens Urbanos do Recife - STU/ REC, o METROREC.



Figura 2- Metrô em pleno funcionamento

Em março de 1985, teve início a circulação dos primeiros trens com passageiros. A partir de então, o METROREC passou por várias modificações,

³ De acordo com as informações disponíveis no site do Metrô do Recife: www.metrorec.com.br

tendo a mais significativa ocorrido em janeiro de 1988, quando a CBTU, através da Superintendência do Recife, absorveu os trens de subúrbio da RFFSA em Maceió (AL), João Pessoa (PB), Natal (RN) e Recife (PE). Em janeiro de 1995, os trens de subúrbio de Maceió, João Pessoa e Natal foram desvinculados da Superintendência do Recife e passaram a ser subordinados diretamente à Administração Central da CBTU, no Rio de Janeiro. Em 1998 foram iniciadas as obras de expansão do Metrô do Recife, compreendendo a eletrificação de 14,3 km da Linha Sul, entre as Estações Recife e Cajueiro-Seco e o prolongamento da Linha Centro, a partir da Estação Rodoviária até Camaragibe, trecho inaugurado em dezembro de 2002.

O Sistema de Trens Urbanos no Recife atua diretamente nos municípios do Recife, Cabo, Jaboatão dos Guararapes e Camaragibe e, indiretamente, através de sistema integrado ao transporte sobre pneus, aos demais municípios da Região Metropolitana do Recife - RMR. A Superintendência de Trens Urbanos de Recife - STU/REC opera com duas linhas, atendendo aos corredores centro e sul da RMR, sendo a Linha Centro eletrificada e com padrão de trem metropolitano, e a Linha Diesel com tração a diesel e características de trem de subúrbio. O Sistema do Recife encontra-se em processo de expansão, através da eletrificação de parte da Linha Sul (14,3 km). Em 2002, a Linha Centro sofreu uma expansão de aproximadamente 4,7km, chegando até o município de Camaragibe. Foi inaugurado, em fevereiro de 2005, o trecho dessa expansão, que vai de Recife até Imbiribeira.

A configuração atual da malha metroviária da Linha Centro define uma linha tronco, que parte da Estação Recife, no centro comercial da cidade, e segue no sentido oeste até uma bifurcação próxima da Estação Coqueiral, onde se divide em dois ramais: o ramal Jaboatão e o ramal Camaragibe.

Com 20 estações e 29,3 km de extensão, o metrô do Recife transporta atualmente cerca de 190 mil usuários/dia. Faz parte do Sistema Estrutural Integrado (SEI), com 7 terminais e 51 linhas de ônibus, além da integração através de bilhetes em 7 estações com outras 21 linhas de ônibus. Os terminais do SEI ligados a estações do Metrô são: Joana Bezerra, Afogados, Barro, Jaboatão, Camaragibe, Recife e Cavaleiro. As estações do Metrô com integração através de bilhetes são: Recife, Joana Bezerra, Afogados, Santa Luzia, Werneck, Tejipió e Rodoviária. O Sistema Estrutural Integrado (SEI) realiza integração física e tarifária da seguinte maneira: pagando uma única passagem o usuário percorre toda a Região Metropolitana do Recife (RMR). O metrô do Recife opera em via dupla e exclusiva O

material rodante é composto por 25 trens-unidade elétricos com 4 carros cada, que estão sendo submetidos à revisão geral e equipados com ar-condicionado.

A Linha Diesel opera com 8 estações entre Cabo, no município de mesmo nome, e Curado, na Cidade do Recife. Circula em via compartilhada com o transporte de cargas, com 31,5km de extensão, dos quais 7km em via dupla e 24km em via singela, todo o trecho com bitola métrica e com integração com o sistema elétrico na Estação Curado. Há 6 passagens em nível e o sistema de sinalização é manual (por talão). O material rodante é composto por 5 locomotivas diesel-elétricas e 34 carros.

3.5- AS MULHERES E OS SENTIDOS QUE ATRIBUEM AS ATIVIDADES REMUNERADAS QUE REALIZAM COMO AMBULANTES NO METRÔ

Neste momento, serão apresentados os dados obtidos durante o período de observação na Estação Joana Bezerra, bem como, das entrevistas realizadas com as interlocutoras e os sentidos que elas atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulantes no Metrô.

3.5.1- O Local Onde as Mulheres Realizam as Atividades Remuneradas como Ambulantes e a Rotina Diária no Metrô

*Morena de Angola
Que leva o chocalho
Amarrado na canela
Será que ela mexe o chocalho
Ou chocalho é que mexe com ela?
Será que a morena cochila
Escutando o cochicho do chocalho?
Será que desperta gingando
E já sai chocalhando pro trabalho?
(Titulo da Música: Morena de Angola
Artista: Clara Nunes
Letra: Chico Buarque)*

De acordo com o observado há diariamente uma grande quantidade de pessoas que passam todos os dias pelo metrô. Contudo, o mais interessante, segundo o que se observou, é a quantidade de homens e mulheres e até famílias

inteiras que sobrevivem da venda dos mais variados produtos neste local, os ambulantes do Metrô.

O período de observação sistemática ocorreu na Estação Joana Bezerra. Esta fica bem próxima ao Bairro do Coque, considerado um local violento, no que diz respeito à ocorrência de roubos, assaltos e tráficos de drogas.

Graças ao período de observação, se pôde perceber parte da rotina diária deste local onde se encontram muitos homens e mulheres ambulantes, do qual se destacam os seguintes aspectos:

▪ **Sobre a distribuição e localização das ambulantes na estação do Metrô:**

As ambulantes se localizam durante toda a rua na qual se organizam as paradas de ônibus que atendem aos passageiros que fazem uso da integração Metrô-ônibus, ou seja, só pagam uma única passagem para utilizar os dois meios de transportes.

Desta forma, foram encontradas ambulantes à direita e à esquerda de quem passa a catraca para sair de dentro do espaço interno da integração até chegar a rua onde estão os pontos de ônibus. Assim, à direita da catraca de saída, as ambulantes se organizam seguindo a rua de pontos dos ônibus até chegar à última parada, que é a do ônibus PE-15 – Joana Bezerra. Do lado esquerdo da catraca de saída elas se organizam no espaço até chegar à grade que delimita o início do espaço externo da estação. É interessante salientar que tem uns bancos que chegam a ficar colados uns nos outros devido a sua proximidade.

▪ **Sobre os (as) ambulantes do Metrô:**

A população de ambulantes da Estação do Metrô Joana Bezerra é formada por:

- ✓ Mulheres dos 18 aos 61 anos.
- ✓ Adolescentes do sexo feminino e masculino, sendo este último em número bem menor. Durante idas e vindas ao Metrô, observou-se que os adolescentes do sexo masculino têm vergonha de exercer atividades remuneradas neste local. O mesmo não ocorre com as adolescentes,

uma vez que muitas delas exercem atividades remuneradas como ambulantes junto de suas mães, ou irmãs, ou elas próprias já são mães e precisam sustentar seus filhos. Sejam porque são mães solteiras, ou seus companheiros/maridos estão desempregados, ou ficam junto com elas no Metrô, ou porque estão presos. Contudo, vale salientar que estes companheiros/maridos estão numa faixa etária acima da idade que delimita o fim da adolescência.

- ✓ Crianças do sexo feminino e masculino, sendo o quantitativo de crianças do sexo masculino maior.
- ✓ Sobre os homens ambulantes do Metrô, durante o período de observação, verificou-se que a faixa etária destes varia dos 18 aos 45 anos;
- ✓ Em média encontram-se, diariamente, cerca de 29 mulheres e 12 homens ambulantes nesta estação.

▪ **Sobre o funcionamento da logística destas ambulantes:**

- ✓ A grande maioria das ambulantes possui bancos dos mais variados tamanhos, desde aqueles, que são tão pequenos que parecem um banco de sentar ou um caixote, até os que têm o tamanho de uma mesa de cozinha de quatro cadeiras.
- ✓ Outros possuem carrinhos de cachorro-quente, pequenos – quase do tamanho de um carro de mão, ou do tamanho padrão dos carrinhos de cachorro-quente.
- ✓ Algumas têm uma barraca mesmo, maior que os bancos e os carrinhos de cachorro-quente. Há ambulantes que possuem uma barraca e um banco menor ao lado, para vender outro produto.
- ✓ Também foram encontradas 2 lanchonetes, tipo quiosque, que são regulamentadas formalmente, ou seja, pagam aluguel do espaço que usam na estação. Há, ainda, dois quiosques menores com máquinas de vender sorvete.
- ✓ Além do já mencionado, também foram encontrados alguns meninos entre os 6 e 10 anos e alguns homens mais adultos, por volta dos 40 aos 45 anos, que com sacos de pipocas nas costas ou com caixas de isopor

cheias de picolés e água, ficam andando por toda a estação para vender seus produtos às pessoas que ali circulam.

- ✓ Alguns bancos chegam a ficar praticamente colados de tão próximos, e outros ficam mais afastados. Estes mais próximos, normalmente, são de parentes ou de amigos.

Em se tratando de parentesco, foram encontrados na Estação marido e mulher, pais e filhos, irmãos, primos, etc., juntos ou em bancos bem próximos, ou um com o banco e o outro andando pela Estação vendendo pipocas e picolés em sacos e caixas de isopor, respectivamente.

Muitas ambulantes moram no Coque, outros em bairros do Recife, como a Imbiribeira, e outras vêm de cidades como Olinda e Paulista. Boa parte das mulheres ambulantes leva e traz todos os dias suas mercadorias, em carros de mão ou em caixas. Outras alugam em grupo um quarto ou uma casa pequena para servir como depósito para guardarem suas mercadorias diariamente. O valor do aluguel é dividido por todos que fazem uso do imóvel.

▪ **Sobre os produtos que são vendidos diariamente na Estação:**

- ✓ São vendidos diariamente na Estação Joana Bezerra:
 - **Alimentos:** pipocas doces e salgadas; doces, tipo paçoquinha; sucos caseiros trazidos em garrafas térmicas para serem vendidos em copos; sucos industrializados; água mineral em copos, garrafas e em saquinhos de picolés; picolés caseiros e industrializados; sorvetes; refrigerantes em lata; coxinhas; pastéis; cachorros-quentes; enroladinhos de queijo e de frango; raspadinhas; laranjas descascadas; caldo-de-cana; bolos de rolo em fatias, ou bolos de bacia; cafezinhos, trazidos em garrafas térmicas e vendidos em pequenos copos descartáveis, gomas de mascar; chocolates; entre outros produtos;
 - **CD's e DVD's piratas:** evangélicos, de pagode, de samba, rock, MPB, etc;
 - **Outros:** bilhetes de integração; prendedores de cabelos, dos mais variados tipos; óculos de sol; bonés; bijuterias, cigarros; fósforos; entre outros.

Com relação às pipocas, que é o produto mais vendido, têm de dois tipos: as que já vêm em saquinhos fechados de fábrica; e aquelas que são compradas em um grande saco único. Nesse caso, os vendedores compram pequenos sacos tipo sacos de picolés e os enchem de pipocas, utilizando um funil improvisado, feito com a parte de garrafas, como as de vinagre, que tem o formato de um funil. Com a ajuda deste instrumento, as mulheres enchem os saquinhos com pipocas e fecham a abertura com um nó e passam a vendê-los na mesma hora aos seus fregueses. Às vezes não dá nem tempo de fechar o saquinho.

A maioria dos bancos vende pipocas. Também encontramos bancos que além de pipocas têm confeitos; gomas de mascar; chocolates, etc. Quem tem carrinhos tipo de cachorro-quente, vendem lanches como coxinhas, sucos, refrigerantes, etc. No que diz respeito às aquisições dos produtos para vender no Metrô, as ambulantes compram seus produtos em feiras como a de Afogados. Para isso, deixam normalmente um parente cuidando do banco, enquanto vão comprar a mercadoria em grande quantidade. Uns pagam à vista, na hora que compram, outros pagam com o “apurado” depois que vendem a mercadoria. Quem tem os carrinhos de lanches, compram os refrigerantes e as águas, mas revendem os lanches e os sucos. Por exemplo: compram os salgados, uma coxinha por R\$ 0,50 (cinquenta centavos) e revendem por R\$ 1,00 (um real) com o copo de suco incluso. Alguns fornecedores levam mercadorias até a ambulante na própria Estação do Metrô. Em outros casos, as próprias ambulantes que vão pegar os produtos nas casas dos fornecedores. É importante salientar que boa parte dos fornecedores dos lanches também é composta por mulheres que, inclusive, são vizinhas das ambulantes.

▪ **Sobre as características que permeiam as relações interpessoais no ambiente da estação do Metrô:**

Durante o período de observação, se pôde compreender como se estabelecem as relações interpessoais entre as ambulantes. Também se pôde presenciar e escutar as histórias que fazem parte da vida destas pessoas.

É importante salientar que as melhores informações foram colhidas durante o período de observação e nas conversas informais, uma vez que ligado o gravador e iniciadas as entrevistas, parecia que as participantes se sentiam na “obrigação” de passarem informações mais padronizadas, até menos comprometedoras, principalmente, no que diz respeito à convivência entre elas no Metrô.

Tudo leva a crer que o melhor lugar para se colocar o ponto na estação é o que vai da catraca de saída indo pelo lado direito, até uma parte da grade que separa a rampa – que fica na parte interna da estação. Isto apenas até onde os ambulantes conseguem vender seus produtos por esta grade aos usuários que estão subindo a rampa para pegar o Metrô. Pelo que se observou este espaço é ocupado por parentes, ou por amigas próximas, que protegem uma o espaço da outra, de modo que quem está sozinha na estação ou quem chegar por último tem que aproveitar o espaço da esquerda de quem passa pela catraca de saída da área interna do Metrô e a parte da direita da catraca mais próxima dos últimos pontos de ônibus que fazem à integração Metrô-ônibus.

Algumas mulheres ambulantes relataram que existem algumas brigas e discussões entre elas, inclusive porque ali há pessoas difíceis de conviver. Outra relatou que já presenciou assaltos em frente ao seu carrinho de lanches. Pôde-se ouvir de algumas ambulantes suas reclamações sobre o fato de outras colegas do seu lado passarem a vender mercadorias iguais as suas, pois isto fazia diminuir seu lucro. Uma consideração interessante é que algumas ambulantes fazem uso de uma estratégia para venderem mais: como a maioria das mulheres chegam ao Metrô às 07h e saem às 18h – segunda a sábado – as estrategistas deixam para fechar seus bancos às 21h e trabalham de domingo a domingo. Desta forma a concorrência diminui.

Contudo, a maioria das ambulantes, durante as conversas informais, disse que, na verdade, elas são todas como uma grande família, pois passam pela mesma situação, ao ponto de uma precisar da outra. Em relação a este aspecto, foram observadas situações em que uma ambulante tomava conta de seu banco e de outro ao seu lado, cuja dona precisou sair para resolver algo particular. Em outra situação observou-se que as amigas tomavam conta do espaço do banco ou do carrinho de lanches uma da outra, até mesmo quando uma colega faltava, para que outro ambulante não pegasse seu espaço. Observou-se, ainda, algumas mulheres tomarem conta dos filhos umas das outras, principalmente das grávidas. Inclusive,

uma das participantes desta pesquisa passou quase toda a entrevista com uma criança – um menino de 3 anos – no colo, filho de uma colega sua grávida, que possui um carrinho de lanches em frente a sua barraca. A relação entre as duas era tão próxima que o menino só a chamava de avó.

▪ **Sobre os homens do Metrô e a relação com a pesquisadora.**

Apesar de esta pesquisa ser direcionada às mulheres ambulantes do Metrô, foco principal desta dissertação, é importante ressaltar alguns aspectos sobre os homens ambulantes do Metrô. Em primeiro lugar, alguns deles chegaram a perguntar por que não se falavam com eles também, e alguns se ofereceram para participar da entrevista. Quando eram tiradas as fotos das mulheres que participaram das entrevistas, eles indagavam: “_por que não vai tirar a minha foto? _Está tirando só a foto dela?”. Outros relataram que já haviam dado entrevistas no Metrô e até que apareceram na televisão mais de uma vez.

Em um momento de uma determinada entrevista, um homem fez questão de dar a sua cadeira à pesquisadora, dizendo que ela já estava cansada de passar o dia todo entrevistando as mulheres. Em outra ocasião, quando em entrevista a uma ambulante, um homem chegou sem se identificar e foi direto falar com a entrevistada perguntando a ela o que a pesquisadora estava fazendo ali. Após a explicação dela, que era uma pesquisa, etc., ele olhou para a pesquisadora, sorriu e foi embora. Alguns homens não faziam nenhum comentário, mas ficavam olhando de longe, principalmente, quando a pesquisadora estava conversando ou entrevistando uma amiga ou parenta de alguns deles. A impressão que se teve é que os homens ambulantes do Metrô, mesmo em minoria, se sentiam “responsáveis” pela manutenção e proteção das ambulantes. E, ao mesmo tempo, que eles se sentiram excluídos, uma vez que, não fizeram parte das entrevistas nem das fotografias.

3.5.2- As Interlocutoras: as Ambulantes do Metrô

*Fumo de rolo arreio e cangalha
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Bolo de milho broa e cocada
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar
E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
E foi passo-voando pra todo lugar
(Título da Música: Feira de mangaios
Artista: Clara Nunes
Letra: Glorinha Gadelha e Sivuca)*

Neste item serão apresentadas as mulheres ambulantes que participaram da pesquisa. Por considerar estas mulheres como flores que brotaram do solo aparentemente infértil do Metrô – numa analogia com o fato de sobreviverem do dinheiro que ganham das atividades remuneradas que realizam como ambulantes na estação – e como faz parte do aspecto ético desta pesquisa manter o anonimato das entrevistadas, de agora em diante elas serão tratadas por nomes de flores. Para a apresentação das interlocutoras, foram construídos quadros com os dados obtidos sobre as mesmas, tanto em nível pessoal quanto profissional.

O quadro 1 apresenta dados pessoais das mulheres do metrô, como idade, escolaridade, estado civil, quantidade de filhos, onde residem, e religião.

Quadro 1 – Dados pessoais das entrevistadas

QUADRO 1						
Nome:	Idade:	Escolaridade:	Estado civil:	Filhos:	Reside:	Religião:
Amarílis	22	6ª série	Casada	1(3 anos)	Maranguape I – Paulista	Evangélica
Angélica	20	8ª série	Solteira	1 (1 ano e 7 meses)	Imbiribeira – Recife	NI
Estrelícia	33	3º ano	Solteira	0	Coque – Recife	Evangélica
Gardênia	19	1º ano	Casada	1 (5 meses)	Coque – Recife	NI
Gloriosa	33	5º série	NI	1 (8 anos)	Casa Amarela – Recife	NI
Íris	27	4ª série	Separada	1 (3 anos e grávida de 6 meses)	Coque – Recife	Católica
Liatris	40	6ª série	Separada	2 (8 e 14 anos)	Alto da Bondade – Olinda	NI
Margarida	61	NI	Casada	11 e 20 netos	Coque – Recife	Católica
Palma	50	Esta fazendo o EJA (Educação de Jovens e Adultos)	Casada	7	Coque – Recife	Evangélica
Tulipa	37	NI	Separada	2 (12 e 17 anos)	NI	NI

Legenda: NI (Não informou)

Como se pode observar, foram encontradas no Metrô mulheres com idade entre os 19 e 61 anos. No que diz respeito à educação, há ambulantes que estão no EJA (Educação de Jovens e Adultos) em busca da alfabetização. A maioria se encontra ainda no Ensino Fundamental não concluído, e algumas com o Ensino Médio incompleto. Em se tratando do estado civil, as ambulantes, na maioria dos casos, são solteiras ou separadas. Apenas algumas mulheres são casadas, mas nem todas oficialmente; algumas se autodenominam “amigadas”. Apenas uma única, entre as pesquisadas, afirmou não ter filho. Todas as outras, além de terem filhos, são as únicas responsáveis por todo o sustento da casa, inclusive as que são casadas. Das ambulantes entrevistadas três eram evangélicas (da Assembléia de Deus), algumas se disseram católicas e a maioria não se vê como pertencente a nenhuma igreja, apenas acreditam em Deus.

No quadro 2 são apresentadas informações que dizem respeito ao tempo que já trabalharam com carteira assinada, os trabalhos que desenvolveram antes de virem para a estação, a média de ganho mensal, tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00 (trezentos e oitenta reais), os produtos que comercializam e há quanto tempo estão no metrô.

Quadro 2- Dados profissionais das entrevistadas

QUADRO 2					
Nome:	Tempo de trabalho com carteira assinada:	Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o Metrô:	Média de ganho mensal no metrô	Comercializa:	Tempo que está no metrô:
Amarilis	NT	Doméstica	(-) que o mínimo	Água mineral em saquinhos de picolé e pipocas.	NI
Angélica	NT	Garçonete	(+) que o mínimo	Pipocas, salgadinhos, confeitos e gomas de mascar.	5 meses
Estrelícia	NT	Professora vendedora da Avon	(+) que o mínimo	Lanches: suco, refrigerante, coxinha, pastel e água mineral.	3 anos
Gardênia	NT	Babá	(+) que o mínimo	Pipocas, confeito, salgadinho e goma de mascar.	10 anos
Gloriosa	NT	Doméstica	(+) que o mínimo	Pipocas, salgadinhos, confeitos, e gomas de mascar.	5 anos
Íris	NT	Doméstica e garçonete	(+) que o mínimo	Suco, água mineral, refrigerantes, pastel e coxinhas.	8 meses
Liatris	Vários anos	Doméstica	(+) que o mínimo	Pipocas, salgadinhos, confeitos e goma de mascar.	5 anos
Margarida	NT	Sempre ambulante	(+) que o mínimo	Pipoca, salgadinho, confeitos, água mineral em garrafa ou em saquinho de picolé, refrigerante e laranja.	13 anos
Palma	NT	Sempre ambulante	(+) que o mínimo	Óculos de sol, bonés, presilhas para cabelo e bijuterias.	NI
Tulipa	Vários anos	Doméstica	(+) que o mínimo	Pipocas, confeito, salgadinhos e goma de mascar.	5 anos

Legendas: NI (não informou) NT (nunca trabalhou)

Das dez mulheres entrevistadas, apenas duas já trabalharam com carteira assinada, ambas como domésticas. Dentre as atividades que algumas mulheres já realizaram antes de serem ambulantes, destaca-se uma que foi professora, uma que foi babá e uma que atuou como vendedora de cosméticos, outras que foram garçonetes, outras que foram domésticas e ainda as que sempre foram ambulantes. A maioria das mulheres entrevistadas, nove das dez, afirmou ganhar mais do que um salário mínimo com a venda de seus produtos no Metrô. Elas comercializam desde pipocas, confeitos, água mineral e lanches, até óculos, bonés e presilhas para cabelo. Na estação do metrô Joana Bezerra, encontram-se ambulantes que estão lá desde cinco meses até treze anos, inclusive uma que tem apenas dezenove anos de idade e já tem dez anos de metrô.

3.5.3- As Mulheres e os Sentidos que Atribuem as Atividades Remuneradas que Realizam como Ambulantes no Metrô

*Cabresto de cavalo e rabichola
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Farinha rapadura e graviola
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pavio de candeeiro panela de barro
 Menino vou me embora
 Tenho que voltar
 Xaxar o meu roçado
 Que nem boi de carro
 Alpargata de arrasto não quer me levar...
 (Título da Música: Feira de mangaios
 Artista: Clara Nunes
 Letra: Glorinha Gadelha e Sivuca)*

Para falar sobre as atividades remuneradas das ambulantes do metrô é preciso conhecer essas mulheres, que são as únicas responsáveis pela entrada de dinheiro em sua casa, pela educação de seus filhos e netos. Mulheres que são solidárias umas com as outras, que são vaidosas, que disseram não para o trabalho de doméstica e preferiram se ariscar na informalidade, que estão separadas ou que suportam o fato de terem de sustentar toda a casa e ainda conviverem com maridos ou companheiros que estão presos, ou desempregados, ou doentes. Ambulantes que sonham em ter um emprego “bonzinho de carteira assinada”, ou que gostariam de ter um negócio próprio longe do Metrô, ou que nem sonham mais, apenas vão levando a vida e, portanto, não querem sair da Estação.

São mulheres pobres que nem chegam a fazer feira para casa, seguem vivendo comprando uma galinha, um quilo de feijão e arroz para o almoço e dois pacotes de fubá para comer com a família no café da manhã e à noite, no jantar. Porém, em meio a tudo isso, ainda arrumam um prato de comida no almoço para a colega que está sem dinheiro e não tem como comer. Ambulantes que cuidam do banco e da venda da mercadoria da companheira que teve que ir ao médico ou fazer compras de produtos para venderem. Que ficam com o filho da amiga que está grávida e ainda tem que passar o dia todo no Metrô. Mulheres que se arrumam, que passam o dia gritando e atraindo fregueses, que contam piadas, que comentam umas sobre as outras e que também brigam.

Em meio a todas estas situações, e com tudo isso, elas vão construindo ou dando sentidos para suas vidas e para as atividades remuneradas que realizam como ambulantes. Das 10 mulheres entrevistadas, 5 foram escolhidas para dar ênfase a esta análise. Estas mulheres foram escolhidas por apresentarem aspectos considerados importantes para a compreensão das atividades remuneradas dessas ambulantes. São elas:

- A primeira é a Gardênia, que começou a ir para o Metrô aos 9 anos. Hoje está com 19 anos e ainda continua como ambulante;
- A segunda, Liatris, que estava desempregada e veio para o Metrô por intermédio de seus primos que já estavam na estação há mais tempo;
- A terceira é a Tulipa, que foi para o Metrô por não querer mais trabalhar como doméstica em casa de família, pois considera este trabalho humilhante;
- A quarta, Palma, que antes vir para o Metrô vendia água na rua andando no carrinho e já catou até garrafa e latinha para viver;
- E, por fim, a quinta, Margarida, que sempre foi ambulante e assim criou todos os seus 11 filhos.

Nas transcrições das fitas, foram adotadas algumas convenções, referentes às pausas, silêncios prolongados, etc, como indicado no quadro abaixo:

Quadro 3- Convenções utilizadas

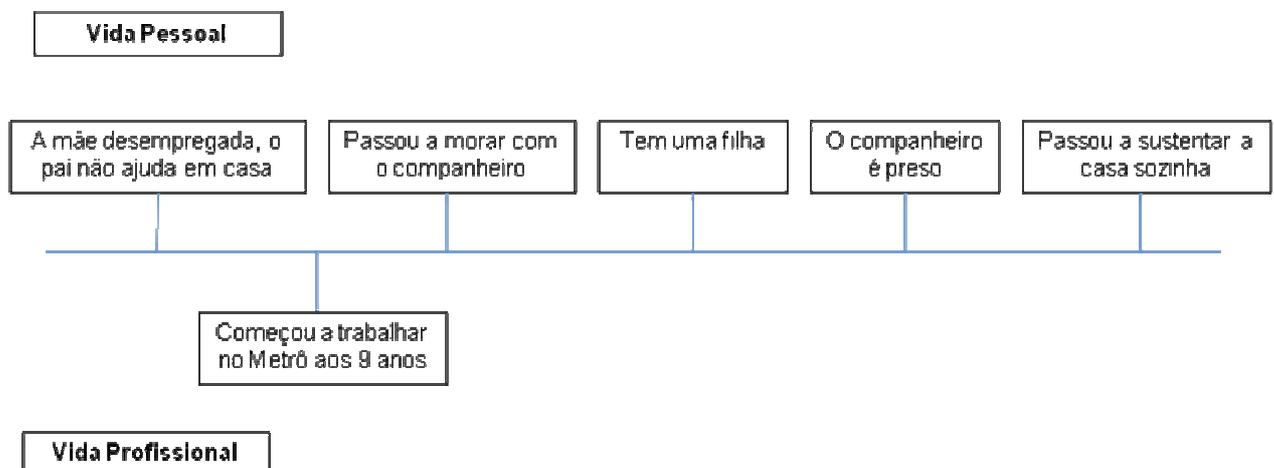
Convenções	Significados
...	Pausas, silêncios prolongados.
E	Entrevistadora
A, AN, ES, G, GL, I, M, L, P, T	Iniciais dos nomes das entrevistadas
()	Esclarecimentos da entrevistadora

1 – “*eu comecei com nove.*” (Gardênia).

Gardênia tem 19 anos, estudou até o 1º ano do ensino médio. É casada, não formalmente, tem uma 1 filha de 5 meses. Mora no Coque – Recife/PE. Nunca trabalhou com carteira assinada, mas já atuou um tempo como babá.

No Metrô, ela tem um banco mais ou menos do tamanho de uma mesa de cozinha de quatro lugares. Ele fica localizado à direita da catraca de saída da estação. Desta forma ela consegue atender tanto as pessoas que saem do metrô e se dirigem para pegar um dos ônibus que fazem integração, como também as pessoas que sobem ou descem a rampa da estação. Seu produto principal de venda é a pipoca, que ela compra em grandes sacos, e depois repassa para pequenos sacos, quase do tamanho dos saquinhos de picolé. Às vezes, Gardênia nem chega a fechar os saquinhos cheios de pipocas, vendendo-os logo à medida que chegam as pessoas, por R\$ 0,10 (dez centavos). Encontram-se também em seu banco salgadinhos, gomas de mascar e confeitos.

▪ Linha narrativa:



Como se pode observar em sua linha narrativa, a interlocutora - com exceção de um período curto que atou como babá - nunca teve nenhum outro trabalho. Portanto, sua carteira de trabalho nunca foi assinada, e ela nunca contribui para a previdência. Passou toda a sua vida, até o momento, vivendo na informalidade.

Dentre todas as mulheres entrevistadas para esta pesquisa, Gardênia é a mais nova. Contudo, o mais impressionante não é a sua idade, mas há quanto tempo está no Metrô:

E: cinco meses... oh G, cê tá aqui há quanto tempo?

G: vai fazer dez anos.

E: dez anos que você tá aqui!

G: acho que já fez porque eu tenho dezenove... eu comecei com nove.

E: tu veio com tua mãe e teu pai... ou tu veio só pra cá?

G: vinha só, agora minha mãe me ajuda, mas ela vai pra casa fazer almoço...

E: oh, ela tá falando (chega um freguês pra comprar e ela o atende através da abertura da grade da rampa de subida do metrô)... mas quando cê veio pra cá com nove anos, cê veio com sua mãe ou tu veio só?

G: sozinha.

Os motivos que levou Gardênia a ser ambulante não são muito diferentes dos das outras mulheres do Metrô, que vivem em situação de dificuldade financeira:

E: foi mesmo, e me diz uma coisa é... por que é que você veio pra cá? e não saiu mais né? desde veio não saiu mais.

G: vim pra porque... minha mãe desempregada e meu pai não ajudava. (ela falava comigo enquanto enchia os sacos de pipocas pra vender).

E: é, e me diz uma coisa, é... já trabalhou de carteira assinada alguma vez?

G: não, só curso.

E: mas nunca trabalhou de carteira assinada mesmo não?

G: (ela balança a cabeça negativamente).

E: você tem vontade?

G: tenho

E: tem, por que é que cê... cê já procurou? ou por que você não conseguiu? o que aconteceu? por que você está aqui há muito tempo né?

G: há muitos anos, é porque eu gosto daqui... aqui eu acho que eu ganho mais.

Destacam-se na fala da interlocutora dois pontos que ela justifica como sendo os motivos que a levaram a vir e continuar no metrô há 10 anos. O primeiro é ela gostar do metrô e o segundo é acreditar que ganha mais dinheiro como

ambulante na Estação. Gardênia parece estar acostumada com o fato de ser ambulante. Mesmo durante toda a entrevista não parava de atender a seus fregueses e mal o gravador foi desligado, ela já começou a chamar as pessoas que subiam à rampa do metrô oferecendo suas pipocas: “_olha pipoca, é deis centavo aí, olha”

O dinheiro que a Interlocutora ganha no Metrô é a única fonte de renda de sua família. Ela tem uma filha de 5 meses e seu marido está preso:

E: é... tu consegue tirar mais que um salário mínimo aqui?

G: com certeza.

E: é mesmo.

G: só cento e cinqüenta (reais) eu pago a menina pra toma conta da minha menina de cinco meses.

E: é mesmo?

G: fora a dispesa nê, e é eu sozinha.

E: e vem cá tu é casada?

G: sou amigada.

E: teu marido trabalha?

G: meu marido tá preso.

Sua condição e seu comprometimento em ser ambulante com a responsabilidade de sua família é acrescido ainda de ter que pagar a uma “menina” para tomar conta de sua filha de 5 meses, durante o tempo que fica no metrô e ainda toda as outras despesas de sua casa. Desta forma, Gardênia considera o que realiza no metrô como seu trabalho:

E: ah tem uma coisa, quando o pessoal pergunta o que é que cê vem fazer aqui, você diz que vem fazer o que aqui?

G: trabalhar.

E: aqui é o teu trabalho, então pra você?

G: (ela balança a cabeça afirmativamente).

Sobre a possibilidade de ser expulsa do metrô, a interlocutora considera outras oportunidades de sobrevivência, além deste trabalho atual, e não vê a possibilidade de ser expulsa do Metrô com desespero:

E: também não nê e vem cá se c... se tiverem essa história que vocês vão sair daqui, o que é que você vai fazer?

G: eu? rapaz, estudo e botar currículo por aí.

Possivelmente, este seu comportamento frente à ameaça de ser expulsa do Metrô é por acreditar que por sua idade pode vir a ter outras oportunidades, ou é porque, no fundo, não acredita na real possibilidade da expulsão.

Sobre as suas expectativas para o futuro, Gardênia afirmou ter sonhos e planos para voltar a estudar:

E: é... e me diz uma coisa, é... no caso... você, quando você pensa do teu futuro profissional o que é que você...

G: eu?

E: sim, quando você olha pro futuro o que é que você pensa?

G: uma enfermeira, ser uma enfermeira.

E: mas de verdade, tu vai estudar e tudo, ou é só vontade, assim...

G: vou, vou voltar o... é porque eu descansei este ano em junho. Foi cesário e também já no meio do ano, aí eu não voltei a estudar não.

E: sei...

G: aí talvez eu volte a estudar o ano que vem.

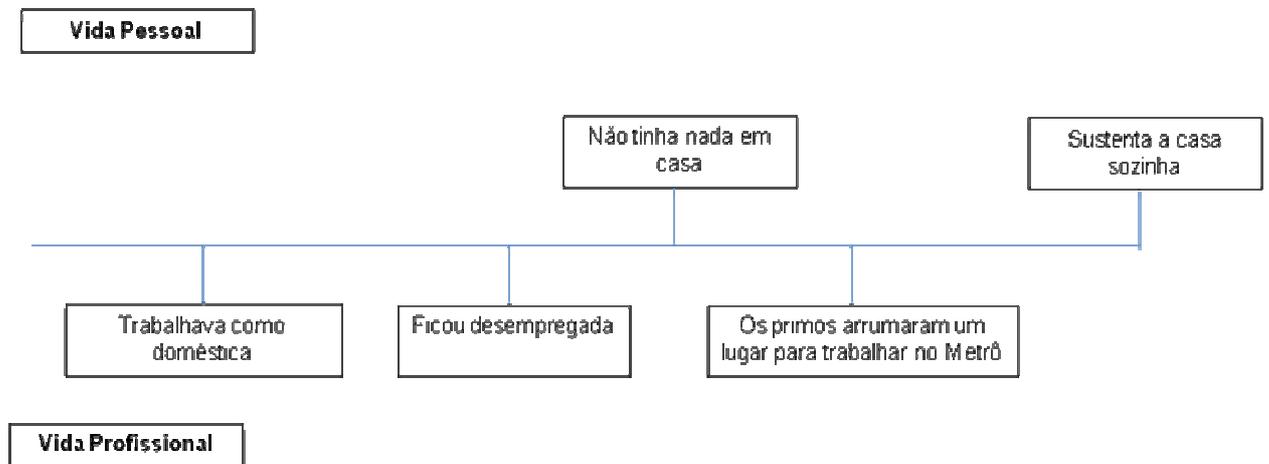
Conforme relatado anteriormente, durante a entrevista Gardênia não parava de trabalhar. Ora estava enchendo os saquinhos de pipocas, ora estava atendendo aos seus fregueses. Ela colocava um saco de pipoca entre cada um dos dedos da mão, de forma a conseguir segurar cinco saquinhos. Pondo as mãos entre as grades da rampa do metrô, ela fica ali a chamar os clientes para que comprem seus produtos. Enquanto trabalha de ambulante no metrô, ela sonha em estudar e ser enfermeira.

2 – “Tava desempregada, não tinha nada em casa.” (Liatris).

Liatris tem 40 anos. Estudou até a 6ª série do ensino fundamental. Mora no Alto da Bondade – Olinda/PE. Trabalhou por um bom tempo como doméstica, com carteira assinada. Ela está no metrô há 5 anos. Seu banco fica em um local bem situado, à direita de quem passa da catraca de saída do Metrô, de modo que ela atende tanto as pessoas que saem em direção aos pontos dos ônibus que fazem integração, como aquelas que estão descendo ou subindo a rampa.

Ela organiza seus produtos um abaixo do outro entre as grades do Metrô, montando uma fileira de pipocas, uma de salgadinhos, outra de confeitos, etc. Seu banco é do tamanho de uma mesa de cozinha de quatro cadeiras.

▪ Linha narrativa:



Como se pode observar em sua linha narrativa, para a interlocutora, ser ambulante no Metrô foi uma alternativa ao desemprego:

E: e porque que você veio para cá, o que levou você a vir para cá?

L: tava desempregada, não tinha nada em casa, aí tem meus primos que já trabalhavam aqui há mais anos aqui do que eu.

E: teus primos? esse pessoal... teus primos aqui perto?

L: não, é o outro.

E: ah tá.

L: aí ele me trouxe para cá, ele arrumou um cantinho para mim e eu fiquei trabalhando.

Desta forma, para a entrevistada ser ambulante no Metrô a possibilitou sustentar a casa e ainda não trabalhar mais como doméstica. A história de Liatri é interessante, porque ela não quer voltar a trabalhar como doméstica, mesmo que tenha a carteira assinada, uma vez que, como doméstica, se ganha por mês, e quando ela vem pegar no salário não dá para quase nada.

Ainda sobre o dinheiro e a importância deste para sua família, segundo a interlocutora, ser ambulante lhe possibilita um ganho financeiro maior. Afirma que ganha mais no Metrô do que quando era doméstica:

E: é... e, e o que você... e... ficar aqui dá para você, você acha que atende?

L: atende

E: é você que sustenta a casa sozinha?

L: é eu.

E: sei... e aqui você ganha mais do que quando como era doméstica?

L: ganha mais porque todo dia agente tem dinheiro e doméstica agente ganha por mês.

E: mas mesmo somando dá mais, mesmo somando dá mais.

L: dá mais.

E: é mesmo? eu pensei que não desse.

L: dá mais.

Para Liatris, estar no Metrô é o seu meio de sobrevivência. Ela considera que ser ambulante é o seu trabalho:

E: desse menos, dá mais nê, o que é que você considera o que você faz aqui, se alguém te perguntasse o que é que você faz aqui, cê diria que você faz o que?

L: vendo, é vendo pipoca, confeito, salgadinho, essas coisas.

E: e isso é o que pra você, é o seu o que?

L: é minha sobrevivência.

E: sua sobrevivência, nê a sua forma de viver, você vê isso aqui como seu trabalho?

L: como meu trabalho.

Liatris é separada e é a única responsável financeira pela casa. Por meio do seu trabalho sustenta a si e as suas duas filhas. Em se tratando da possibilidade de ser expulsa do Metrô, junto com todas as outras mulheres, Liatris pensa em conseguir um emprego, caso ocorra, de fato, a expulsão:

E: entendi, então se você pudesse, o teu futuro não seria aqui... se você tivesse condições...

L: vendendo pipoca não.

E: mas você já procurou outras coisas?

L: já mas, quantos não tem desempregado? você bate, porta fechada. Quantos até formado mesmo por aí... várias coisas: professores, médicos...

E: han, han...

L: estão fazendo outra coisa, porquê o desemprego tá grande.

E: han, han

L: não é isso?

E: han, han

L: até você pegar um saco de pipoca e vender no ônibus é lucro, nê?

E: entendi.

L: porque não tem um emprego, você bota um currículo pra conseguir um emprego você morre de fome.

E: entendi, ficar aqui é divertido? você gosta, você faz amizade, conhece pessoas...

L: gosto, porque é tudo uma família só, todo mundo se compreende.

Ao se tratar da temática do futuro, ela volta a considerar a possibilidade de conseguir um emprego, desde que não seja como doméstica, em casa de família:

E: e... vem cá me diz uma coisa... o que é que você pensa do teu futuro. Quando você pensa assim do teu futuro, o que é que você quer para o seu futuro?

L: éíta, pro meu futuro, lógico que eu gostaria de uma coisa melhor do que essa aqui.

E: o quê por exemplo?

L: porque, veja só isso aqui não é futuro não, isso não tem carteira assinada se você cair doente... e aí não é isso?

E: han, han...

L: você não vai ter um INPS.

E: han, han.

L: porquê aqui agente não paga INPS.

E: han, han

L:então, agente com certeza gostaria de um emprego bom, agora que não fosse casa de família, como assim... uma fábrica, qualquer coisa menos... (ser doméstica de novo).

Liatriis viu no trabalho como ambulante uma oportunidade de se sustentar e de manter sua família. Uma mulher que gostaria de ter uma oportunidade de trabalho, mas que não quer ser mais doméstica. Uma trabalhadora que considera que a situação que ela está passando é comum a muitas outras pessoas que gostariam de uma oportunidade de emprego, mas que na ausência deste encontra formas alternativas de sobreviver. Ela vê as suas colegas de trabalho do Metrô como fazendo parte de uma grande família, cujos laços que as unem vão além dos sangüíneos – pois ela tem primos e irmãs no metrô –, é a luta do dia-a-dia pela vida.

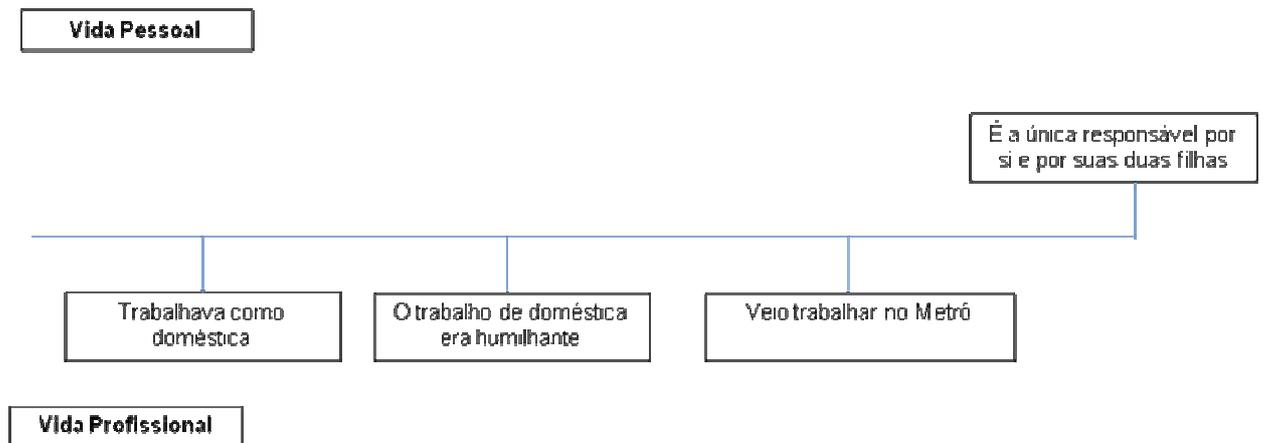
3 – “Em casa de família é um serviço bom, você recebe, mas acho que é muito humilhante.” (Tulipa).

Tulipa está com 37 anos e é separada. Tem 2 filhas de 12 e 17 anos. Está no Metrô há 5 anos. Das mulheres entrevistadas no Metrô ela é a mais vaidosa. Todos os dias em que foi encontrada na Estação do Metrô estava maquiada – blush, sombra, batom – e com o cabelo arrumado com gel ou trancinhas.

Ela tem um banco do tamanho de mesa de cozinha de quatro lugares. Fica num bom local, à direita de quem sai da catraca do Metrô, de maneira tal a conseguir atender as pessoas que saem da parte interna em direção aos pontos de

ônibus que fazem a integração e ainda atender aqueles que sobem e descem a rampa do Metrô. Tulipa aproveita sua proximidade com a rampa da estação para expor seus produtos por entre as grades. Ela vende pipoca, salgadinho, goma de mascar e confeitos. Seu ponto fica ao lado dos bancos de suas primas e próximos aos dos primos.

▪ **Linha narrativa:**



Como se pode observar em sua linha narrativa, Tulipa veio trabalhar no Metrô porque não queria mais trabalhar como doméstica em casa de família:

E: ah certo... há quanto tempo você está aqui?

T: cinco anos.

E: ah... tá, tá entendi... e me diz uma coisa é... por quê que você resolveu vir pra cá?

T: rapaz... casa de família não deu mais para mim né, aí eu resolvi trabalhar para mim mesmo.

E: você trabalhou quanto tempo em casa de família?

T: rapaz, eu trabalhei vários anos vice, em várias casas...

E: foi?

T: foi.

E: e porque que não deu certo, T?

T: porque, acho que é assim... assim em casa de família é um serviço bom, você recebe, mas acho que é muito humilhante.

E: é?

T: é eu acho.

E: por exemplo, assim o que acontece?

E: eu acho assim, que agente tá ali a patroa às vezes pede as coisas, faz as pessoa, assim, de idiota mesmo, aí eu tomei um abuso muito grande.

E: é... você tinha carteira assinada e tudo?

T: tinha.

Para a interlocutora, o trabalho de doméstica é permeado por situações de humilhação na relação patroa e empregada. No que diz respeito ao dinheiro que recebe como ambulante no Metrô e a importância deste para sua família, Tulipa reforça que é a única responsável pela entrada de dinheiro em sua casa. E a sua única fonte de renda é o seu trabalho no Metrô:

E: e vem cá... vale mais à pena, como ela disse, em torno de dinheiro ficar aqui do que tá em casa de família?

T: vale.

E: você ganha mais é...

T: (ela balança a cabeça afirmativamente)

E: alguém mais trabalha na tua casa ou é só você?

T: não, só eu.

E: você é quem sustenta a casa toda... e dá direitinho...

T: dá.

E: é mesmo.

T: é.

Para a interlocutora, se ganha mais dinheiro como ambulante do que em outros trabalhos como o de doméstica. Além do agravante que no trabalho em casa de família ainda há a possibilidade de ser humilhada pela patroa. Desta forma, a interlocutora considera que ser ambulante é o seu trabalho:

E: quando alguém pergunta, o que é que você vai fazer no metrô, você diz que vem fazer o quê?

T: trabalhar.

E: considera que aqui é o teu trabalho.

T: é... ambulante... é.

Tulipa já trabalhou fazendo adereços ou enfeites e objetos de decoração em gesso para festas de aniversários e decoração de quartos de crianças. Porém, parou por ter desenvolvido sérios problemas de tendinite, fez até cirurgia. Desta forma, quando questionada sobre o que vai fazer caso venha a ser expulsa do Metrô, ela pretende voltar a trabalhar com gesso:

E: o que você pretende fazer se tiver que sair daqui do metrô?

T: é ter a loja (de gesso) e montar o próprio negócio.

E: han, han... mas aí quando você está pensando no teu futuro seria voltar pra essa coisa da loja?

T: é. Porque eu mesmo crio minhas coisas, meus desenhos, tudinho, aí pronto.

Seu desejo de voltar a trabalhar com gesso e até montar uma lojinha de decoração é o que permeia suas expectativas para o futuro profissional:

E: e vem cá, quando você pensa, assim, no seu futuro profissional, o que é que você pensa?

T: rapaz...

E: você pensa em continuar aqui? o que é que você tá pensando?

T: eu penso em ter, assim, o meu próprio negócio mas não aqui.

E: por exemplo?

T: tá entendendo?

E: o que é que você pensaria...

T: eu gosto muito de trabalhar assim, com pinturas, com essas coisas assim, que eu já trabalhava.

E: é mesmo?

T: é. Com gesso, essas coisas assim, aí eu pretendo assim, no futuramente, eu ter a minha própria lojinha de gesso.

Tulipa é mais uma mulher ambulante da Estação que é responsável pelo sustento de sua casa e pela educação de suas filhas. Ela não quer mais trabalhar como doméstica, mesmo que com carteira assinada, pois considera este trabalho humilhante e argumenta que ganha bem mais com seu banco na Estação Joana Bezerra. Enquanto ela vende suas pipocas e confeitos, sonha em poder montar sua lojinha de produtos de gesso para decoração, longe do Metrô.

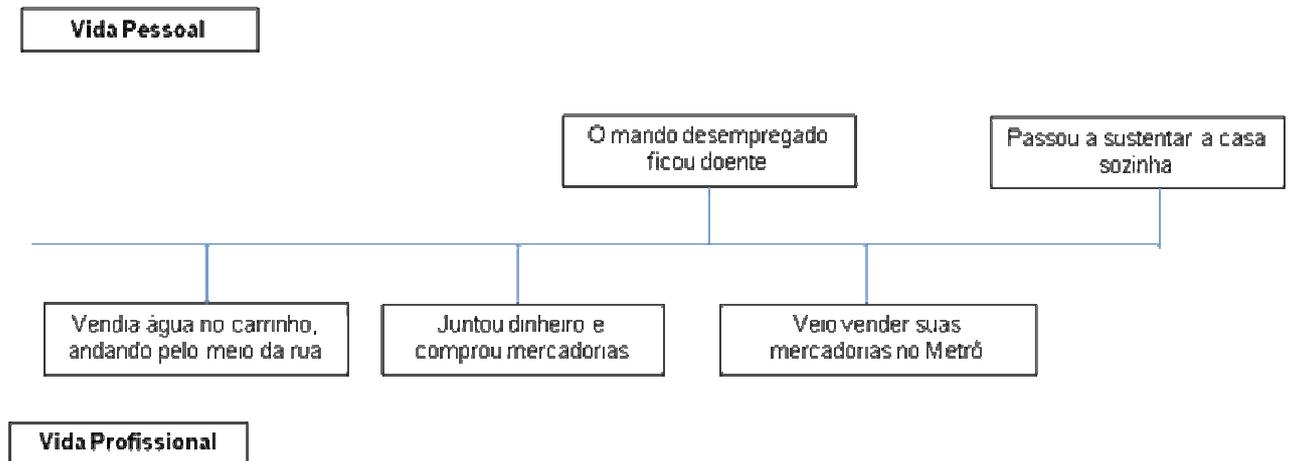
4 – “Eu vendia água na rua andando, no carrinho, já catei garrafa, latinha, pra viver.” (Palma).

Palma tem 50 anos e está fazendo o EJA (Educação de Jovens e Adultos). É casada, não formalmente, tem 7 filhos. Mora no Coque – Recife/ PE. É evangélica da Assembléia de Deus.

A interlocutora é uma das poucas mulheres do Metrô que não vende produtos alimentícios. Ela tem uma barraca na qual vende óculos de sol, bonés e enfeites para cabelos. Sua barraca fica localizada à direita da catraca de saída, contudo mais próxima dos últimos pontos de ônibus que fazem integração, de modo

que não consegue nem ver, nem atender as pessoas que sobem ou descem a rampa do metrô pela grade.

▪ **Linha narrativa:**



Como se pode observar em sua linha narrativa, antes de vir para o Metrô, Palma vendia água mineral em um carrinho pela rua. Ela sempre foi ambulante:

E: eita, que coisa boa, e me diga uma coisa, porque que a senhora veio pra cá?

P: porque eu tava desempregada, nê.

E: sei.

P: aí arrumei um dinheiro e comprei mercadoria.

E: foi?

P: aí arrumei um dinheiro e comprei mercadoria...

E: a senhora, já trabalhou de carteira assinada?

P: nunca.

E: nunca?

P: sempre camelô.

E: sempre foi camelô, em nenhum outro lugar, tipo doméstica, alguma coisa?

P: não, eu vendia água na rua andando, no carrinho, já catei garrafa, latinha, pra viver.

E: sempre foi nessa coisa assim.

P: na luta.

E: e me diga é... por que a senhora escolheu vir pra cá?

P: assim, porque é um movimento bonzinho nê, e Deus abriu a porta nê, glória a Deus.

Segundo Palma, o dinheiro que recebe no Metrô tem uma importância crucial para sua família, mesmo sendo casada. Seu marido não é aposentado, e ainda está desempregado e doente:

E: pronto... quantos filhos a senhora tem?

P: eu tenho sete

E: s...e...t...e filhos!

P: e tem quatro desempregados.

E: eita e a senhora... seu esposo trabalha?

P: ele é doente, ele faz hemodiálise.

E: mas ele, recebe aposentadoria?

P: não, ele não é aposentado não.

E: é só com o dinheiro da senhora daqui?

P: é daqui, eu e ele.

E: ele vem pra cá também?

P: é, mas fica um pouquinho e vai embora, que ele não agüenta... oi perdeu os dois rins e tem cirose no fígado.

E: eita.

P: ele fez uma biopsia agora do fígado, ele tem hepatite C no fígado.

E: mas ele bebia antes, era?

P: bebia.

E: ah, entendi, foi por conta da bebida, né.

P: (ela balançou a cabeça afirmativamente)

E: dá, a senhora tira mais que um salário mínimo daqui por mês?

P: se tiro? tira

E: tira, é melhor tá aqui do que em outro lugar, por causa do dinheiro.

P: é, eu não quero um emprego não, eu quero tá aqui mesmo.

E: é mesmo, mesmo sem carteira assinada?

P: mesmo sem carteira assinada.

Com o dinheiro que ganha no Metrô Palma compra o gás de cozinha de sua casa. Não faz feira de mês, mas compra um quilo de feijão, um quilo de arroz, um pacote de macarrão, um quilo de galinha e isso dá para toda a sua família almoçar. Para o café da manhã e para o jantar, ela compra dois pacotes de fubá e faz um cuscuz. Por tudo que representa o dinheiro que ganha para sua família, Palma considera sua atividade no metrô como seu trabalho:

E: me diga uma coisa, quando alguém pergunta o que a senhora vem fazer aqui no metrô, a senhora diz que vem fazer o quê?

P: eu vou negociar, ganhar o meu pão todo dia, ainda... às vez ainda dou o almoço a alguém, passa aqui tô com fome... aí eu tomo come (ela pára pra atender uma freguesa que chegou).

Para a Palma, a possibilidade de ser expulsa do Metrô é motivo de pesar, tristeza e preocupação:

E: e... se tirarem a senhora daqui, como tem esse boato de tirarem o pessoal?

P: meu Deus da Glória, eu boto (a sua barraca) ali do outro lado no sol. (referindo-se a ficar vendendo atrás da grade externa do metrô)

E: não vai desistir não nê, é forte mesmo...

P: nê não? eu vou botar ali, eu não vou fazer bagunça, que eu sou evangélica.

E: certo.

P: mas eu boto ali do outro lado, compro outra sombrinha e boto. Tem um rapaz que me bota chapéu, eu pago no apurado.

E: entendi, entendi, quer dizer que a senhora é...

P: guerreira, desde os seis anos de idade que eu trabalho na rua.

E: muito bom, muito bom viu... é porque ...

P: porque Deus abençoe nê, até aqui ele não impatou agente sair, nê não? impatou e eu espero que ele dê um tempo nê, sei lá...

E: é... eu vou torcer...

P: no dia em que disseram: vai sair... eu chorei tanto.

E: eu vou torcer pra que não saia, viu...

P: obrigada, eu chorei...

Apesar de estar apreensiva com a possibilidade de ter que sair da Estação, Palma tem planos para o futuro que vão além de seu trabalho no Metrô:

E: me diga uma coisa quando a senhora pensa no seu futuro profissional, a senhora pensa em quê?

P: oi eu penso, é que eu tô estudando, sabe pra ensinar em creche.

E: é mesmo?

P: (ela sorri), porque isso não é futuro (se referindo ao trabalho no metrô).

E: a senhora quer sair daqui?

P: não, eu não quero sair.

E: quer ficar nos dois.

P: é porque, eu vê vou pagar nê, porque tem um curso aí que tem o pedagogia que eu quero fazer, paga nê.

E: certo, certo, a senhora quer fazer.

P: eu vou tirar a mensalidade daqui.

E: a senhora quer fazer as duas coisas, então.

P: é, eu quero fazer magistério e pedagogo (além de ficar no metrô).

A interlocutora, que quer ser professora, demonstrou ser bem animada, motivo de muitos risos durante a entrevista. Ela passou a entrevista toda com o menino da colega do lado, que está grávida, no colo e disse gostar de criança. Mostrou ser conhecida e articulada – falou com várias pessoas enquanto era

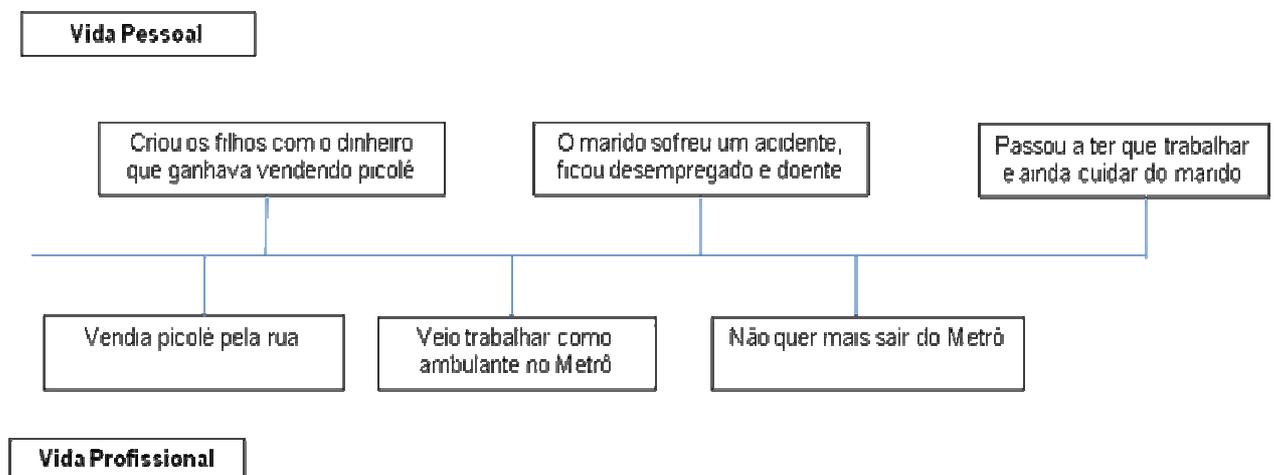
realizada a entrevista. Logo que acabou a entrevista, quando foi assinar o termo de consentimento informado, ela deu uma olhada para ele e perguntou se aquilo não iria lhe prejudicar para sair da Estação do metrô. Como lhe foi dito que não, ela o assinou. Depois perguntou como deveria fazer para colocar uma carta de seu neto no correio, pois ele iria escrever para ganhar uma bicicleta (tipo aquelas crianças que escrevem para Papai Noel). Não se sabe se pediu realmente ajuda pra escrever a carta ou se na verdade estava pedindo a bicicleta. Em todo caso, a pesquisadora disse que poderia até escrever a carta para ele, e que Palma poderia ligar para ela, que além de escrever poderia pedir uma ajuda a algumas pessoas para ver se juntas conseguiriam a bicicleta. Ela disse que não tinha telefone, mas falou que ele iria escrever e manteria contato com a pesquisadora.

5 – “*Criei meus filhos tudo assim.*” (Margarida).

Margarida tem 61 anos, é casada. Tem 11 filhos e 20 netos, mora na Joana Bezerra – Recife/PE. É católica.

Ela tem um dos maiores bancos do metrô, na verdade ela tem uma barraca e um banco bem pequeno, do tamanho de um carro de mão. Sua barraca é bem cheia de mercadorias como pipocas, salgadinhos, confeitos. Seu ponto de trabalho é à direita da saída da catraca do metrô, mas ela fica praticamente no último ponto do ônibus que faz integração – o ônibus PE Joana Bezerra.

▪ Linha narrativa:



Como se observar em sua linha narrativa, o trabalho como ambulante faz parte de toda sua história como trabalhadora, de maneira tal que ela nunca desenvolveu nenhum outro tipo de atividade:

E: porque é que a senhora, há quanto tempo a senhora está aqui no metrô?

M: treze anos.

E: porque é que a senhora resolveu vir pra cá?

M: porque eu comecei negociar com picolé no meio do mundo... e cheguei aqui botei essa carrocinha e fiquei...

E: e a senhora já trabalhou de carteira assinada já alguma vez?

M: não.

E: nunca?

M: pra ninguém.

E: trabalhou em algum outro lugar?

M: pra ninguém

E: nem como doméstica nada?

M: criei meus filhos tudo assim.

Margarida criou seus filhos como ambulante. É grande a importância do dinheiro que ganha para seu sustento e de sua família, pois atualmente é a única responsável pela entrada de dinheiro em sua casa, já que seu marido está desempregado e doente:

E: e me diga uma coisa, é... aqui é bom pra senhora?

M: é. Dá pra ir levando né nega, que essa barraquinha eu pago água, eu pago luz, só não pago aluguel. Pago água, pago luz. é... compro meu colírio só pros olhos. Descasco laranja na mão que não podia descascar, mas não pude comprar uma máquina ainda, mas assim eu vou descascando e assim eu vou levando.

E: e a senhora ganha mais aqui do que ganharia em outro lugar?

M: nega, eu nunca trabalhei em outro lugar, né, aqui dá.

E: a senhora consegue tirar um salário mínimo?

M: nega, eu num vou dizer que consigo, porque tem semana que posso comprar as coisas, tem semana quando eu pago água, pago luz, compro meu colírio, num posso nem comprar mercadoria, compro fiado em Afogados. Com dois dias vou pagar.

E: é... seus filhos lhe ajudam?

M: não me ajudam o que minha filha que estão todos parados. Tem dois que trava... já botei pra vender pipoca ali, que eu não agüento mais ajudar.

E: é mesmo.

M: é... tem um casado que tem dois filhos, mora no Pina e paga cento e oitenta conto de aluguel. E tá vendendo laranjinha ali também, que eu não agüentava mais.

Em seu discurso, a interlocutora chama a atenção pela maneira com que se refere às suas atividades no Metrô:

E: é... quando pergunta o que a senhora vem fazer aqui, a senhora diz que vem fazer o quê aqui?

M: trabalhar.

E: esse aqui é o seu trabalho.

M: de domingo a domingo, que eu num folgo aqui.

E: a senhora fica de domingo a domingo?

M: é domingo a domingo, porque tem dia aqui você não, tem dia aqui que o movimento é pra baixo, eu faço quinze conto vinte, não dá pra nada nê, e um...

E: qual é o normal?

M: e o domingo dá pro outro fazer um trocadinho melhor, um vai pra praia, um vai dançar, outro vai beber, outro vai namorar e diminui as pessoas, eu faço meu trocado pra pagar a minha venda, pra pagar minha água, entendeu, comprar alguma coisa pra dentro de casa comprar alguma coisa.

E: a senhora fica aqui então de domingo a domingo, chega de que horas?

M: eu chego de sete, chego de oito, chego de nove, depende do.

E: e vai embora à que horas?

M: vou embora às nove horas da noite, todo dia.

Margarida foi a única trabalhadora do Metrô que falou que iria resistir e continuar na Estação mesmo que todas venham a ser expulsas:

E: e me diga uma coisa... o pessoal... eu já tava ouvindo um boato, que vocês iam sair daqui o que é que a senhora acha?

M: fia oia, esse boato eu passei oito dias sem comer.

E: foi mesmo?

E: acredita você? porque eu pensando na minha vida... aonde é que eu vou colocar essa carroça? aonde é que eu vou trabalhar? aonde é que eu vou ficar? que eu só vivo dessa carroça? não tenho outro recurso, não sou aposentada, não sou nada... e eu... fiquei quase paralisada assim o (ela fica parada por uns segundos) ... mais Deus foi tão bom, que me viu tanta agonia em mim que parou. Puxa esses homens não chegou aqui ainda não, tô esperando, ou amanhã, ou mais tarde, ou depois... a conversa é essa.

E: se acontecer a senhora sabe aonde vai?

M: eu vou ficar nas grades (do lado de fora da estação).

E: nas grades nê?

M: e eu vou pra onde com essa carroça? eu não posso puxar essa carroça daqui pro Derby, daqui pra cidade, vir num dia... eu vou fazer o quê?

A interlocutora não vê outra saída para si que não seja continuar no Metrô, ao ponto de não ter nenhuma outra perspectiva de futuro que não ficar com sua barraca na Estação Joana Bezerra. Segundo Margarida, se vier a ser expulsa da área interna irá colocar a sua barraca por trás das grades, na área externa da estação. Para ela o trabalho no metrô é a sua única forma de sobreviver:

E: e me diga uma coisa, quando a senhora pensa no seu futuro, a senhora pensa em quê?

M: meu futuro? minha fia, eu só penso de... ter uma coisa melhor nê? que a idade já tá chegando e eu tô cheia de dor: tenho o joelho enchado, bico de papagaio nos pinhaço, os olhos operados, que eu operei os dois olhos, pronto agora mesmo eu tô marcada pra ir pra médica, pra médica passar outro colírio, é... é vinte e quatro real e eu num sei qual o futuro que eu vou. Deus é quem sabe.

E: é... a senhora pudesse escolher a senhora estaria aqui ou estaria em outro lugar?

M: não minha fia eu só fico aqui. Porque aqui é perto da minha casa, não tem ladeira e eu já conheço todo mudo aqui, eu só queria ficar aqui mesmo. Não, não, faz treze anos que eu trabalho aqui nê, e todo mundo me conhece. Quando aquela barraca foi feita ali (mostrando a barraca de uma colega do metrô), a mulher da barraca já me encontrou na frente dela trabalhando aqui dentro, entendeu. Eu que fundei aqui. Esses abrigos foi começando e eu acompanhando, acompanhando, acompanhando... e aqui eu to, e eu não saio daqui não, se começar a me tirar eu fico nas grades, eu fico no arredor da estação, fico no fundo, fico de quina, eu só quero ficar trabalhando aqui eu vou viver de quê?

Margarida é uma senhora que não aparenta a idade que tem, parece ter uns cinqüenta anos. Parecia ser bem conhecida na estação, pois durante a entrevista passaram uns três ônibus que pararam para que os cobradores e motoristas comprassem suas mercadorias. Mostrou ser vaidosa. Após ter sido tirada sua foto, ela percebeu que seus brincos tinham caído, o que a fez lamentar e dizer que ficou feia na foto sem os brincos. A pesquisadora lhe disse, então, que ela colocasse os brincos que iria tirar novamente as fotos e assim ela o fez. Parece ser uma mulher bem guerreira, batalhadora. Foi a única entrevistada que disse trabalhar de domingo a domingo, chegar cedo e sair tarde. No final fez questão de dar um abraço na pesquisadora e um beijo. Apesar de dizer que chora muito pela situação do marido, não parece ter sempre uma postura triste, mostra-se mais ativa, do tipo de pessoa que vai atrás do que quer. Logo que chegou, a pesquisadora comprou água, pois estava rouca em virtude de uma virose. Ao comentar o fato com a interlocutora, ela

disse que não pega nada porque come alho de manhã – “frito na manteiga com cuscuz, chupo muita laranja e como pipoca, por causa do milho.” Segundo ela, tudo isso a ajuda a não ficar doente, e aconselhou a pesquisadora a comer alho.

3.5.4- O Encontro das Falas das Interlocutoras

*Ser mulher, e oh! atroz, tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!
(Gilka Machado)*

Este item diz respeito ao que houve de comum nas falas das interlocutoras. Refere-se a dois temas especificamente: ao medo que todas possuem de ser expulsas do Metrô; e as suas expectativas profissionais futuras. Para tanto, foram construídos dois quadros:

No quadro 4, apresentam-se os temas presentes nas falas das mulheres ambulantes sobre o que vão fazer se chegarem a serem expulsas do Metrô.

Quadro 4- Temas presentes nas falas das interlocutoras quanto à possibilidade de expulsão do Metrô

QUADRO 4										
Temas	Amarílis	Angélica	Estrelícia	Gardênia	Gloriosa	Íris	Liatris	Margarida	Palma	Tulipa
Montar um negócio próprio.										X
Não sabe o que vai fazer.					X					
Procurar outro lugar para trabalhar como ambulante.	X		X	X						
Procurar um emprego.		X				X	X			
Resistir e continuar no metrô.			X					X	X	

Como se pode observar, no que diz respeito à temática sobre o que as mulheres ambulantes vão fazer se chegarem a ser expulsas do metrô, uma das ambulantes informou que gostaria de montar um outro negócio próprio, uma loja de decoração com produtos de gesso. Outra ainda não sabe o que vai fazer. Três interlocutoras afirmaram que iriam procurar outro lugar para trabalhar como ambulante, uma delas, inclusive, disse que iria para o ponto de ônibus em frente ao

Restaurante Laçador, em Boa Viagem - Recife, pois ante de vir para o Metrô trabalhava lá e tinha uma boa venda de seus produtos.

Três mulheres, das dez entrevistadas, disseram que iriam procurar um emprego com carteira assinada. E as outras três decidiram que diante da expulsão iriam resistir e continuar no Metrô, mesmo que do lado de fora da grade que delimita o espaço da estação.

No quadro 5, apresentam-se os temas presentes nas falas das mulheres ambulantes sobre as suas expectativas profissionais futuras.

Quadro 5 - temas presentes nos discursos das interlocutoras quanto às expectativas profissionais futuras

QUADRO 5										
Temas	Amarílis	Angélica	Estrelícia	Gardênia	Gloriosa	Íris	Liatris	Margarida	Palma	Tulipa
Comprar uma casa.						x				
Continuar no Metrô.								x	x	
Ser enfermeira.				x						
Ser professora.									x	
Ser secretária.		x			x					
Voltar a estudar.		x		x						
Ter um emprego.	x		x				x			
Ter um negócio próprio.										x

Todas as mulheres entrevistadas, ao serem perguntadas sobre as suas expectativas profissionais futuras, pareceram surpresas e pensaram, umas mais que as outras, para responder. Dentre as respostas a este tema, uma afirmou que deseja para seu futuro comprar uma casa e tirar sua mãe do Coque. A outra disse que vai voltar a estudar e se formar em enfermeira. Assim como a outra interlocutora, que também quer voltar a estudar e ser secretária. Uma das ambulantes quer montar um negócio próprio, uma lojinha de decoração para quartos de crianças e festas de aniversários, com os enfeites que ela mesma faz com gesso.

Três de nossas ambulantes querem conseguir um emprego “bonzinho de carteira assinada”, desde que não seja de doméstica. Pode ser em um fábrica, por exemplo. Contudo, o que chamou a atenção foram as duas mulheres que querem continuar no metrô. Uma porque está terminando o seu curso de Educação de Jovens e Adultos e quer trabalhar como professora de creche e continuar como ambulante na Estação, até mesmo porque pretende continuar fazendo cursos e seu trabalho no Metrô possibilita o dinheiro para os pagamentos dos mesmos. E a outra,

porque afirmou que não sai do metrô, pois não vê mais nenhuma alternativa para seu futuro. Ela gosta de ficar na estação. Considera que foi uma das primeiras ambulantes do local. Lá seu trabalho é perto de casa, pois, não tem condições de se deslocar para outros lugares. Desta forma, ficar como ambulante do metrô é o seu único meio de sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Vimos ...
Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba,
do sem sabor do caril de amendoim quotidiano,
do doer espáduas todo o dia vergadas
sobre sedas que outras exibirão,
dos vestidos desbotados de chita,
da certeza terrível do dia de amanhã
retrato fiel do que passou,
sem uma pincelada verde forte
falando de esperança.
(Excerto)
(Moça das docas – Noêmia de Sousa)*

Quando se pensa em trabalho, possivelmente, o pensamento remete àquele onde o trabalhador ou trabalhadora acorda às 06h, chega ao seu local de trabalho às 08h, trabalha até as 12h, sai para o almoço, volta às 14h e encerra seu expediente às 18h. Este ainda tem carteira assinada, recebe 40% do total de seu salário no dia 15 de cada mês e os outros 60% no final do mês, além de vale-transporte para se locomover até a instituição ou organização que trabalha. A empresa ainda oferece plano de saúde, que se estende a toda a família do trabalhador e ticket refeição, ou tem refeitório interno para prover a alimentação de todos os funcionários.

Desta forma, sempre que se fala em trabalho é esta a imagem que vem à mente. Mas, e quando o trabalho não obedece a esta rotina, continua sendo o trabalho? Ou melhor, as pessoas que desenvolvem atividades que lhe remuneram, mas que não obedecem a este padrão, consideram o que fazem como trabalho?

É nesta perspectiva que se propôs a estudar os sentidos que as mulheres atribuem as atividades remuneradas que realizam como ambulantes, de maneira totalmente contrária à imagem padrão sobre o trabalho descrita a cima, sem bater cartão de ponto, sem ticket refeição, sem garantia de remuneração fixa mensal e muito menos com carteira assinada.

De acordo com as falas das mulheres, não há um único motivo que explique a escolha, ou a falta de opção que as levaram ao Metrô. Quando perguntado às mulheres do Metrô os motivos que as levaram a desenvolver atividades remuneradas naquele local, a fala sempre estava inicialmente direcionada para a

falta de outras oportunidades. Contudo, ao aprofundar e aumentar o número de mulheres entrevistadas, começaram a ser identificados outros aspectos que determinavam a “escolha” por este tipo de atividade.

Segundo as mulheres do Metrô, as atividades remuneradas que realizam como ambulantes significam o seu trabalho. Para algumas, ser ambulante não, necessariamente, é a única opção. Encontraram-se casos em que muitas preferem ser ambulantes na Estação a ser doméstica, por exemplo, com carteira assinada. Para as mesmas, esta escolha dá-se por dois motivos: primeiro, pelo aspecto financeiro, pois consideram que ganham mais como ambulantes. Segundo, por descreverem o trabalho de doméstica como uma atividade permeada por situações de humilhação que se estabelecem entre a doméstica e a patroa.

Pode-se encontrar nas falas das mulheres entrevistadas diferentes explicações que as levaram a ser ambulantes no Metrô. Motivos estes que em alguns momentos se encontram, no que diz respeito às condições sociais e de trabalhos, peculiares e comuns a estas mulheres. Mas, ao mesmo tempo, dizem respeito também às especificidades e particularidades que as tornam seres únicos com a capacidade de encarar e enfrentar as suas “limitações” e “dificuldades” de formas bem diferentes.

Quando analisados os motivos que levaram as mulheres a irem desenvolver as atividades remuneradas como ambulantes no Metrô, foram encontrados os motivos mais diversificados. No entanto, quando se procurou analisar as falas dessas trabalhadoras sobre o dinheiro e a importância deste para suas famílias, cada uma delas tem explicações bem parecidas. Um primeiro aspecto presente é o que diz respeito à questão da quantidade de dinheiro que se recebe com o trabalho. Apenas uma das mulheres informou que recebe menos que um salário mínimo. Todas as outras afirmaram o contrário, que ganham mais que um salário mínimo e que o que recebem com o trabalho do Metrô não receberia em outro lugar. Outras valorizam o fato de todos os dias receberem dinheiro, enquanto que em outras atividades, como a de doméstica só receberiam ao final do mês, e este não daria para quase nada.

Há ainda o caso das mulheres que sustentam a casa sozinhas com o dinheiro que ganham do Metrô, inclusive sem a ajuda dos maridos ou companheiros. Isto ocorre por vários motivos: primeiro, porque algumas estão separadas, ou porque

os maridos ou companheiros estão presos. Ainda há mulheres cujos maridos estão desempregados por estarem doentes ou sem oportunidades de trabalho.

Sobre os sentidos que estas mulheres atribuem às atividades remuneradas que realizam como ambulante no metrô, todas enfatizaram que o que fazem na estação é o seu trabalho. Algumas ainda fizeram menção à palavra “negociar”, além da “trabalhar” e, ainda “meio de sobrevivência”. Um dos aspectos que chamou a atenção foi a forma com que algumas mulheres se referiram às suas atividades no Metrô, no sentido de terem hora para chegar e sair da estação, onde umas trabalham de segunda à sábado e outras de domingo a domingo.

Mesmo com todas as dificuldades que fazem parte do dia-a-dia das atividades das mulheres que trabalham como ambulantes no Metrô, durante as entrevistas e mesmo em conversas informais, quando o gravador estava desligado ou quando se estava nos momentos de observação, nenhuma delas falou com desdém ou se sentindo humilhada com o que faziam. Muitas reconheceram que não têm as mesmas garantias que um emprego formal, como INSS, aposentadoria, etc. Contudo, todas falaram com muita dignidade da atividade que desenvolviam ao ponto de estarem preocupadas com a possibilidade de ser “expulsas” da estação Joana Bezerra, da mesma forma que expulsaram as ambulantes da estação Barro. Assim, há toda uma preocupação por parte das mulheres da estação Joana Bezerra de ser expulsas do lugar onde realizam suas atividades remuneradas, de modo que se percebe a importância que tem esse trabalho na vida de cada uma. Todas as ambulantes entrevistadas foram contra a expulsão. No entanto, cada uma delas considerou esta ameaça de forma diferente: algumas viram como alternativa procurar outro lugar para trabalhar como ambulantes. Outras pensaram em abrir um negócio próprio, não mais como ambulantes. Algumas consideraram a possibilidade de conseguir um emprego. Houve também aquelas que falaram com pesar, tristeza e preocupação sobre a possibilidade de ser expulsas inclusive, pensando em resistir e continuar no Metrô.

Vale ressaltar que, durante todo o período de observação foi presenciado cenas de ajuda mútua entre elas, como umas tomarem conta dos filhos das outras. Ou até umas tomarem de conta do banco da outra diante da ausência. Umas afirmaram que é graças ao seu trabalho que possibilita a compra de remédios para elas mesmas e seus familiares, bem como pagamento de água, luz e alimentação. Diante destas informações, é necessário pensar sobre que alternativas em curto

prazo essas mulheres vão encontrar diante da possibilidade, na verdade, do aviso, de terem que abandonar o espaço de trabalho delas: a estação Joana Bezerra.

Ao mesmo tempo em que se percebe a importância que as mulheres dão ao trabalho que realizam no metrô, em se tratando de suas expectativas e planos, a maior parte delas não se vê ou não gostaria mais de estar na estação.

Ao se tratar da temática do futuro, encontram-se nessas mulheres, diferentes planos: umas colocaram como expectativa para o futuro conseguir um emprego. Outras se referiram ao futuro como um sonho. Dentre as mulheres ambulantes entrevistadas algumas consideraram a possibilidade futura de ter um negócio próprio e não ser mais ambulantes. Outras quando pensam no futuro, planejam comprar uma casa e sair da estação. Foram encontradas também mulheres, as mais novas, que pretendem voltar a estudar e entrar no mercado de trabalho formal. E, por fim, encontramos aquelas que não abrem mão de ficar no Metrô e continuarem como ambulantes.

Ainda sobre temática de planos para o futuro, observou-se inicialmente certa surpresa por parte das mulheres, como se elas não estivessem pensando nisto. Algumas se demoraram pensando antes de responder sobre este assunto. Em alguns momentos considerou-se que quando elas se referiam ao futuro pareciam mais estar falando de sonho, do que propriamente de expectativas reais para suas vidas.

De uma forma geral, todas se permitiram sonhar, cada uma tinham perspectivas próprias e, conseqüentemente, diferentes. Mas em se tratando do presente, “da realidade” sobre o ponto de vista destas mulheres, é com o trabalho que elas realizam como ambulantes na Estação do Metrô que elas têm que contar para pagar conta de água, comprar remédio, comprar comida e sustentar seus filhos.

Para essas mulheres, ser ambulante na estação do Metrô Joana Bezerra é o seu trabalho, ou como elas mesmas afirmaram: seu “meio de sobrevivência”.

É preciso refletir sobre o que a sociedade tem para oferecer a estas mulheres, caso elas sejam realmente expulsas da estação, bem como o que as mulheres que já foram expulsas da estação Barro estão fazendo para sustentarem a si e as suas famílias.

REFERÊNCIAS

- [1] RIBEIRO, M. A. T. **A perspectiva dialógica na compreensão de problemas sociais**: o caso da pesca de curral em Ipióca – Maceió – Al. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2003.
- [2] IÑIGUEZ, L. Os fundamentos da análise do discurso. In: Lupicínio Iñiguez (org) – **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes, 50-104, 2004.
- [3] GERGEN, K. J. **The social constructionist movement in modern psychology**. **American Psychologist**, vol.40, n.3, p. 266-275, 1985. *Versão traduzida: Movimento do Construcionismo Social na Psicologia Moderna.
- [4] SPINK, M. J. P. Os métodos de pesquisa como linguagem social. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 9-21, 2003.
- [5] SPINK, M.J. e FREZZA, R. M. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- [6] SPINK, M.J.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- [7] MENEGON, V. **Menopausa: Imaginário social e conversas do cotidiano**. São Paulo. 237 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1998.
- [8] BAKHTIN, M. (Volochinov). Interação Verbal. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 110-127. 1997.
- [9] POTTER, J. W. et al. Discourse: noun, verb or social practice? **Philosophical Psychology**, vol.3, nº2, p. 205-207, 1990. * Versão traduzida: “Discurso: substantivo, verbo ou prática social?” (Juliana Spink).
- [10] ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- [11] ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- [12] Organização Internacional do Trabalho. **OIT on line**: Disponível em: <http://www.oit.org.br>. Acesso em: 10 de março de 2007.
- [13] SABADINI, M. de S.; WAKATANI, P. Desestruturação e informação no mercado de trabalho no Brasil. **Revista Venezuelana de Análises de Conjuntura**. Caracas, Universidade Central de Caracas, 2002.2, v.8, jul-dez, pp. 265-290.

- [14] DEDECCA, C. S. Setor informal e informalidade no Brasil. In: *Ciência Hoje. Revista de Divulgação Científica da SBPC*. Vol. 39, São Paulo, 2007.
- [15] HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
- [16] FERREIRA, V.; RAMOS, L. **Padrões espacial e setorial da evolução da informalidade no período de 1991-2005**. Ipea. 2005 (Texto para discussão, n. 1.099). Disponível em: <<http://www.ppe.ipea.gov.br/index.php/pppe/article/view/59/33>>. Acesso em: 10 de agosto de 2007.
- [17] ULYSSEA, G. **Informalidade no mercado de trabalho brasileiro: uma resenha da literatura (texto para discussão 1070)**. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, 2005. Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 10 de junho de 2007.
- [18] BRUSCHINI, C. (org). **Tempos e lugares de Gênero**. São Paulo: Ed 32, 2001.
- [19] KERGOAT, D. A relação social de sexo da reprodução das relações sociais à sua subversão. In: **Pró-Posições Revista Quadrimestral**. Faculdade de Educação- Unicamp. São Paulo: Pontes, 2002.
- [20] HIRATA, H. Trabalho doméstico: uma servidão voluntária: **Cadernos da Coordenadora Especial da Mulher**, PMSP, n.8, São Paulo, 2004.
- [21] HIRATA, H. Divisão sexual do trabalho: novas tendências e problemas atuais. In: **ENCONTRO DE INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS DO FUNDO DE GÊNERO NO BRASIL-CIDA**, 1, 2000, Brasília.
- [22] AQUINO, E.M. L; MENEZES, G.M.S. & MARINHO, L.F.B. Women, Health and Labor in Brasil: Challenges for New action. **Cad. Saúde Públ.** Rio de Janeiro, 11 (2); 281-290, Apr/Jun, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v11n2/v11n2a11.pdf>> . Acesso em 25 de agosto de 2007.
- [23] HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- [24] CRUZ, M. H. S.; SOUZA, S. A. S. de. Desemprego e formas de exclusão, implicações sobre a carreira profissional entre trabalhadoras(es) fabris em Sergipe. In: 57ª Reunião Anual da SBPC – Fortaleza- CE, 2005. **Anais...** Fortaleza: SBPC, 2005. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/SENIOR/RESUMOS/resumo_576.html>. Acesso em 20 de agosto de 2007.
- [25] Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **DIEESE on line**. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2007.

[26] PINHEIRO, O. de G. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

[27] MOURA, A.S. de (Coord.). **Centro do Recife**: atores, conflitos e gestão. Fundação Joaquim Nabuco/Instituto de Pesquisas Sociais/Prefeitura da Cidade do Recife. 1992.

[28] FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Olympio, 1996.

[29] _____, G. O caráter a cidade. In: MAIOR, M.S. e SILVA, L.D. **O Recife**: quatro séculos de sua paisagem. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana; Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1992.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARRAZOLA, L. D. **O lugar das mulheres nas políticas de assistência social**: um estudo sobre a experiência do Programa de Erradicação do Trabalho infantil em Pernambuco. Tese (doutorado em Serviço Social), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

BARBIERI, T. **Sobre a categoria gênero**: uma introdução teórico-metodológica. Recife: SOS Corpo, 1993.

BARROS, V. D. de. **Estudo comparativo sobre o trabalho de mulheres vendedoras de rua, em Calcutá e Recife**. (s/d).

BAUER, M. W. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BICHARA, Tatiana. **O lugar social dos vendedores de rua de Quito – Equador**. São Paulo/USP. Mestrado em Psicologia Social, 2005.

BOGDAN, R. e TAYLOR, S.J. **Introdução aos métodos da pesquisa qualitativa**. (tradução de Tereza Haquete). Fortaleza, setembro de 1980, mimeo.

Brasil. **Ministério do Trabalho**. O trabalhador ambulante no comércio e serviços no Distrito Federal Brasil. Ministério do Trabalho. [Brasília]: SINE / DF, sub-coordenação de informações, 1978. 117 f.: il. - Convenio MTB-SES / GDF-SSS. Relatório da pesquisa realizada no período de maio a julho de 1978.

_____. **Ministério do Trabalho e Emprego**. MTE on line: Disponível em: <<http://www.mte.gov.com.br>>. Acesso em: 10 de março de 2007.

BRITO, J. Cruz de; D'ACRI, V. Referencial de análise para o estudo da relação trabalho, mulher e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, RJ, 7(2): 201-214, abr/jun, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v7n2/v7n2a06.pdf>>. Acesso em 10 de agosto de 2007.

BRUSHINI, C.; LOMBARDI, M. R. O trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de noventa. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 10, São Paulo, 1996. **Anais...** São Paulo: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, p. 483-516, 1996. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1996/T96V1A24.pdf>>. Acesso em 30 de junho de 2007.

BRUSHINI, C.; PUPPIN, A. B. Trabalho de mulheres executivas no final do século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 105-138, jan./abr. 2004, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a06n121.pdf>>. Acesso em 13 de agosto de 2007.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORDEIRO, R. de L. M. **Além das secas e das chuvas** – os usos da nomeação mulher trabalhadora rural nos Sertão Central de Pernambuco. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

CORREA, M. Mulher e família – um debate sobre a literatura recente. In: **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)** # 18, Rio de Janeiro. (s/d).

COSTA, A. & BRUSCHINI, C. (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTA, C. de L. O leito de Procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. **Cadernos Pagu**, Campinas, UNICAMP, n.2, p.141-174, 1994.

_____. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas, UNICAMP, n.19, p.59-90, 2002.

COSTA, M. da S. The system of work relations in Brazil: some historical traces and its currents precariousness. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 20, n. 59, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Junho 2007.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (**DIEESE**). A mulher chefe de domicílio e a inserção feminina no mercado de trabalho. Boletim DIEESE Edição especial, março de 2004. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/conjuntura/ped/ped_estudos_especiais/pdf/mulher_chefe.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2007.

_____. Mulheres trabalhadoras na região metropolitana do Recife 2001. Pesquisa de Emprego e Desemprego Região Metropolitana do Recife. Edição especial, março de 2002, n.3. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/esp/mulher2002.pdf>>. Acesso em 15 de julho de 2007.

_____. O emprego doméstico: uma ocupação tipicamente feminina/ Programa de Fortalecimento Institucional para a Igualdade de Gênero e Raça, Erradicação da Pobreza e Geração de Emprego (GRPE). Brasília: OIT – Secretaria Internacional do Trabalho, 2006. 52p.: il – (Cadernos: n.3). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/seppir/acoes_afirmativas/genero/Trabalho%20Dom%C3%A9stico-DIEESE%20e%20OIT.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2007.

_____. Trabalho e renda da mulher na família. Estudos e Pesquisas. Ano I, n.6, 2006. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/esp/estpesq06_mulher05.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2007.

DUBEUX, C. R. **Quando o assunto é sexo**: um estudo geracional a respeito da transmissão de valores sobre sexualidade em famílias de camadas médias. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

Emprego Feminino: **O que Há de Novo e o que se Repete**. Dados. Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, 1997. Disponível em :
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Jul 2008.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

Gênero, raça, pobreza e emprego: o Programa GRPE no Brasil / Programa de Fortalecimento Institucional para a Igualdade de Gênero e Raça, Erradicação da Pobreza e Geração de Emprego (GRPE) – (Brasília) **OIT – Secretaria Internacional do Trabalho**, 2006. Disponível em:
<<http://www.oitbrasil.org.br/info/downloadfile.php?fileId=232>>. Acesso em: 20 de agosto de 2007.

HIRATA, H e KERGOAT D. Divisão sexual do trabalho revisitada. In: (Org) MARUANI M. e HIRATA, H. **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE on line**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 outubro 2007.

LAVINAS, L. Emprego Feminino: O que Há de Novo e o que se Repete. **Dados**. [online]. 1997, vol. 40, no. 1 [cited 2007-03-08]. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de julho de 2007.

LOPES, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MACHADO, L. Estudos de gênero: para além do jogo entre intelectuais e feministas. In: SCNPUN, Mônica (Org). **Gênero sem fronteiras**. Florianópolis, Editora Mulheres, 1997.

MANGABEIRA, F. **O progresso econômico e a questão social**. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil Composto, 1959.

MELO, H. P. de. **Gênero e pobreza no Brasil**: relatório final do projeto Governabilidade democrática de gênero em América Latina y el Caribe. Brasília, 2005. Disponível em: <http://200.130.7.5/spmu/docs/GEneroPobreza_Brasil04.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2007.

MENDES, M. A. **Mulheres de família em áreas ZEIS**: gênero, poder e trabalho. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

Metro do Recife. **METROREC on line**. Disponível em:
<<http://www.metrorec.com.br>>. Acesso em: 10 de outubro de 2007.

MINAYO, M.C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOLINIER, P. Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo. Um itinerário interdisciplinar. 1988-2002. **Revista produção**, v.14, n.3, p. 014-026, set/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a02.pdf>>. Acesso em 20 de agosto de 2007.

MORAES, E. L. de. Relação, gênero e raça na política de qualificação social e profissional. Brasília: **MTE, SSPE. DEQ.** 2205. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/pnq/relacao_genero_raca.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2007.

MURARO, R. M. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

NAKATANI, P.; SABADINI, M. de S. **Desestruturação e informalidade do mercado de trabalho no Brasil**. Espírito Santo: 2002. Disponível em: <<http://www.revele.com.br/pdf/coyuntura/volviii-n2/pag265.pdf>>. Acesso em 15 de junho de 2007.

NOBRE, M. **Diálogos entre economia solidária e economia feminista**. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=24>>. Acesso em 25 de agosto de 2007.

NORONHA, E. G. Informal, illegal, unfair: work market perceptions in Brazil. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 53, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-9092003000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Mar 2007.

OFFE, C. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PEDROSA, C. M. **Mulheres em situação de violência: o discurso dos profissionais de saúde**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade de Campinas, São Paulo, 2003.

PISCITELLI, A. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: COSTA, Cláudia de Lima e SCHIMIDT, Simone Pereira (Orgs). **Poéticas Políticas feministas**. Florianópolis, Editora Mulheres, 2004.

POTTER, Jonathan Wetherel, M. How to analyse discourse. In: **Discourse and social Psychology: beyond attitudes and behavior**, London: Sage, pp. 158-76, 1987. * Versão traduzida por Oswaldo Rodrigues Fr. (mimeo).

PUGLIA, A. (coord). **O progresso das mulheres no Brasil**. Brasília: UNIFEM, Fundação Ford, CEPIA, 2006. Disponível

em:<http://www.mulheresnobre.org.br/pdf/PMB_Abre.pdf>. Acesso em: 05 de agosto de 2007.

ROCHA, D.; DEUSDARA, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Jun 2007.

SAMARA, E. de M. **O que mudou na família brasileira?** (da colônia a atualidade). Psicologia USP, 13 (2), p. 27-48, 2002.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS CORPO, 1991.

SCOTT, R.S. Mulheres Chefes de Família; abordagens e temas para as políticas públicas. **Programa Relações de Gênero na Sociedade Brasileira**, 3. Fundação Carlos Chagas. Itu, 13-16 de mar. 2001a.

SINGER, P. **Economia política do trabalho**: elementos para uma análise histórico-estrutural do emprego e da força de trabalho no desenvolvimento capitalista. São Paulo: HUCITEC, 1977.

SOUZA, P. R. **Emprego, salários e pobreza**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

SPINK, M. J. A ética na pesquisa social: da perspectiva à interanimação dialógica. In: **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**, Rio Grande do Sul, EDIPUCRS, 1999.

STOLKE, V. “**Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade?**”. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n.20,p. 101-19, jun 1991.

ULYSSEA, Gabriel Lopes de. **Instituições e a informalidade no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Economia, 2004. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0210688_04_pretextual.pdf>. Acesso em: 24 de agosto de 2007.

VERÒN, E. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

ANEXOS

ANEXO A- Quadros com os Dados da PME Sobre a Região Metropolitana de Recife – Nos Anos de 1998 a 2007

DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 1998												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	Dados não encontrados	Dados não encontrados	39,00%	36,44%	28,02%	28,02%	28,91%	37,86%	37,17%	38,11%	38,75%	38,03%
Empregados sem carteira assinada	Dados não encontrados	Dados não encontrados	29,38%	31,60%	29,84%	28,78%	28,70%	29,59%	30,28%	29,38%	29,49%	28,71%
Conta-própria	Dados não encontrados	Dados não encontrados	26,52%	26,06%	26,62%	27,47%	26,92%	27,46%	27,63%	27,19%	26,52%	27,65%
Empregadores	Dados não encontrados	Dados não encontrados	3,20%	3,92%	3,26%	3,80%	3,40%	3,26%	3,31%	3,72%	3,60%	3,76%

DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 1999												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	39,06%	38,03%	38,46%	36,39%	36,62%	36,23%	37,24%	37,08%	37,57%	37,22%	36,83%	37,10%
Empregados sem carteira assinada	28,14%	28,89%	29,19%	30,93%	30,85%	30,06%	29,18%	29,81%	30,70%	30,81%	30,49%	30,38%
Conta-própria	27,37%	28,00%	27,36%	27,60%	27,28%	28,20%	28,15%	27,52%	26,68%	26,78%	27,08%	27,35%
Empregadores	3,71%	3,33%	3,49%	3,51%	3,37%	3,38%	3,53%	3,79%	3,24%	3,31%	3,62%	3,31%

DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 2000												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	38,15%	38,92%	38,62%	38,43%	39,53%	38,66%	38,54%	38,80%	38,81%	40,99%	40,99%	39,83%
Empregados sem carteira assinada	30,17%	30,77%	30,28%	30,43%	29,76%	30,97%	30,46%	30,07%	30,76%	27,57%	27,79%	29,06%
Conta-própria	26,93%	25,49%	25,92%	26,25%	25,39%	25,63%	25,95%	26,35%	25,84%	26,66%	26,59%	27,33%
Empregadores	3,30%	3,46%	3,58%	3,17%	3,36%	3,30%	3,57%	3,16%	3,20%	3,42%	3,55%	2,57%

DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 2001												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	42,02%	41,24%	40,78%	41,65%	40,46%	40,45%	39,99%	40,01%	40,28%	39,41%	39,44%	40,30%
Empregados sem carteira assinada	27,20%	29,04%	30,00%	29,22%	29,25%	30,08%	30,16%	28,80%	30,24%	29,90%	30,82%	30,48%
Conta-própria	26,32%	25,76%	24,84%	24,56%	25,56%	23,74%	24,88%	26,26%	24,54%	25,82%	24,37%	24,67%
Empregadores	3,15%	2,86%	3,23%	3,15%	3,08%	3,85%	3,27%	3,47%	3,49%	3,66%	4,15%	3,57%
DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 2002												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	40,26%	39,32%	38,83%	39,64%	39,94%	40,33%	39,52%	39,91%	39,40%	39,45%	39,75%	32,0%
Empregados sem carteira assinada	30,75%	30,06%	30,82%	30,10%	30,10%	30,17%	30,29%	30,67%	30,07%	31,05%	30,39%	18,3%
Conta-própria	24,16%	25,63%	25,11%	25,12%	25,12%	24,78%	25,47%	25,05%	25,58%	25,26%	25,06%	6,2%
Empregadores	3,47%	3,85%	3,97%	3,52%	3,52%	3,50%	3,65%	3,48%	3,79%	3,18%	3,45%	23,6%

DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 2003												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	Dados não encontrados	32,3%	31,4%	31,5%	31,6%	32,7%	31,9%	30,7%	29,4%	29,9%	30,0%	29,8%
Empregados sem carteira assinada	Dados não encontrados	17,6%	17,8%	17,1%	16,1%	15,7%	15,9%	16,7%	17,5%	17,1%	16,9%	17,6%
Conta-própria	Dados não encontrados	22,7%	22,6%	22,9%	23,4%	23,3%	24,7%	25,0%	25,2%	24,5%	25,2%	6,8%
Empregadores	Dados não encontrados	5,4%	5,2%	4,9%	5,0%	4,9%	5,1%	4,9%	5,3%	5,2%	4,3%	26,0%
DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 2004												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	Dados não encontrados	31,8%	31,4%	31,9%	32,9%	31,1%	30,9%	31,4%	31,5%	32,2%	32,6%	32,7%
Empregados sem carteira assinada	Dados não encontrados	14,8%	15,7%	15,8%	16,3%	16,0%	15,6%	16,1%	16,0%	16,2%	16,7%	17,0%
Conta-própria	Dados não encontrados	25,6%	25,6%	24,6%	23,4%	23,7%	23,8%	23,3%	24,1%	23,7%	23,2%	8,0%
Empregadores	Dados não encontrados	4,4%	4,0%	4,3%	4,3%	4,7%	4,7%	4,9%	4,7%	4,8%	4,2%	23,7%

DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 2005												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	Dados não encontrados	35,0%	35,8%	35,5%	35,0%	34,1%	33,2%	32,8%	33,3%	32,6%	33,6%	33,8%
Empregados sem carteira assinada	Dados não encontrados	15,1%	14,0%	14,8%	14,2%	15,1%	15,3%	15,5%	15,4%	16,2%	15,8%	15,6%
Conta-própria	Dados não encontrados	22,4%	22,9%	21,9%	22,3%	22,5%	23,5%	23,2%	22,5%	22,5%	22,1%	7,1%
Empregadores	Dados não encontrados	4,5%	3,5%	4,3%	4,3%	4,5%	4,4%	4,4%	4,2%	4,9%	5,0%	22,2%
DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 2006												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	34,10%	35,8%	35,1%	33,4%	33,8%	33,6%	32,5%	33,3%	32,1%	33,33%	33,4%	34,6%
Empregados sem carteira assinada	14,80%	14,1%	14,6%	16,5%	16,1%	15,4%	14,9%	15,3%	16,0%	16,7%	16,2%	15,2%
Conta-própria	21,80%	22,3%	22,6%	21,8%	22,2%	22,4%	22,1%	20,9%	21,8%	22,0%	21,5%	7,6%
Empregadores	4,6%	3,9%	3,9%	4,5%	4,5%	4,5%	4,8%	5,1%	5,6%	5,1%	4,7%	22,2%

DADOS DA PME – REFERENTE À REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE – PE – ANO: 2007												
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	MESES											
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Empregados com Carteira Assinada	35,0%	36,0%	35,5%	35,00%	36,9%	35,7%	36,3%	36,8%	37,7%	38,3%	Dados não encontrados	Dados não encontrados
Empregados sem carteira assinada	15,4%	14,6%	14,3%	14,9%	14,9%	14,8%	14,0%	14,0%	14,1%	13,7%	Dados não encontrados	Dados não encontrados
Conta-própria	21,6%	21,1%	21,12%	20,8%	20,3%	21,1%	21,7%	20,7%	20,0%	20,5%	Dados não encontrados	Dados não encontrados
Empregadores	4,0%	3,9%	4,1%	4,7%	4,0%	3,9%	4,4%	4,4%	4,4%	3,9%	Dados não encontrados	Dados não encontrados

ANEXO B- Perfil das Mulheres Entrevistadas

Nome:	Amarílis
Idade:	22 anos
Escolaridade:	6ª série do ensino fundamental.
Estado civil:	Casada, não formalmente.
Quantidade de filhos:	1 filho de três anos.
Onde reside:	Maranquape I – Paulista – PE.
Religião:	Evangélica da Assembléia de Deus.
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Nunca trabalhou de carteira assinada.
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Trabalhou como doméstica por 6 meses.
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha menos que um salário mínimo.
Comercializa:	Água mineral em saquinhos de picolés e laranjas.
Dias por semana que trabalha no metrô:	De segunda a sábado.
Horas por dia que trabalha no metrô:	Chega por volta das 09h ou 10h e sai às 17h.
Comentários da pesquisadora:	Amarílis é uma mulher jovem, de pele negra, cabelos crespos mal tratados, curtos na altura do queixo e presos. Em nosso último encontro ela usava uma saia na altura do joelho, de malha meio roxa e uma blusa de malha com os ombros de fora, cor de vinho e sandálias tipo havaianas. Parece ter uns 1,60 de altura e uns 1,60kg. Seu banco é bem estreito, quase na estrada onde passam os ônibus que pegam os passageiros que saem do metrô para fazer integração com os ônibus. Enquanto falava comigo trabalhava o tempo todo: ou arrumando as laranjas ou enchendo os saquinhos de água.

Nome:	Angélica
Idade:	20 anos
Escolaridade:	8ª série do ensino médio
Estado civil:	Solteira
Quantidade de filhos:	1 filha de 1 ano e 7 meses.
Onde reside:	Imbiribeira
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Nunca trabalhou com carteira assinada
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Já foi garçoneiro em um bar
Tempo está no metrô:	Há 5 meses
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo
Comercializa:	Pipocas, salgadinhos, confeitos e gomas de mascar.
Comentários da pesquisadora:	Angélica aparenta ser realmente bem jovem, como ela tem vinte anos, talvez pareça ter até menos. Tem a pele branca, é alta cerca de 1,68 e magra, deve ter uns 55kg. Em nosso último encontro, estava de short curto e um top, com a barriga de fora. Ela tem um piercing na barriga, estava de sandália tipo havaiana. Tem o cabelo pintado de louro, curto, um pouco maior que a altura do queijo, estava todo amarrado, tipo rabo de cavalo. Estava usando ainda um anel e um brinco, não lembro se dourado ou prateado. Pareceu ser bastante simpática, mostrou gostar de dar entrevista. Ela trabalha com um pequeno banco, parece um banco de sentar mesmo, ou um caixote, próximo da Gloriosa, cujo banco é bem maior. Ela chamava os fregueses através das frestas da grade da rampa do metrô, colocava a mão aberta com um pacote de pipoca entre cada um dos dedos e oferecia as pessoas que subiam à rampa.

Nome:	Estrelícia
Idade:	33 anos
Escolaridade:	3º ano do ensino médio.
Estado civil:	Solteira (tem namorado)
Quantidade de filhos:	Sem filhos
Onde reside:	No Coque – Recife – PE
Religião:	Evangélica da Assembléia de Deus
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Nunca trabalhou de carteira assinada
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Já foi professora de pré-escolar na escolinha de seu ex-cunhado, já trabalhou de doméstica na Imbiribeira e foi babá. No momento além de trabalhar no metrô é também revendedora da Avon Cosméticos.
Tempo que está no metrô:	3 anos
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo.
Parentes que também trabalham no metrô:	Tem sua irmã Íris.
Comercializa:	Sucos, refrigerantes, coxinhas, pastéis e água mineral.
Comentários da pesquisadora:	Estrelícia é uma mulher que parece ter mais de trinta anos, tem a pele clara, os cabelos pintados de loiro, cumpridos e amarrados tipo rabo de cavalo. Em nosso último encontro, usava uma saia de jeans claro cumprida quase na altura da canela, uma camisa amarela de malha e uma sandália tipo havaiana branca. Não estava nem maquiada, nem com bijuterias. Deve ter uns 1.60 de altura e uns 65 kg. Tinha no colo uma bíblia e sempre que falava em Deus a segurava com a mão. Seu banco, no metrô, é bem pequeno, do tamanho de um carro de mão. No momento em que eu falava com ela havia poucos produtos para vender. Quando eu comecei a falar com ela um homem que vendia ao seu lado disse: “as mulheres que trabalham no metrô são umas guerreiras” e depois fez questão de me dar a cadeira dele para que eu pudesse sentar e conversar com Estrelícia. Segundo ele, eu já estava cansada de ficar em pé e falar com todas as mulheres. Eu aceitei e ele se afastou um pouco, até esqueci de ver onde ele estava quando eu terminei a entrevista.

Nome:	Gardênia
Idade:	19 anos
Escolaridade:	1º do ensino médio
Estado civil:	Casada, não formalmente.
Quantidade de filhos:	1 filha de 5 meses
Onde reside:	No Coque – Recife – PE
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Nunca trabalhou de carteira assinada.
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Passou um tempo como babá.
Tempo que está no metrô:	Trabalha no metrô há 10 anos, desde que tinha 9 anos.
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo.
Parentes que também trabalham no metrô:	Sua cunhada trabalha num banco em frente ao dela.
Comercializa:	Pipocas, confeitos, salgadinhos e Gomas de mascar.
Comentários da pesquisadora:	Gardênia tem a pele morena, é baixa – deve ter uns 1,55 de altura, é magra - deve pesar uns 45 kg. Em nosso último encontro, tinha os cabelos presos, estava de saia, na altura abaixo do joelho e uma blusa de manga, na tonalidade de marrom, não vi seu calçado. Parece ter mais de dezenove anos, lhe daria uns 24 anos. Enquanto eu a entrevistava ela enchia sacos de pipocas e atendia aos clientes pelas grades da rampa do metrô, paramos algumas vezes a entrevista para que ela os atendessem. Mal dei as costas ela já voltou ao trabalho, gritando e atraindo as pessoas que subiam à rampa.

Nome:	Gloriosa
Idade:	33 anos
Escolaridade:	5º série do ensino fundamental
Quantidade de filhos:	1 filha de 8 anos
Onde reside:	Casa Amarela – Recife – PE
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Nunca trabalhou de carteira assinada
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Trabalhou por 1 ano como doméstica.
Tempo que está no metrô:	Há 5 anos
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo.
Parentes que também trabalham no metrô:	Tem irmã, primas e primos que também trabalham no metrô.
Comercializa:	Pipocas, salgadinhos, confeitos e gomas de mascar.
Comentários da pesquisadora:	Gloriosa tem a pele morena, parece ter uns 70 kg e 1,65 de altura, cabelos pretos, crespos alisados, curtos na altura do queixo. Ela é irmã da Liatrix e prima da Tulipa. Sua colega Angélica trabalha colada com ela, parece até que elas dividem uma parte do banco e dos clientes. No dia de nosso último encontro estava com uma blusa sem manga de malha preta, uma bermuda jeans escura na altura do joelho, não vi seu calçado, estava ainda com batom e acho que também com sombra.

Nome:	Íris
Idade:	27 anos
Escolaridade:	4ª série do ensino fundamental.
Estado civil:	Separada
Quantidade de filhos:	1 filho de 3 anos e está grávida de uns 6 meses.
Onde reside:	No Coque – Recife – PE
Religião:	Católica
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Nunca trabalhou de carteira assinada.
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Trabalhou como doméstica e como garçomete.
Tempo que está no metrô:	8 meses
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo.
Parentes que também trabalham no metrô:	Sua irmã também vende lanches no metrô, é a Estrelícia.
Comercializa:	Sucos, água mineral, refrigerantes, coxinhas e pastéis, ela compra os lanches feitos para revender.
Comentários da pesquisadora:	Íris tem a pele clara, realmente, tem o rosto jovem. Está com um barrigão da gravidez, de modo que logo que cheguei percebi rapidamente. Em nosso último encontro, ela estava usando uma bermuda, azul e uma camiseta de malha, usava sandálias tipo havaianas. Tinha o cabelo longo, loiro pintado e liso, preso como um rabo de cavalo. Acho que ela tem uns 1,66 de altura e uns 70 kg por causa da gravidez. Foi casada com o pai do primeiro filho de três anos, mas se separou porque ele era muito violento, por ciúmes, ela disse que apanhava dele sentada. Quando eu disse que ela tinha cara de brava, e que achava que ela também batia nele, ela sorriu e disse que se fosse hoje faria isto mesmo, mas que na época era besta. Iris morou com um outro homem de quem está grávida, mas também não deu certo e se separou.

Nome:	Liatris
Idade:	40 anos
Escolaridade:	6ª série do ensino fundamental
Quantidade de filhos:	Duas filhas de 8 e 14 anos
Onde reside:	Alto da Bondade – Olinda – PE.
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Trabalhou por um bom tempo como doméstica.
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Trabalhou como doméstica
Tempo que está no metrô:	Há 5 anos
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo.
Parentes que também trabalham no metrô:	Tem irmã, primas e primos.
Comercializa:	Pipocas, salgadinhos, confeitos e gomas de mascar.
Comentários da pesquisadora:	Liatris é uma mulher que aparenta ter uns 38 anos, tem a pele morena, quase negra. Parece ter 1,60 de altura e uns 70 kg. Tem o cabelo cacheado curto, preto. Mostrou-se consciente e crítica, apesar de simpática e prestativa. Antes de aceitar participar da entrevista, fez questão de entender para que seria utilizada a sua fala. Em nosso último encontro, estava com uma camiseta regata amarela, normalmente ela está no metrô com esta mesma camiseta, uma bermuda jeans claro e sandálias tipo havaianas. Foi ela quem praticamente abriu as portas para eu entrevistar as outras mulheres da estação do metrô da Joana Bezerra.

Nome:	Margarida
Idade:	61 anos
Estado civil:	Casada
Quantidade de filhos:	11 filhos e 20 netos
Onde reside:	Joana Bezerra – Recife – PE
Religião:	Católica
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Nunca trabalhou
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Sempre trabalhou como ambulante.
Tempo que está no metrô:	13 anos
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo.
Parentes que também trabalham no metrô:	Tem 2 filhos que também trabalham no metrô em bancos próprios. Eles vendem laranja e pipoca.
Comercializa:	Tem um fiteiro bem cheio de mercadorias como pipocas salgadinhos, confeitos, além de água mineral em garrafas copos e saquinhos de picolés, refrigerantes e laranjas.
Dias por semana que trabalha no metrô:	De domingo a domingo.
Horas por dia que trabalha no metrô:	Chega por volta das 08:00h ou 9:00h e sai às 21:00h
Comentários da pesquisadora:	Margarida é uma senhora que não aparenta a idade que tem, parece ter uns cinqüenta anos. Tem a pele morena bronzeada, os olhos esverdeados, os cabelos meio cacheados, com a raiz branca, estavam presos. Deve ter uns 1,60 de altura e uns 70kg. Em nosso último encontro, estava com uma bermuda laranja e uma camiseta regata branca com cinza, que deixava aparecer o sutiã branco, usava sandálias tipo havaianas e tinha uns brincos grandes e brilhosos prateados. Parecia que era bem conhecida na estação, pois enquanto eu estava lá passou uns três ônibus que pararam para que os cobradores e motoristas comprassem suas mercadorias. Ela tem uma barraca grande, na verdade é uma das maiores que vi por lá. Parece ser vaidosa, após ter tirado sua foto ela percebeu que seus brincos tinham caído, o que a fez ficar triste e disse que ficou feia na foto sem os brincos, eu disse que ela colocasse os brincos que eu iria tirar novamente as fotos e assim ela o fez. Margarida foi à única mulher que entrevistei que disse que trabalha de domingo a domingo, chega cedo e sai tarde. Ela pareceu ser carinhosa e de ter gostado muito de conversar comigo, no final fez questão de me dar uma abraço e um beijo. Parece ser bem alegre, só ficou triste quando falou do marido e da batalha que tem com ele. Apesar de dizer que chora muito pela situação dele, não parece ter sempre uma postura de triste, mostra-se mais ativa, do tipo de pessoa que vai atrás do que quer. Logo que cheguei comprei água, pois ainda estava rouca por conta da virose que peguei, ao comentar isto, ela me disse que não pega nada porque como alho de manhã, frito na manteiga com cuscuz, chupa muita laranja e come pipoca, por causa do milho. Tudo isso a ajuda a não ficar doente, e me aconselhou a comer alho.

Nome:	Palma
Idade:	50 anos
Escolaridade:	Está fazendo o EJA (Educação de Jovens e Adultos)
Estado civil:	Casada, não formalmente.
Quantidade de filhos:	7 filhos
Onde reside:	No Coque – Recife – PE
Religião:	É evangélica da Assembléia de Deus.
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Nunca trabalhou de carteira assinada.
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Sempre foi camelô, vendia água na rua, já catou latinha e garrafa.
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo.
Parentes que também trabalham no metrô:	O esposo a ajuda de vez em quando, pois ele está doente.
Comercializa:	Óculos de sol, bonés, presilhas para cabelos e bijuterias.
Comentários da pesquisadora:	Palma é uma senhora de pele morena, quase negra. Tem cabelos meio crespos com a raiz branca, estavam presos tipo um coque. Em nosso último encontro, usava uma saia de tecido na altura abaixo do joelho, uma blusa marrom de malha com os ombros cobertos. Acho que tem quase 1,60 de altura e uns 85 kg. Passou a entrevista toda com o menino, da colega do lado que está grávida. Logo que acabamos a entrevista, quando foi assinar o termo de consentimento informado, ela deu uma olhada para ele e me perguntou se aquilo não iria lhe prejudicar para sair da estação do metrô, como eu disse que não, ela assinou. Depois me perguntou como deveria fazer para colocar uma carta de seu neto no correio, ele iria escrever para ganhar uma bicicleta (tipo aquelas crianças que escrevem para Papai Noel). Não sei se pediu realmente ajuda pra escrever a carta ou se na verdade estava me pedindo a bicicleta. Em todo caso, eu disse que poderia até escrever a carta para ele, que ela poderia ligar para mim, que eu além de escrever poderia pedir uma ajuda a algumas pessoas para ver se juntos poderíamos conseguir a bicicleta. Ela disse não tinha telefone, mas falou que ele iria escrever e manteria contato comigo. Quando fui embora ela reafirmou que iria escrever a carta. Ela é uma das poucas mulheres do metrô que não comercializa comida.

Nome:	Tulipa
Idade:	37 anos
Estado civil:	Separada
Quantidade de filhos:	2 filhas de 12 e 17 anos.
Tempo que trabalhou de carteira assinada:	Trabalhou por vários anos.
Trabalhos desenvolvidos antes de vir para o metrô:	Trabalhava como doméstica.
Tempo que está no metrô:	5 anos
Estação do metrô que trabalha:	Estação do metrô da Joana Bezerra.
Média de ganho mensal no metrô (tendo como parâmetro o salário mínimo de R\$ 380,00):	Ganha mais que um salário mínimo.
Parentes que também trabalham no metrô:	Tem primas e primos que trabalham junto com ela no metrô.
Comercializa:	Pipocas, confeitos, salgadinhos, gomas de mascar, etc.
Comentários da pesquisadora:	Tulipa é uma mulher de pele morena, quase negra. Tem os cabelos cacheados, presos: ou com várias tranças ou com fitas. Em nosso último encontro, estava com uma blusa de malha colorida grande, uma bermuda jeans escuro, sandálias tipo havaianas, cabelo todo feito de pequenas tranças, com sombra, baton e blush. Aparenta ter uns 33 anos, parece ter uns 1,60 de altura e uns 70kg. Mostra-se alegre, sempre sorrindo, afirmou ser vaidosa.

ANEXO C- Quadro com as Entrevistas das Interlocutoras

As mulheres ambulantes e os motivos que as levaram a vir para o metrô:	
Interlocutoras	As falas das mulheres
A: Amarílis E: Entrevistadora	E: a sexta série, porque é que você veio prá cá A? A: porque eu tava desempregada e não tem emprego nê. E: já trabalhou de carteira assinada? A: nunca. E: nunca, você trabalhou de quê antes? A: eu trabalhava em casa de família. E: e por que tu deixou? A: porque a mulê queria pagar pouco e eu não quis mais. E: você trabalhou quanto tempo lá? A: passei seis mês.
T: Tulipa E: Entrevistadora:	E: ah certo... há quanto tempo você está aqui? T: cinco anos. E: ah... ta, tá entendi... e me diz uma coisa é... por quê que você resolveu vir pra cá? T: rapaz... casa de família não deu mais para mim nê, aí eu resolvi trabalhar para mim mesmo. E: você trabalhou quanto tempo em casa de família? T: rapaz, eu trabalhei vários anos vice, em várias casas... E: foi? T: foi. E: e porquê que não deu certo, T? T: porque, acho que é assim... assim em casa de família é um serviço bom, você recebe, mas acho que é muito humilhante. E: é? T: é eu acho. E: por exemplo, assim o que acontece? E: eu acho assim, que agente tá ali a patroa às vezes pede as coisas, faz as pessoa, assim, de idiota mesmo, aí eu tomei um abuso muito grande. E: é... você tinha carteira assinada e tudo? T: tinha. E: e vem cá, vale mais à pena, como ela disse, em torno de dinheiro ficar aqui do que tá em casa de família? T: vale.
Es: Estrelícia E: Entrevistadora	E: me diz uma coisa, há quanto tempo você está aqui? Es: faz... acho que uns três ano. E: três anos, por que é que você veio pra cá? Es: vim pra cá, porque infelizmente, eu... tô no terceiro ano, e já tentei procurar um emprego e não encontrei, aí o objetivo foi esse de negociar aqui, porque é através daqui que eu tiro o pão pra sustentar lá em casa nê, porque tudo desempregado, então eu procuro assim, não deixar faltar nada pra minha mãe pra minhas irmã... e daqui é que o Senhor tem me ajudado. E: mas já trabalhou de carteira assinada? Es: nunca E: nunca? cê trabalhou de quê, fora aqui? Es: eu já ensinei pré-escolar na escolinha. E: foi mesmo? Es: mas não que eu seja formada sabe... E: sei... Es: porque minha irmã era casada com meu cunhado e ele tinha condições, mas devido que se separou, aí ele não quis. E: ah, ele tinha uma escolinha? Es: é. Tem nê, que era dele. E: ah... Es: quando ela se separou dele, aí ele... nada a ver, porque trabalho é trabalho. E: entendi. Es: aí nisso, como eu sou revendedora da Avon, mas eu tava que não tava dando, porque tá muito pouco o lucro, aí eu resolvi vir negociar aqui na estação, pela

	<p>misericórdia de Deus. E: mas tu ainda vende Avon? Es: vendo. E: vende Avon também nê. E me diz uma coisa é... você já trabalhou de doméstica? Es: também. E: onde? Es: eu trabalhei numa casa, já na Imbiribeira de doméstica, também já fui babá, nê. E: han, han... Es: e... eu achei melhor mesmo foi negociar, porque eles humilham muito agente quando é empregada doméstica, gosta de muita humilhação... E: é... Es: tem pessoas que gostam de pisar mesmo.</p>
<p>I: Íris E: Entrevistadora</p>	<p>E: aí, por que é que você veio pra cá, por que resolveu vir pra cá? I: trabalhar? E: hun, hun... I: porque, tô na casa da minha mãe, eu moro lá, aí me separei do pai dele (falando do filho que está pra nascer). E: ah, então você é separada, separada. I: aí, eu resolvi negociar, pra comprar alguma coisa pro menino. E: certo, tu já trabalhou de carteira assinada alguma vez? I: não, trabalhei de garçõnete. E: garçõnete, e por que tu prefere, preferiu vir pra cá do que ser garçõnete? I: porque o trabalho que ele (o dono da lanchonete) paga, era folgado, ele pagava sessenta reais por semana. E: aqui tu ganha mais? I: ganho mais. E: você já trabalhou de carteira assinada, não? I: não. E: já trabalhou de doméstica? I: já, só por seis meses. E: já, e foi bom? I: foi, só que a mulher tinha ciúme de mim, aí por isso que eu sai de lá. E: aí aqui ninguém te incomoda, aqui é bom de trabalhar? o pessoal trata bem todo mundo? I: às vezes, tens uns que dá pra se entender, mas tem outros que não...</p>
<p>M: Margarida E: Entrevistadora</p>	<p>E: porque é que a senhora, há quanto tempo a senhora está aqui no metrô? M: treze anos. E: porque é que a senhora resolveu vir pra cá? M: porque eu comecei negociar com picolé no meio do mundo... e cheguei aqui botei essa carrocinha e fiquei... E: e a senhora já trabalhou de carteira assinada já alguma vez? M: não. E: nunca? M: pra ninguém. E: trabalhou em algum outro lugar? M: pra ninguém E: nem como doméstica nada? M: criei meus filhos tudo assim.</p>
<p>P: Palma E: Entrevistadora</p>	<p>E: eita, que coisa boa, e me diga uma coisa, porque que a senhora veio pra cá? P: porque eu tava desempregada, nê. E: sei. P: aí arrumei um dinheiro e comprei mercadoria. E: foi? P: aí arrumei um dinheiro e comprei mercadoria... E: a senhora, já trabalhou de carteira assinada? P: nunca. E: nunca?</p>

	<p>P: sempre camelô. E: sempre foi camelô, em nenhum outro lugar, tipo doméstica, alguma coisa? P: não, eu vendia água na rua andando, no carrinho, já catei garrafa, latinha, pra viver. E: sempre foi nessa coisa assim. P: na luta. E: e me diga é... por que a senhora escolheu vir pra cá? P: assim, porque é um movimento bonzinho nê, e deus abriu a porta nê, glória a Deus.</p>
<p>G: Gardênia E: Entrevistadora</p>	<p>E: cinco meses... oh G, cê tá aqui há quanto tempo? G: vai fazer dez anos. E: dez anos que você tá aqui! G: acho que já fez porque eu tenho dezenove... eu comecei com nove. E: tu veio com tua e teu pai... ou tu veio só pra cá? G: vinha só, agora minha mãe me ajuda, mas ela vai pra casa fazer almoço... E: oh, ela tá falando (chega um freguês pra comprar e ela o atende através da abertura da grade da rampa de subida do metrô), mas quando cê veio pra cá com nove anos, cê com sua mãe ou tu veio só? G: sozinha. G: foi mesmo, e me diz uma coisa é... por que é que você veio pra cá? e não saiu mais nê? desde veio não saiu mais. G: vim pra porque... minha mãe desempregada e meu pai não ajudava. (ela falava comigo enquanto enchia os sacos de pipocas pra vender). E: é, e me diz uma coisa, é... já trabalhou de carteira assinada alguma vez? G: não, só curso. E: mas nunca trabalhou de carteira assinada mesmo não? G: (ela balança a cabeça negativamente). E: você tem vontade? G: tenho E: tem, por que é que cê... cê já procurou? ou por que você não conseguiu? o que aconteceu? por que você está aqui há muito tempo nê? G: há muitos anos, é porque eu gosto daqui... aqui eu acho que eu ganho mais...</p>
<p>L: Liatris E: Entrevistadora</p>	<p>E: e porque que você veio para cá, o que levou você a vir para cá? L: tava desempregada, não tinha nada em casa, aí tem meus primos que já trabalhavam aqui há mais anos aqui do que eu. E: teus primos? esse pessoal... teus primos aqui perto? L: não, é o outro. E: ah tá. L: aí ele me trouxe para cá, ele arrumou um cantinho para mim e eu fiquei trabalhando. E: é... aí você tinha me dito que você trabalhava antes como doméstica, não era? L: era, eu trabalhei como doméstica. E: aí porquê que parou, desistiu de ser doméstica? L: hun, por vários motivos, primeiro, agente ganha por mês... quando vem pegar no dinheiro já tá comprometido com tudo, nê? E: han, han... L: quase não sobre dinheiro pra gente, e também porquê... pobremas... empregadas às vezes... a... a patroa não aceita, quer botar para fora... aí passa aquele... vamos supor três mês, um ano ela já acha que é suficiente, aí bota pra fora.</p>
<p>Gl: Gloriosa E: Entrevistadora</p>	<p>E: eita novinha, nê? há quanto tempo cê está aqui? Gl: eu to aqui há cinco anos. E: cinco anos, e por que é que cê veio pra cá? Gl: opção de emprego nê, só tinha esse mesmo, procurei vários outros, mas, não consegui, infelizmente não consegui. E: e vem cá, cê trabalhou de carteira assinada já em algum lugar? Gl: nunca! E: sério?</p>

	<p>Gl: sério. E: mas cê paga INSS, alguma coisa? Gl: não E: não? e... porque cê escolheu vir pra cá? Gl: porque foi... o emprego mais fácil que eu encontrei, foi esse. porque eu já procurei em casa de família, mas tem que ter um ano, dois anos, três de experiência, então sempre fecham as portas pra gente. E: cê já trabalhou em casa de família foi? Gl: trabalhei uma vez só assim. E: quanto tempo você passou lá? Gl: eu passei um ano. E: carteira assinada? Gl: não...não. E: porque tu não continuou? Gl: porque a moça foi embora para São Paulo e eu não pude acompanhar, tive que desistir aí de lá pra cá, pronto só fiquei aqui mesmo.</p>
<p>AN: Angélica E: Entrevistadora</p>	<p>E: só? e por que é que você veio para cá? AN: eu preciso nê, de trabalhar. EN: você trabalhava em que... você lembra? AN: eu? EN: hun, hun... AN: tralhava em bar. E: em bar... de atendente, alguma coisa assim? AN: garçõnete E: garçõnete, e porque que você resolveu vir pra cá? sei que cê disse que era por causa do trabalho nê, mas porque vir pra cá, cê poderia ter ido para outros lugares também nê? AN: porque o canto mais fácil, mais procurado, assim, o que mais facilita o trabalho foi aqui. E: foi aqui, você já trabalhou de carteira assinada em algum lugar? AN: não E: nunca? nem nos bares? AN: não</p>

As mulheres ambulantes e o dinheiro que recebem no metrô e a importância deste para suas famílias:	
Interlocutoras	As falas das mulheres
<p>Amarílis: A Entrevistadora: E</p>	<p>E: você aqui, ganha mais que em outro lugar? A: (ela balança a cabeça negativamente) E: tu tira mais que um salário mínimo por mês? A: (ela nega com a cabeça) E: você acha que tira pouco aqui, seu marido trabalha? A: ele trabalha dentro dos ônibus. E: vendendo? A: é vendendo dentro dos ônibus. E: dá pra vocês viverem? A: dá E: dá? A: pouco mais dá nê.</p>
<p>Tulipa: T Entrevistadora: E</p>	<p>E: e vem cá, vale mais à pena, como ela disse, em torno de dinheiro ficar aqui do que tá em casa de família? T: vale. E: você ganha mais é. T: (Ela balança a cabeça afirmativamente) E: alguém mais trabalha na tua casa ou é só você? T: não, só eu. E: você é quem sustenta a casa toda, e dá direitinho? T: dá. E: é mesmo? T: é.</p>
<p>Estrelícia: Es Entrevistadora: E</p>	<p>E: e vem cá, tu acha que tu ganha mais aqui do que trabalhando em outro lugar? Es: eu acho... E: tu consegue tirar mais que um salário mínimo? Es: consigo. E: consegue? Es: depende das vendas.</p>
<p>Íris: I Entrevistadora: E</p>	<p>E: garçõete e por que tu prefere, preferiu vir pra cá do que ser garçõete? I: porque o trabalho que ele (o dono da lanchonete) paga, era folgado, ele pagava sessenta reais por semana. E: aqui tu ganha mais? I: ganho mais. E: aqui vocês conseguem ganhar um salário mínimo por mês? I: todo dia eu ganho vinte e cinco (reais). E: é. I: só que eu compro nê, suco, esses negócios (falando dos lanches), aí o que eu fico é quinze, mas dá pra tirar. E: mas não é pouco não, é bom. I: é.</p>

	<p>E: tu consegue tirar, tu consegue tirar quase um salário mínimo, fora o que você compra. É você mesmo que faz (pergunta sobre os lanches: coxinhas, pastéis, etc.)?</p> <p>I: não eu compro pronta.</p>
<p>Margarida: M Entrevistadora: E</p>	<p>E: é mesmo, seu marido trabalha?</p> <p>M: meu marido trabalhou, que agora ele tá paralisado.</p> <p>E: ele é aposentado é?</p> <p>M: é não, ele já fez cinco cirurgias. E essa cirurgia que ele fez agora, ele não tem mais...</p> <p>E: ele é doente de quê?</p> <p>M: não tem jeito mais não.</p> <p>E: ele é doente de que?</p> <p>M: ele arrancou uns negócios, ele fez três cirurgias de próstata. E essa de agora abriu tudo nele... aqui até em baixo (mostrando o tórax de baixo a acima) e arrancou tudo que não prestava dele.</p> <p>E: ele tá em casa ou no hospital?</p> <p>M: tá em casa.</p> <p>E: tá em casa, aí é a senhora que tá sustentando com tudo?</p> <p>M: é segurando. E eu aqui, eu tomo conta de três netos.</p> <p>E: seus filhos trabalham?</p> <p>M: não, não trabalham, tão tudo casado, agora tem três netos que eu tomo conta deles.</p> <p>E: eles casaram e cada um mora nas suas casas?</p> <p>M: cada um mora nas suas casas.</p> <p>E: a senhora só mora, a senhora, seu esposo e três netos?</p> <p>M: e três netos.</p> <p>E: e me diga uma coisa, é... aqui é bom pra senhora?</p> <p>M: é. Dá pra ir levando nê nega, que essa barraquinha eu pago água, eu pago luz, só não pago aluguel. Pago água, pago luz. é... compro meu colírio só pros olhos. Descasco laranja na mão que não podia descascar, mas não pude comprar uma máquina ainda, mas assim eu vou descascando e assim eu vou levando.</p> <p>E: e a senhora ganha mais aqui do quê ganharia em outro lugar?</p> <p>M: nega, eu nunca trabalhei em outro lugar, nê, aqui dá.</p> <p>E: a senhora consegue tirar um salário mínimo?</p> <p>M: nega, eu num vou dizer que consigo, porque tem semana que posso comprar as coisas, tem semana quando eu pago água, pago luz, compro meu colírio, num posso nem comprar mercadoria, compro fiado em Afogados. Com dois dias vou pagar.</p> <p>E: é... seus filhos lhe ajudam?</p> <p>M: não me ajudam, o que minha filha que estão todos parados. Tem dois que trava... já botei pra vender pipoca ali, que eu não agüento mais ajudar.</p> <p>E: é mesmo.</p> <p>M: é... tem um casado que tem dois filhos, mora no Pina e paga cento e oitenta conto de aluguel. E tá vendendo laranjinha ali também, que eu não agüentava mais.</p>
<p>Palma: P Entrevistadora:</p>	<p>E: pronto... quantos filhos a senhora tem?</p> <p>P: eu tenho sete</p>

E	<p>E: s...e...t...e filhos!</p> <p>P: e tem quatro desempregados.</p> <p>E: eita e a senhora... seu esposo trabalha?</p> <p>P: ele é doente, ele faz hemodiálise.</p> <p>E: mas ele, recebe aposentadoria?</p> <p>P: não, ele não é aposentado não.</p> <p>E: é só com o dinheiro da senhora daqui?</p> <p>P: é daqui, eu e ele.</p> <p>E: ele vem pra cá também?</p> <p>P: é, mas fica um pouquinho e vai embora, que ele não agüenta... oi perdeu os dois rins e tem cirrose no fígado.</p> <p>E: eita.</p> <p>P: ele fez uma biopsia agora do fígado, ele tem hepatite C no fígado.</p> <p>E: mas ele bebia antes, era?</p> <p>P: bebia.</p> <p>E: ah, entendi, foi por conta da bebida, nê.</p> <p>P: (ela balançou a cabeça afirmativamente)</p> <p>E: dá, a senhora tira mais que um salário mínimo da aqui por mês?</p> <p>P: se tiro? tira</p> <p>E: tira, é melhor tá aqui do que em outro lugar, por causa do dinheiro.</p> <p>P: é, eu não quero um emprego não, eu quero tá aqui mesmo.</p> <p>E: é mesmo, mesmo sem carteira assinada?</p> <p>P: mesmo sem carteira assinada.</p> <p>E: por que?</p> <p>P: porque, carteira assinada você vai ganhar um salário, você vai ganhar um salário e é pouco não dá. Veja eu tenho três neto. É uma menina com quatro, e um menino com cinco e um com nove, ele estuda... eu vou até pagar o reforço dele esse ano, que ele tem oito ano, nove anos e não sabe lê direito, porque eu não sei, a mãe dele, ela tinha dificuldade de estudar. Então, aí compro o gás daqui, agente não faz feira, num vou dizer a você, não faço feira não, mas compro um quilo de feijão, um quilo de arroz, um pacote de macarrão, um quilo de galinha, almoço, de noite compra fuba, nê, faz um cuscul.</p>
<p>Gardênia: G</p> <p>Entrevistadora:</p> <p>E</p>	<p>E: é... tu consegue tirar mais que um salário mínimo aqui?</p> <p>G: com certeza.</p> <p>E: é mesmo.</p> <p>G: só cento e cinquenta (reais) eu pago a menina pra tomar conta da minha menina de cinco meses.</p> <p>E: é mesmo?</p> <p>G: fora a despesa nê, e é eu sozinha.</p> <p>E: e vem cá tu é casada?</p> <p>G: sou amigada.</p> <p>E: teu marido trabalha?</p> <p>G: meu marido tá preso.</p> <p>E: eita... aí tu tá sustentando a casa sozinha... ele é teu primeiro marido ou segundo?</p> <p>G: marido é primeiro.</p> <p>E: sei e aí tu tá na... na dificuldade sozinha nê... então pra tu é mais importante, cê ficar aqui nê?</p> <p>G: (ela balançou a cabeça afirmativamente).</p>

<p>Liatriis: L Entrevistadora: E</p>	<p>E: é... e, e o que você... e... trabalhar aqui dá para você, você acha que atende? L: atende E: é você que sustenta a casa sozinha? L: é eu. E: sei... e aqui você ganha mais do que quando como era doméstica? L: ganha mais porque todo dia agente tem dinheiro e doméstica agente ganha por mês. E: mas mesmo somando dá mais, mesmo somando dá mais. L: dá mais. E: é mesmo? eu pensei que não desse. L: dá mais.</p>
<p>Gloriosa: Gl Entrevistadora: E</p>	<p>E: e... me diz uma coisa, o que cê ganha aqui, cê acha que cê ganha mais aqui do que em outro lugar ou não? Gl: dá pra ganhar... ganha mais do que agente trabalhar de carteira assinada... E: é mesmo? Gl: dá pra tirar o sustento legal. E: ganha mais que um salário mínimo? Gl: ganha. E: é mesmo? Gl: se olhar direitinho ganha. E: mesmo tirando o que você tem que repor tudo, ganha mais? Gl: é quase isso, entendeu, quase isso, depois que agente faz, recolhe tudinho, aí dá quase isso.</p>
<p>Angélica: AN Entrevistadora: E</p>	<p>E: e vem cá... tu acha que aqui tu ganha mais do que em nos... nos bares por exemplo? AN: é. E: tu já calculou e aqui você ganha mais? AN: é mais.</p>

As mulheres ambulantes e os sentidos que atribuem as atividades remuneradas que realizam no metrô:	
Interlocutoras	As falas das mulheres
A: Amarílis E: Entrevistadora	E: e vem cá, é... quando as pessoas perguntam o que é que você vem fazer aqui, você diz que vem fazer o quê aqui? A: trabalhar.
T: Tulipa E: Entrevistadora	E: quando alguém pergunta, o que é que você vai fazer no metrô, você diz que vem fazer o quê? T: trabalhar. E: considera que aqui é o teu trabalho... T: é... ambulante... é.
Es: Estrelícia E: Entrevistadora	E: quando perguntam assim: o que é que você vai fazer no metrô, você diz que vem que fazer o que aqui? Es: negociar, trabalhar.
I: Íris E: Entrevistadora	E: quando alguém pergunta, o que é que você vai fazer no metrô, você diz que vem fazer o quê? I: aí, eu resolvi negociar, pra comprar alguma coisa pro menino.
M: Margarida E: Entrevistadora	E: é... quando pergunta o que a senhora vem fazer aqui, a senhora diz que vem fazer o quê aqui? M: trabalhar. E: esse aqui é o seu trabalho. M: de domingo a domingo, que eu num folgo aqui. E: a senhora fica de domingo a domingo? M: é domingo a domingo, porque tem dia aqui você não, tem dia aqui que o movimento é pra baixo, eu faço quinze conto vinte, não dá pra nada nê, e um... E: qual é o normal? M: e o domingo dá pro outro fazer um trocadinho melhor, um vai pra praia, um vai dançar, outro vai beber, outro vai namorar e diminui as pessoas, eu faço meu trocado pra pagar a minha venda, pra pagar minha água, entendeu, comprar alguma coisa pra dentro de casa comprar alguma coisa. E: a senhora fica aqui então de domingo a domingo, chega de que horas? M: eu chego de sete, chego de oito, chego de nove, depende do. E: e vai embora de que horas? M: vou embora de nove horas da noite, todo dia.
P: Palma E: Entrevistadora	E: me diga uma coisa, quando alguém pergunta o que a senhora vem fazer aqui no metrô, a senhora diz que vem fazer o quê? P: eu vou negociar, ganhar o meu pão todo dia, ainda, às vez ainda dou o almoço a alguém, passa aqui tô com fome, aí eu tomo come (ela pára pra atender uma freguesa).
G: Gardênia E: Entrevistadora	E: ah, cê mora aqui perto nê, ok tem mais alguma coisa que você importante falar que eu não tenha te perguntado? G: (ela balança a cabeça negativamente) E: ah tem uma coisa, quando o pessoal pergunta o que é que cê vem fazer aqui, você diz que vem fazer o que aqui? G: trabalhar. E: aqui é o teu trabalho então pra você? P: (ela balança a cabeça afirmativamente).
L: Liatris E: Entrevistadora	E: desse menos, dá mais nê, quê que você considera o que você faz aqui, se alguém te perguntasse o quê que você faz aqui, cê diria que você faz o quê? L: vendo, é vendo pipoca, confeito, salgadinho, essas coisas. E: e isso é o quê pra você, é o seu o quê? L: é minha sobrevivência. E: sua sobrevivência, nê a sua forma de viver, você vê isso aqui como seu trabalho? L: como meu trabalho.
Gl: Gloriosa E: Entrevistadora	E: e me diz uma coisa, quando perguntam pra você, o que é que cê vem fazer aqui? cê diz que vem fazer o que aqui? Gl: trabalhar.
A: Angélica E: Entrevistadora	E: eita, bem novinha nê? e me diz uma coisa é, quando, alguém te pergunta assim, por exemplo, o que é que você vem fazer aqui, qual é a idéia que vem na tua cabeça? você vem aqui fazer o quê? AN: trabalhar.

As mulheres ambulantes e o que vão fazer se chegarem a ser expulsas do metrô:	
Interlocutoras	As falas das mulheres
A: Amarílis E: Entrevistadora	E: o pessoal tava falando que iriam tirar vocês daqui, tu ouviu falar nisso? A: já. E: o que é que tu acha disso? quem tava me dizendo foi até o pessoal, as meninas dali (as outras vendedoras do metrô), o que é que tu achas? A: é... tá errado. E: tu vai fazer o que se acontecer isso? A: eu, se acontecer isso, eu já vou procurar outro lugar nê, pra trabalhar. E: tu tens algum lugar em mente? A: tenho, Boa Viagem. E: Boa Viagem, ali naquela parte da praia é? A: não na... perto do Laçador por ali, na parada do ônibus. E: ah... e ali é bom também nê? A: é. Eu já trabalhei ali.
T: Tulipa E: Entrevistadora	E: o que você pretende fazer se tiver que sair daqui do metrô? T: é ter a loja (de gesso) e montar o próprio negócio. E: han, han... mas aí quando você está pensando no teu futuro seria voltar pra essa coisa da loja? T: é. Porque eu mesmo crio minhas coisas, meus desenhos, tudinho, aí pronto.
Es: Estrelícia E: Entrevistadora	E: trabalhar nê... e se tiver aquela história de tirarem vocês daqui, o que é que você vai fazer? Es: eu tenho que procurar outro lugar pra... trabalhar nê, porque eu não posso parar, porque quem vai me dar? E: é verdade. Es: infelizmente, oi, quem tem dinheiro não se lembra daquelas pessoas que não tem... porque assim veja, se eu sou a dona da EMTU, eu sou a dona, então é claro... claro que eu tenho muito dinheiro, mas eu tenho que colocar uma coisa na minha cabeça que também tem muitos que estão necessitados numa hora dessa, não tem nem um pão pra comer... e através daqui mesmo, quantas pessoas eu negociando já ajudei? E: é verdade. Es: porque, a pior coisa é você procurar no armário e não encontrar um quilo de feijão... E: é verdade. Es: e quantas pessoas, essa estação saindo irão ficar desempregadas? E: é verdade. Es: sem ter um pão para comer, ou até um leite para dar ao seu filho? então, eu acho assim que as pessoas que vão tirar agente daqui, que eu sei que um dia vai tirar mesmo... deveria nos dar alguma coisa, um pontozinho, alguma coisa para que agente continue prosseguindo... nê, para que não deixe faltar, porque eu como já passei por necessidade já, já procurei um pão pra comer e não com... não encontrei, eu sei o que é isso, hoje em dia graças a Deus, o senhor até aqui até... nos ajudado nê.
I: Íris E: Entrevistadora	E: o que é que você pensa assim, por exemplo: você pensa em continuar aqui? I: não, isso aqui vai sair. E: e o que é que você vai fazer quando sair? I: vou ter que procurar um emprego nê, em casa de família, ou num bar, qualquer coisa.
M: Margarida E: Entrevistadora	E: e me diga uma coisa... o pessoal... eu já tava ouvindo um boato, que vocês iam sair daqui o que é que a senhora acha? M: fia oia, esse boato eu passei oito dias sem comer. E: foi mesmo? E: acredita você? porque eu pensando na minha vida... aonde é que eu vou colocar essa carroça? aonde é que eu vou trabalhar? aonde é que eu vou ficar? que eu só vivo dessa carroça? não tenho outro recurso, não sou aposentada, não sou nada... e eu... fiquei quase paralisada assim o (ela fica parada por uns segundos) ... mais Deus foi tão bom, que me viu tanta agonia em mim que parou. Puxa esses homens não chegou aqui ainda não, tô esperando, ou amanhã, ou

	<p>mais tarde, ou depois... a conversa é essa. E: se acontecer a senhora sabe aonde vai? M: eu vou ficar nas grades (do lado de fora da estação). E: nas grades nê? M: e eu vou pra onde com essa carroça? eu não posso puxar essa carroça daqui pro Derby, daqui pra cidade, vir num dia... eu vou fazer o quê? E: a senhora todo dias traz as coisas da sua casa e leva? M: todo dia eu trago e levo, pronto hoje mesmo, eu trouxe a carroça botei aqui, trouxe o carro de mão botei aqui. Que meu filho foi levar o filho dele mais velho pra fazer uma cirurgia, num sei aonde que ele levou um baque que isso aqui entrou pra dentro (mostrando o pulso), e ele até agora não chegou.</p>
<p>P: Palma E: Entrevistadora</p>	<p>E: e... se tirarem a senhora daqui, como tem esse boato de tirarem o pessoal? M: meu Deus da glória, eu boto (o seu banco) ali do outro lado no sol. (referindo-se a ficar vendendo atrás da grade externa do metrô) E: não vai desistir não nê, é forte mesmo... P: nê não? eu vou botar ali, eu não vou fazer bagunça, que eu sou evangélica. E: certo. P: mas eu boto ali do outro lado, compro outra sombrinha e boto. Tem um rapaz que me bota chapéu, eu pago no apurado. E: entendi, entendi, quer dizer que a senhora é... P: guerreira, desde os seis anos de idade que eu trabalho na rua. E: muito bom, muito bom viu... é porque ... P: porque Deus abençoe nê, até aqui ele não impatou agente sair, nê não? Não impatou e eu espero que ele dê um tempo nê, sei lá... E: é... eu vou torcer... P: no dia em que disseram: vai sair... eu chorei tanto. E: eu vou torcer pra que não saia, viu... P: obrigada, eu chorei...</p>
<p>G: Gardênia E: Entrevistadora</p>	<p>E: também não nê... e vem cá se c... se tiverem essa história que vocês vão sair daqui, o que é que você vai fazer? G: eu? rapaz, estudo e botar currículo por aí...</p>
<p>L: Liatris E: Entrevistadora</p>	<p>E: que dizer que se você pudesse escolher você não taria aqui é? L: se eu pudesse escolher um emprego bonzinho mesmo pra mim, lógico que não. E: é mesmo? mas você me disse ontem que aqui era legal porque você fazia o seu horário também, não foi? L: é certezaza. E: mais ainda assim se você pudesse. L: mas tem suas conseqüências que é através disso, no caso de doença, você não tem um INPS, você não tem onde correr. E: entendi, então se você pudesse, o teu futuro não seria aqui... se você tivesse condições... L: vendendo pipoca não. E: mas você já procurou outras coisas? L: já mas, quantos não tem desempregado? você bate, porta fechada. Quantos até formado mesmo por aí... várias coisas: professores, médicos... E: han, han... L: estão fazendo outra coisa, porquê o desemprego tá grande. E: han, han L: não é isso? E: han, han L: até você pegar um saco de pipoca e vender no ônibus é lucro, nê? E: entendi. L: porque não tem um emprego, você bota um currículo pra consegui um emprego você morre de fome. E: entendi, ficar aqui é divertido? você gosta, você faz amizade, conhece pessoas... L: gosto, porque é tudo uma família só, todo mundo se compreende.</p>
<p>Gl: Gloriosa E: Entrevistadora</p>	<p>E: não sei. O que é que você deseja pro seu futuro? Gl: bom, sem esse emprego, com certeza, eu vou tá um fracasso. Porque isso aqui é o meio como agente ganha o pão da gente, entendeu, é suado e se isso aqui um</p>

	<p>dia sair, como tem realmente comentários...</p> <p>E: hun, hun...</p> <p>Gl: agente vai penar muito, quer dizer, vai ser muita mãe de família e pais de família desempregado, porque agente depende de isso aqui, entendeu? que é um trabalho honesto, entendeu? aí outro lugar agente não vai ter, vai ser aquela agonia, meio de rua, pegar ônibus, desce ônibus, na pista...</p> <p>entrevistadora: hun, hun. Cê não trabalhou assim ainda não, sempre foi aqui nê?</p> <p>Gl: não, graças a Deus e gostaria de continuar (risos).</p> <p>E: e.. vem cá, se amanhã eles resolverem tirar, cê nem sabe o que vai fazer?</p> <p>Gl: é, agente... eu fico... tô perdida nê se isso acontecer, eu vou tá perdida...</p>
<p>AN: Angélica E: Entrevistadora</p>	<p>E: e vem cá, tem uma história que eu ouvi que o pessoal tá pra tirar vocês daqui, o que é que cê está pensando sobre isto?</p> <p>AN: é... se tirar, a maioria do pessoal depende disso nê? vai ficar como?</p> <p>E: tá pensando em fazer o quê? já tem um plano b pra se isso acontecer, o que é que você vai fazer?</p> <p>AN: pode ser... tem muitas coisas pra fazer, como vender água pelas ruas andano, pipoca, porque andano ninguém incomoda tá entendeno?</p> <p>E: já pensou em trabalhar como doméstica?</p> <p>AN: já</p> <p>E: e porquê não foi?</p> <p>AN: porque não apareceu ainda.</p> <p>E: você não acha um trabalho ruim não?</p> <p>AN: não, é como se você tivesse dentro de casa, também...</p>

As mulheres ambulantes do metrô e as suas expectativas profissionais futuras:	
Interlocutoras	As falas das mulheres
A: Amarílis E: Entrevistadora	E: trabalhar... o que é que você pensa do teu futuro profissional? A: eu penso em trabalhar e estudar. E: mas quando tu se vê assim no futuro, quando agente para... agente num sonha às vezes nê? aí quanto tu sonha com o futuro, você pensa em quê? A: eu penso em estudar, fazer faculdade, terminar meus estudos. E: sério? você queria trabalhar de quê? A: qualquer emprego. E: entendi. A: qualquer emprego que tivesse, nê.
T: Tulipa E: Entrevistadora	E: e vem cá, quando você pensa, assim, no seu futuro profissional, o que é que você pensa? T: rapaz... E: você pensa em continuar aqui? o que é que você tá pensando? T: eu penso em ter, assim, o meu próprio negócio mas não aqui. E: por exemplo? T: tá entendo? E: o que é que você pensaria... T: eu gosto muito de trabalhar assim, com pinturas, com essas coisas assim, que eu já trabalhava. E: é mesmo? T: é. Com gesso, essas coisas assim, aí eu pretendo assim, no futuramente, eu ter a minha própria lojinha de gesso.
Es: Estrelícia E: Entrevistadora	E: é nê, quando você pensa no teu futuro profissional, tu pensa em quê? Es: eu gostaria nê, assim de ter um trabalho melhor, gostaria muito nê, pra poder ter a carteira assinada. Eu gostaria muito mas como que eu já andei muito coloquei muito currículo e não, até aqui nada. Aí eu tô aqui até no tempo de Deus.
I: Íris E: Entrevistadora	E: você compra pronta nê. E me diz uma coisa, quando você pensa do teu futuro profissional, o que é que você pensa pra você? I: futuro... eu penso em... comprar uma casa pra mim e cuidar dos meus filhos. E: e em trab... I: tirar minha mãe aqui desse Coque. E: tu mora aqui com ela (no Coque)? I: moro E: o que é que você pensa assim, por exemplo: você pensa em continuar aqui? I: não, isso aqui vai sair.
M: Margarida E: Entrevistadora	E: e me diga uma coisa, quando a senhora pensa no seu futuro, a senhora pensa em quê? M: meu futuro? minha fia, eu só penso de... ter uma coisa melhor nê? que a idade já tá chegando e eu tô cheia de dor: tenho o joelho enchado, bico de papagaio nos pinhaço, os olhos operados, que eu operei os dois olhos, pronto agora mesmo eu tô marcada pra ir pra médica, pra médica passar outro colírio, é... é vinte e quatro real e eu num sei qual o futuro que eu vou. Deus é quem sabe. E: é... a senhora pudesse escolher a senhora estaria aqui ou estaria em outro lugar? M: não minha fia eu só fico aqui. Porque aqui é perto da minha casa, não tem ladeira e eu já conheço todo mudo aqui, eu só queria ficar aqui mesmo. Não, não, faz treze anos que eu trabalho aqui nê, e todo mundo me conhece. Quando aquela barraca foi feita ali (mostrando a barraca de uma colega do metrô), a mulher da barraca já me encontrou na frente dela trabalhando aqui dentro, entendeu. Eu que fundei aqui. Esses abrigos foi começando e eu acompanhando, acompanhando, acompanhando... e aqui eu to, e eu não saio daqui não, se começar a me tirar eu fico nas grades, eu fico no arredor da estação, fico no fundo, fico de quina, eu só quero ficar trabalhando aqui eu vou viver de quê?
P: Palma E: Entrevistadora	E: me diga uma coisa quando a senhora pensa no seu futuro profissional, a senhora pensa em quê? P: oi eu penso, é que eu tô estudando, sabe pra ensinar em creche. E: é mesmo? P: (ela sorri), porque isso não é futuro (se referindo ao trabalho no metrô).

	<p>E: a senhora quer sair daqui? P: não, eu não quero sair. E: quer ficar nos dois. P: é porque, eu vê vou pagar nê, porque tem um curso aí que tem o pedagogia que eu quero fazer, paga nê. E: certo, certo, a senhora quer fazer. P: eu vou tirar a mensalidade daqui. E: a senhora quer fazer as duas coisas, então. P: é, eu quero fazer magistério e pedagogo.</p>
<p>G: Gardênia E: Entrevistadora</p>	<p>E: é... e me diz uma coisa, é... no caso... você, quando você pensa do teu futuro profissional o que é que você... G: eu? E: sim, quando você olha pro futuro o que é que você pensa? G: uma enfermeira, ser uma enfermeira. E: mas de verdade, tu vai estudar e tudo, ou é só vontade, assim... G: vou, vou voltar o... é porque eu descansei este ano em junho. Foi cesário e também já no meio do ano, aí eu não voltei a estudar não. E: sei... G: aí talvez eu volte a estudar o ano que vem.</p>
<p>L: Liatriis E: Entrevistadora</p>	<p>E: e... vem cá me diz uma coisa... o quê é que você pensa do teu futuro. Quando você pensa assim do teu futuro, o quê é que você quer para o seu futuro? L: eíta, pro meu futuro, lógico que eu gostaria de uma coisa melhor do que essa aqui. E: o quê por exemplo? L: porque, veja só isso aqui não é futuro não, isso não tem carteira assinada se você cair doente... e aí não é isso? E: han, han... L: você não vai ter um INPS. E: han, han. L: porquê aqui agente não paga INPS. E: han, han L:então, agente com certeza gostaria de um emprego bom, agora que não fosse casa de família, como assim... uma fábrica, qualquer coisa menos... (ser doméstica de novo).</p>
<p>Gl: Gloriosa E: Entrevistadora</p>	<p>E: e... o que é que você pensa do teu futuro profissional? Gl: ah meu futuro profissional.. eu pensava que deveria, poderia ter sido lindo, mas eu não tive oportunidade, não me deram muitas opções, entendeu? se eu tivesse tido mais opções, eu teria sido uma secretaria.</p>
<p>A: Angélica E: Entrevistadora</p>	<p>E: trabalhar nê. E você pretende continuar aqui? quando você pensa no teu futuro, o que é que pensa do teu futuro profissional? AN: (parou para pensar) profissional, assim... ter um trabalho digno, próprio nê. Dá um futuro muito mais melhor pra minha filha. E: mas, seria aonde, por exemplo? fazendo o quê? cê se vê fazendo o quê? AN: em firma, secretária, assim. E: é? mas cê pretende o quê? (paramos para ela atender a um cliente que queria comprar pipoca do outro lado da rampa do metrô) como é que cê pretende alcançar isso? AN: pretendo o que, continuar meus estudos, bota currículo e assim conseguir alguma coisa melhor. E: cê tá estudando esse ano? AN: não. E: cê pretende estudar o ano que vem? AN: com certeza.</p>

ANEXO D- Termo de Consentimento Livre e Informado**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO**

TÍTULO DO PROJETO: NA LINHA DO METRÔ - Um estudo dos sentidos do trabalho para as mulheres que atuam como ambulantes nas estações do metrô de Recife.

INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL: UFPE

A Sra está sendo convidada a participar do estudo científico que tem como finalidade principal investigar os sentidos do trabalho para as mulheres que atuam como ambulantes nas estações do metrô de Recife.

A realização desta pesquisa poderá trazer como benefícios a todas as participantes e à sociedade, um maior conhecimento e maiores informações sobre o universo que permeia a realidade das mulheres que trabalham na informalidade na Cidade do Recife.

No que diz respeito a riscos as participantes, esta pesquisa poderá acarretar: possíveis constrangimentos face às perguntas sobre a família e a renda familiar; possíveis obstáculos à relação familiar face a participação na pesquisa.

Será utilizada a entrevista individual como instrumento de coleta de dados, gravada em fita K7 e ou filmado. A identidade da entrevistada será preservada. Os resultados do estudo serão divulgados em congressos, publicações científicas e/ou publicações de modo geral.

Qualquer esclarecimento de que necessite, poderá entrar em contato com Ana Cláudia Alexandre da Silva, autora do estudo, pelo endereço: Departamento de Pós-Graduação em Psicologia, da UFPE, localizada na s/n, Cidade Universitária; telefone: (81) 2126 8730, ou e-mail: psianaclaudia@oi.com.br

Minha participação é voluntária e está formalizada por meio da assinatura deste termo em duas vias, sendo uma retida por mim e a outra pela pesquisadora. Poderei deixar de participar a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo à minha pessoa.

Pesquisador: _____

Participante: _____

_____, _____ / _____ /2007.

ANEXO E- Roteiro para as Observações

- 1- Como se distribuem e se localizam os(as) ambulantes que trabalham na Estação?
- 2- Quem são os (as) ambulantes do metrô?
- 3- Como funciona a logística destas ambulantes?
- 4- Quais os produtos que são vendidos diariamente na Estação?
- 5- Quais as características que permeiam as relações interpessoais no ambiente da estação do metrô?

ANEXO F- Roteiro para as Entrevistas

- 1-Há quanto tempo esta no metrô?
- 2-O motivo que a levou a vir para o metrô?
- 3-Como vê as atividades remuneradas que realizam e quais os sentidos desta para si?
- 4-Em relação ao dinheiro que ganha no metrô, em que ele é investido, é destinado para o sustento da casa?
- 5-Alguém mais colabora com o sustento da casa, como o marido, ou companheiro, ou os filhos?
- 6-Quais os seus planos para o futuro?

ANEXO G- Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. N.º 285/2007 - CEP/CCS

Recife, 04 de outubro de 2007

Registro do SISNEP FR – 151463

CAAE – 0294.0.172.000-07

Registro CEP/CCS/UFPE Nº 292/07

Título: “ Na Linha do Metrô – Um estudo dos sentidos do trabalho para as mulheres que atuam como ambulantes nas estações do metrô do Recife”

Pesquisador Responsável: Ana Cláudia Alexandre da Silva

Senhora Pesquisadora:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) registrou e analisou, de acordo com a Resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o protocolo de pesquisa em epígrafe, aprovando-o e liberando-o para início da coleta de dados em 03 de outubro de 2007.

Ressaltamos que o pesquisador responsável deverá apresentar relatório ao final da pesquisa (31/04/2008)

Atenciosamente

Prof. Geraldo Bosco Lindoso Couto
Coordenador do CEP/ CCS / UFPE



José Ângelo Rizzo
Vice - Coordenador do CEP/CCS/UFPE

A
Mestranda Ana Cláudia Alexandre da Silva
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – CFCH/UFPE

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)